

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

ALINE SILVA RAMOS

**ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA DE ÁREAS URBANA E PERI-
URBANA RIBEIRINHA DO MUNICÍPIO DE SANTANA/AP: RELAÇÃO ENTRE
URBANIZAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA**

Macapá
2015

ALINE SILVA RAMOS

**ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA DE ÁREAS URBANA E PERI-
URBANA RIBEIRINHA DO MUNICÍPIO DE SANTANA/AP: RELAÇÃO ENTRE
URBANIZAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Amapá, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Área de concentração: Saúde Pública e Epidemiologia

Orientação: Dr^a Anneli Mercedes Celis de Cárdenas.

Macapá

2015

ALINE SILVA RAMOS

**ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA DE ÁREAS URBANA E PERI-
URBANA RIBEIRINHA DO MUNICÍPIO DE SANTANA/AP: RELAÇÃO ENTRE
URBANIZAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA**

Dissertação apresentada para Conclusão do
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*
(Mestrado) em Ciências da Saúde da
Universidade Federal do Amapá.

Área de concentração: Epidemiologia

Orientação: Dr^a Anneli Mercedes Celis de
Cárdenas.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a. Anneli Mercedes Celis de Cárdenas – Presidente – UNIFAP

Prof^a Dr^a Maria Izabel Tentes Cortez – UNIFAP

Prof. Dr. Álvaro Augusto Ribeiro D’Almeida Couto – UNIFAP

Prof. Dr. Augusto Oliveira Junior – IEPA

Macapá

2015

Dedico este trabalho a todos aqueles que ainda acreditam que vale a pena lutar pelo resgate do verdadeiro sentido de ser humano, do verdadeiro valor da vida, de uma existência mais altruísta, construída sobre as coisas que não perecem.

“E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gálatas 6.9).

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida, o primeiro agradecimento é a Deus, “porque dEle, e por meio dEle, e para Ele são todas as coisas. A Ele, pois, a glória eternamente. Amém” (Romanos 11.36). Ele é a origem, o meio e o fim de todas as coisas. E se todo bom dom provem dEle, todo dom a Ele deve redundar em glórias. Pois nenhuma outra pessoa jamais ensinou ao mundo a real plenitude e sentido da existência humana como Jesus Cristo, e é Ele quem me relembra para onde se deve caminhar e o que precisa e merece ser valorizado nesta vida. Sem Sua força, sem Sua inspiração, Sem a capacitação que só pode vir dEle, não teria sido possível chegar até aqui.

Em segundo lugar, agradeço aos meus pais, Carlos e Selma Ramos, que sempre foram instrumentos tão preciosos usados por Deus para me ensinar sobre o valor da vida e do ser humano, o valor do simples, das raízes, dos relacionamentos, do cuidado ao outro. Vocês são meus exemplos e palavras não podem expressar minha gratidão por todo o apoio e cuidado de vocês durante toda minha vida. Meu agradecimento especial à minha mãe, que foi minha editora oficial e leu e corrigiu com tanta paciência e afinho este trabalho, para que o melhor pudesse ser oferecido. Vocês são meu tesouro!

Agradeço aos meus irmãos, Janete e Renato Ramos, que sempre foram companheiros tão especiais de caminhada e que sempre me lembraram que daria certo e que eu conseguiria oferecer meu melhor. Em especial, à uma das minhas maiores motivadoras nesse processo de Mestrado, minha irmã, Janete Ramos – ela que me incentivou e convenceu a iniciar e prosseguir nesse caminho e que nunca me deixou desistir e que sempre me fez acreditar que daria certo. Ofereço essa vitória a você, mana!

À toda minha família, em especial meus tios Sandra e Carlos Galan, e Márcia e Chico Toscano, meus primos e amores Yasmim, Gabrielly e Carlos Eduardo. E meus agradecimentos especiais à Faculdade Madre Tereza, em nome do Núcleo de Iniciação Científica (NEI), que deu todo o apoio possível na realização desta pesquisa, apoio sem o qual teria sido muito difícil concluir esta análise.

Meus agradecimentos especiais também à querida Léa Ayres, secretária do PPGCS, que em todo tempo não mediu esforços para me auxiliar na conclusão deste projeto. E à minha querida orientadora, Anneli Cárdenas, que sempre foi tão paciente e compreensiva, e sempre acreditou em mim. Muito obrigada!

Uns se dizem ricos sem terem nada;
outros se dizem pobres, sendo mui ricos.
(Bíblia Sagrada, Provérbios cap. 13, v. 7)

RESUMO

A presente pesquisa foi do tipo documentação direta, com caráter descritivo e quantitativo, tendo como objetivo verificar a relação existente entre urbanização e nível de qualidade de vida de moradores de área urbana e peri-urbana ribeirinha do município de Santana/AP, a partir da mensuração do índice de Felicidade Interna Bruta dos indivíduos. O local de pesquisa foi a área urbana e peri-urbana ribeirinha do município de Santana, com população constituída pelos moradores das respectivas áreas. A amostra foi composta por 270 moradores, divididos em 3 grupos de indivíduos: moradores de bairros centrais e de bairros periféricos da área urbana (áreas 1 e 2), e moradores da área peri-urbana ribeirinha do referido município (área 3). Os indivíduos foram escolhidos a partir da técnica de Amostragem por Conglomerados de dois estágios, com 9 conglomerados primários (ruas), 5 secundários (residências) para cada primário, e 2 indivíduos para cada secundário, totalizando, assim, 90 indivíduos para cada subárea de pesquisa. Fizeram parte da amostra desta pesquisa indivíduos com idade entre 18 e 85 anos, de qualquer sexo, que residissem há mais de 1 ano no local de pesquisa e que aceitaram livremente participar da coleta de dados. Foram excluídos indivíduos com problemas neurológicos, capacidade de compreensão comprometida, incapacidade de fala e/ou audição, além daqueles que preencheram inadequadamente os instrumentos de coleta de dados ou desistiram de se manter como participantes. A coleta de dados foi direta e ocasional, com aplicação de modelo adaptado do questionário de Felicidade Interna Bruta proposto por Silva (2011). A análise estatística dos resultados foi feita através dos dados de estatística e inferencial, por meio de Teste ANOVA 2 critérios e, quando acusada diferença estatística entre as áreas, Teste Tukey. Os resultados mostraram que a quantidade de moradores da área peri-urbana ribeirinha classificados como possuidores do índice máximo de FIB, característico de Qualidade de Vida Muito Boa, apresentou diferença estatisticamente significativa em relação ao número encontrado nas duas áreas urbanas, sem diferença significativa entre as duas populações urbanas entre si. As 4 dimensões mais influentes para o índice estatisticamente superior de Qualidade de Vida Muito Boa na população ribeirinha foram o melhor relacionamento com o ambiente ecológico em que vivem (Diversidade e Resiliência Ecológica), com a comunidade local da qual fazem parte (Diversidade cultural e Vitalidade Comunitária), além do uso mais satisfatório de seu tempo. Assim, concluiu-se que os aspectos característicos do processo de urbanização têm influenciado na redução da Qualidade de Vida e do índice de Felicidade Interna Bruta dos indivíduos.

Palavras-chave: Qualidade de Vida. Felicidade Interna Bruta. Urbanização. Ribeirinhos.

ABSTRACT

It was a direct documentation, descriptive and quantitative research, aiming to verify the relationship between urbanization and level of quality of life of urban and peri-urban river areas' residents in the municipality of Santana/AP, through the measurement of the Gross National Happiness index of this individuals. The research took place at the urban and peri-urban areas river, with the population made up of the residents of the respective areas. The sample consisted of 270 residents divided into three groups of individuals: the residents of central and suburbs of urban areas (areas 1 and 2), and the residents of riverside peri-urban area of the municipality (area 3). Subjects were chosen from the sampling technique by conglomerates in two stages, with 9 primary conglomerates (streets), 5 secondary conglomerates (residential) for each primary ones, and two individuals for each secondary, totaling thus 90 individuals for each subarea search. The sample of this research was made for subjects aged between 18 and 85 years old, of either sex, who resided for more than one year on-site research and who agreed to freely participate in the data collection. Were excluded from the study subjects with neurological problems, impaired ability to understand, speech or hearing impairment, and those who completed the data collection instrument improperly or gave up to keep as participants. Data collection was direct and occasional, applying adapted model of Gross National Happiness questionnaire proposed by Silva (2011). The statistical analysis was performed using the inferential statistical data through ANOVA 2 criteria Test and, when accused statistical difference between the areas, Tukey Test. The results showed that the amount of residents of riverside peri-urban area ranked as having the maximum rate of FIB, characteristic of a Very Good Quality of Life, showed a statistically significant difference from the number found in the two urban areas, with no significant difference between the two urban population with each other. The 4 most influential dimensions of FIB for the statistically higher rate of Very Good Quality of Life in the peri-urban population were the best relationship with the ecological environment in which they live (Ecological Diversity and Resilience), with the local community to which they belong (Cultural Diversity and Vitality Community) and the most satisfying use of their time. Thus, it was concluded that the characteristic features of the urbanization process have influenced the reduction in quality of life and the Gross National Happiness index of individuals.

Keywords: Quality of Life. Gross National Happiness. Urbanization. Riverine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Indicação da organização da tabela de tabulação dos dados pesquisados em cada área de coleta.	59
Figura 2 – Organização das opções de resposta para cada pergunta do formulário segundo as colunas representativas dos 5 níveis de FIB da tabela de tabulação.	60
Gráfico 1 – Quantitativo final de respostas obtidas para cada nível de FIB, em cada uma das 9 dimensões, na Área Urbana Central.	73
Gráfico 2 – Quantitativo final de respostas obtidas para cada nível de FIB, em cada uma das 9 dimensões, na Área Urbana Periférica.	75
Gráfico 3 – Quantitativo final de respostas obtidas para cada nível de FIB, em cada uma das 9 dimensões, na Área Peri-urbana Ribeirinha.	77
Gráfico 4 – Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Muito Ruim entre as três áreas de pesquisa.	84
Gráfico 5 – Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Ruim entre as três áreas de pesquisa	85
Gráfico 6 – Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Regular entre as três áreas de pesquisa	86
Gráfico 7 – Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Boa entre as três áreas de pesquisa	88
Gráfico 8 – Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Muito Boa entre as três áreas de pesquisa	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões e indicadores do índice de Felicidade Interna Bruta aplicado no Butão.	45
Quadro 2 – Conglomerados primários selecionados em cada área de pesquisa.	55
Quadro 3 – Organização das perguntas incluídas em cada Dimensão do FIB.	61
Quadro 4 – Tabulação Quantitativa das Perguntas com respostas abertas.	63
Quadro 5 – Exemplo de contabilização dos resultados para cada nível de FIB em cada dimensão.	65
Quadro 6 – Demonstrativo de Cálculo para Total Final de respostas	66
Quadro 7 – Perfil da população residente na Área Urbana Central do município de Santana/AP.	68
Quadro 8 – Perfil da população residente na Área Urbana Periférica do município de Santana/AP.	69
Quadro 9 – Perfil da população residente na Área Peri-urbana ribeirinha do distrito da Ilha de Santana, município de Santana/AP.	69
Quadro 10 – Respostas para as perguntas 70 e 71, nas áreas 1, 2 e 3.	79
Quadro 11 – Respostas para perguntas 78, 79 e 80, nas áreas 1, 2 e 3.	80
Quadro 12 – Respostas para pergunta 75, nas áreas 1, 2 e 3.	81
Quadro 13 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 1.	83
Quadro 14 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 2.	84
Quadro 15 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 3.	86
Quadro 16 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 3.	87
Quadro 17 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 5.	88
Quadro 18 – Respostas para a pergunta 77, nas áreas 1, 2 e 3.	90
Quadro 19 – Respostas para a pergunta 73, nas áreas 1, 2 e 3.	90

Quadro 20 – Respostas para pergunta 69, nas áreas 1, 2 e 3.	91
Quadro 21 – Respostas para pergunta 81, nas áreas 1, 2 e 3.	92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS	18
1.1.1 Objetivo Geral	18
1.1.2 Objetivos Específicos	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1 DESENVOLVIMENTO, PROGRESSO E CAPITALISMO	20
2.1.1 Modernidade e Capitalismo	20
2.1.2 O perfil epidemiológico brasileiro no contexto moderno	26
2.1.3 Novo paradigma de desenvolvimento	29
2.2 FELICIDADE E QUALIDADE DE VIDA NO CONTEXTO SOCIAL MODERNO	32
2.2.1 Instrumentos de mensuração da Qualidade de Vida	35
2.3 DIMENSÕES E INDICADORES AVALIADOS NO ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA	40
2.3.1 As 9 Dimensões do FIB	40
2.3.3.1 Bem-estar psicológico e espiritual	40
2.3.1.2 Uso do tempo	40
2.3.1.3 Vitalidade comunitária	41
2.3.1.4 Diversidade cultural	42
2.3.1.5 Saúde	42
2.3.1.6 Educação	43
2.3.1.7 Diversidade e resiliência ecológica	43
2.3.1.8 Padrão de vida	44
2.3.1.9 Boa governança	44
2.3.2 Indicadores do FIB	45
2.4 CONCEITOS DE URBANIZAÇÃO	47
2.4.1 Características do Universo da Pesquisa	49
3 MÉTODO DE PESQUISA	51
3.1 TIPO DE PESQUISA	51
3.2 LOCAL E POPULAÇÃO	51
3.3 AMOSTRA	52
3.4 SELEÇÃO DA AMOSTRA	53

3.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	57
3.6 COLETA DE DADOS	57
3.7 ANÁLISE DOS RESULTADOS	58
3.8 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	67
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
4.1 PERFIL DA POPULAÇÃO ESTUDADA	68
4.2 ANÁLISE COMPARATIVA DO ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA (FIB), BEM COMO DAS 9 DIMENSÕES DO FIB, DAS TRÊS ÁREAS AVALIADAS	72
4.2.1 Panorama dos resultados encontrados em cada área de estudo e comparação entre as 3 áreas	72
4.2.2 Análise estatística comparativa entre as três áreas de pesquisa, em cada nível de FIB	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	100
ANEXO 1 – MAPA DA ÁREA URBANA DE SANTANA/AP – PARTE 1	104
ANEXO 2 – MAPA DA ÁREA URBANA DE SANTANA/AP – PARTE 2	105
ANEXO 3 – MAPA DA ÁREA URBANA DE SANTANA/AP – PARTE 3	106
ANEXO 4 – MAPA DA ÁREA URBANA DE SANTANA/AP – PARTE 4	107
ANEXO 5 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP UNIFAP	108

1 INTRODUÇÃO

A origem da ideia de progresso provem da Grécia Antiga, a partir da observação dos gregos a respeito do processo de crescimento do mundo, principalmente através dos estágios de avanços e melhorias. Assim, o termo crescimento passou a relacionar-se ao aumento dimensional de uma unidade, seja ela um país ou uma região, expresso pelo conjunto de bens e serviços acumulados num período e pelo número de habitantes (SZTOMPKA, 1998; PERROUX, 1981 apud CANDIDO, 2010).

A partir de então, o objetivo de todas as comunidades é o seu desenvolvimento, e este é frequentemente associado à riqueza, ou seja, se há produção de riquezas, considera-se um local desenvolvido, caso contrário, considera-se fracasso (CÂNDIDO, 2010).

Com o advento da “Era do Progresso”, termo utilizado para se referir ao século XIX, o progresso passa a ser tratado como sinônimo de industrialização, urbanização e modernização, conceito apoiado tanto pelo senso comum quanto pela filosofia, literatura, arte e ciências em geral. Na América, este ideal foi demonstrado tanto nos escritos da bandeira nacional brasileira – “Ordem e Progresso” - , quanto em ter se tornado slogan da ditadura liberal mexicana, no final daquele século (CÂNDIDO, 2010).

Desde o período colonial, o Brasil já apresentava cidades com grande porte, porém, somente a partir das primeiras décadas do século XX o processo de urbanização passou a tomar forma, influenciado pela Proclamação da República, pelo aumento do trabalho livre e pelo surgimento de uma indústria incipiente baseada na cafeicultura e no mercado interno (MARICATO, 2000)

A população urbana brasileira, em 1940, era de 26,3%, somando 18,8 milhões de habitantes. Em 2000, este percentual era de 81,2%, alcançando o impressionante índice de 138 milhões, revelando que, em 60 anos, os assentamentos urbanos cresceram em 125 milhões de pessoas. Apenas na última década do século XX, as cidades brasileiras aumentaram em 22.718.968 indivíduos, o que significa mais da metade da população canadense e um terço da francesa (MARICATO, 2000).

No entanto, as reformas urbanas brasileiras, realizadas entre o final do século XIX e início do século XX, tiveram como base um urbanismo “à moda da periferia”.

Ao mesmo tempo em que eram realizadas obras de saneamento básico, embelezamento paisagístico e fortalecimento das relações com um mercado imobiliário capitalista, a população incapaz de acompanhar este processo era marginalizada para os morros e periferias da cidade. Belém, Manaus, Recife, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro foram cidades que passaram por este conflito, neste período (MARICATO, 2000).

Assim, com a organização iminente das cidades, o território passou a ser dividido nas áreas urbanas e rurais. Porém, existem muitas divergências na forma de caracterizar essas duas áreas, fazendo com que não haja uma definição única e global de população urbana. O tamanho da localidade tem sido o parâmetro mais utilizado. Cerca de 35% dos 20 maiores países da América Latina utilizam esta característica para definir a população urbana, considerando um tamanho mínimo de 1.500 a 2.500 habitantes (CAIADO; SANTOS, 2003).

No entanto, de 1960 à atualidade, muitos países têm alterado seu conceito de área urbana, em função dos censos demográficos, incluindo condições específicas e qualificadoras do espaço urbano ou elevando as exigências do número mínimo de habitantes. Cerca de 30% dos países latino-americanos fazem uso também da categoria de áreas que são sede de municípios e/ou distritos, e outros ainda usam-se de leis para esta definição. Assim, em alguns casos, este conceito se torna demasiadamente complexo e com muitas exceções. O desenvolvimento mundial e as crescentes e aceleradas taxas de urbanização resultam neste conflito presente (Ibid).

Contudo, diante de toda esta conjuntura, emerge a necessidade de olhar para as pessoas envolvidas neste processo, avaliando questionamentos como os de Frehse (2001): Como elas têm percebido essas intensas mudanças históricas, de uma sociedade antes rural, hierarquizada, referenciada pela casa patriarcal, e agora pautada na racionalidade do capital? Como elas têm sido afetadas por este novo universo fortemente influenciado pelas antigas concepções “socioculturais escravistas e rurais”?

Como mencionou Cândido (2010):

De que vale dizer que um país ou uma região é mais desenvolvida se as pessoas que ali vivem estão trabalhando mais, tendo menos tempo de lazer, estão mais inseguras frente à violência ou à instabilidade de emprego, estão ficando mais doentes, seja por excesso de poluição ou por má alimentação, e ficando mais alienadas?

O que se tem observado é que todo o crescimento econômico e tecnológico característico da sociedade capitalista e globalizada que vivemos não tem se mostrado eficaz para reduzir as mazelas sociais. Ao contrário do esperado, tem crescido o número de casos de doenças psiquiátricas e psicossomáticas, o nível de estresse, a violência, a desconstrução familiar, a seriedade e respeito para com a educação. Valores que foram fundamentais para o sustento de diversas sociedades no mundo, durante toda a história da humanidade, têm se perdido diante deste novo modelo de mundo que vivemos.

A internet e os celulares que têm se difundido amplamente na sociedade moderna, apesar de todos os benefícios que certamente trazem, também têm sido apontados como geradores de distâncias – exatamente quando deveriam trazer aproximações. As relações tornaram-se mais superficiais e artificiais, a presença humana nos relacionamentos encontra-se em colapso e, mesmo quando as pessoas estão juntas, comumente encontram-se separadas através de seus variados meios eletrônicos de se manterem ocupadas.

As pessoas possuem, hoje, um ritmo de vida como nunca se viu antes. Estudos, trabalho, necessidade de aperfeiçoamento profissional, busca por melhores posições sociais têm quase extinguido da vida da maioria dos habitantes de grandes centros urbanos o tempo para o lazer, a vida familiar, os relacionamentos. Mesmo quando em suas casas, sempre há trabalho para finalizar, compromissos para serem organizados e cumpridos, preocupações para o outro dia.

Além disso, existe a preocupação com a segurança pessoal e coletiva, com os serviços públicos prestados, os problemas de saúde, o estresse no trânsito, a falta de tempo para exercícios físicos, a pouca oferta de alimentos naturais e saudáveis – menor quanto maior é o centro urbano - , o pouco tempo para preparar uma boa alimentação e a pouca disposição para supervisionar quem deveria fazê-lo, a preocupação com filhos que têm recebido inúmeras influências para o desrespeito, rebeliões, liberalidade sexual, álcool e drogas, consumismo, etc., desde a infância. Enfim, os eventos estressores têm se multiplicado crescentemente em nossas cidades cada vez mais desenvolvidas.

Enquanto isso, muitos lugares continuam sobrevivendo em seus modelos simples de vida, semelhantes àsquelas sociedades rurais consideradas pouco atrativas ou, até mesmo, ultrapassadas, por muitos. Boa parte da população

habitante em regiões bem urbanizadas e “desenvolvidas” interpreta tais lugares com um sentimento de pena e assume uma postura de que os habitantes desses locais “pouco desenvolvidos” estão sendo prejudicados por não terem acesso a todas as condições do mundo urbanizado e tecnológico em que elas próprias vivem. É comum observar esse tipo de postura quando se fala de povos indígenas e ribeirinhos, por exemplo. Os moradores da cidade entendem que, se estas pessoas viessem morar na cidade, elas teriam vidas melhores.

No entanto, será que isso é mesmo verdade? Será que a qualidade de vida de pessoas que moram em locais mais urbanizados e desenvolvidos é maior do que a de quem mora em locais afastados dos grandes centros, com estilos de vida mais próximos aos de comunidades rurais?

Quando pensamos em aspectos como vínculos relacionais, convivência familiar, solidariedade, respeito ao ambiente, nível de estresse, tempo para descanso, índice de preocupações, ritmo de vida, qualidade do lazer, entre outros, e os comparamos entre os moradores destes dois ambientes diferentes, não se poderia esperar que pessoas que adotaram vidas mais simples tenham, por fim, uma melhor satisfação de vida?

É a partir destas questões emergentes do mundo moderno, e mediante um contexto social mundial em que o desenvolvimento econômico e o ideal urbano têm sido pregados como o melhor modelo de progresso, que se levantou a problemática desta pesquisa: Qual a relação existente entre o nível de urbanização de uma localidade e o maior ou menor nível de qualidade de vida de seus moradores? O aumento das condições de urbanização, modernização e poder aquisitivo de uma comunidade é diretamente proporcional ao aumento da Qualidade de Vida dos indivíduos nela residentes?

A hipótese proposta foi a de que os aspectos característicos do processo de urbanização, como as intensas rotinas de trabalho, ocasionando os maus hábitos alimentares e a negligência do exercício físico, as dificuldades de circulação e más condições de transporte, a poluição sonora e violência, característicos das áreas muito urbanizadas, têm influenciado na diminuição da qualidade de vida dos indivíduos, no que tange à saúde física, emocional, social e afins. Assim, entende-se que indivíduos residentes em áreas peri-urbanas ribeirinhas, com menor influência destes aspectos da urbanização, apresentam maior índice de qualidade de vida do que habitantes em áreas urbanas.

A ascendência econômica, a habitação em um local com boa infra-estrutura, o acesso a bens de consumo de qualidade, muito associada ao modelo ainda em vigor de desenvolvimento, são questões ainda compreendidas pela maioria das pessoas como muito importantes, para não dizer fundamentais ou imprescindíveis, para uma vida considerada “boa”.

Condições de vida relacionadas a lugares pouco urbanizados, como municípios ou áreas interioranas e pouco desenvolvidas, sem shopping center, sem grandes empreendimentos, sem atrativos estruturais, e relacionados a uma vida simples, como a ausência de automóvel próprio, de uma casa ampla e confortável, um emprego com salários baixos ou medianos, necessidade de andar de transporte público, dificuldade ou ausência de acesso a nível superior ou formações posteriores e às novidades da eletrônica e dos meios de comunicação, ainda são considerados por muitos como sinônimos de uma vida inferior, menos realizada, incompleta.

No entanto, cada vez mais a ciência e a sociedade têm observado que questionar isso é importante, especialmente pois também significa questionar o modelo de vida que se tem difundido no mundo moderno. O modelo econômico capitalista, vivenciado pela nação brasileira, possui, em sua própria definição, o foco no processo de produção e geração de capital. Assim, política, sociedade, infraestrutura, cultura e os mais diversos âmbitos da nação acabam tornando-se meios para alcançar este fim. O ideal de conquistar a ascendência econômica permeia cada aspecto da sociedade, ainda que disfarçadamente. E, convencidos deste ideal de progresso e objetivando alcançá-lo, os indivíduos têm se lançado num estilo de vida cheio de muitos danos e riscos, pois, no meio deste processo, tem-se perdido de vista o ser humano em sua essência e em suas necessidades mais fundamentais.

Mostrar, através de métodos científicos devidamente validados, essa relação entre urbanização/desenvolvimento e qualidade de vida pode trazer, para muitos, uma oportunidade de livrar-se daquela obrigação implícita, porém difusa, de ser a pessoa mais economicamente bem sucedida do mundo, e lembrar que existem muitas outras dimensões na vida que precisam ser bem cuidadas e trabalhadas, e que muitas características relacionadas a uma vida simples podem trazer benefícios incontestáveis ao ser humano.

Por outro lado, é preciso trabalhar arduamente para desconstruir este preconceito ainda existente de que aquele que tem menor poder aquisitivo e reside

em áreas menos urbanizadas é um ser inferior, com ideais rasos, com uma compreensão de vida e propósitos pessoais prejudicados, e que deveria ser inserido, a qualquer custo, no modelo “moderno” de vida. É preciso expor os benefícios provenientes deste estilo de vida, as coisas que estas comunidades têm a ensinar àqueles que moram nos grandes centros, resgatando o fato de que a vida social é uma troca, e de que não existem superiores e inferiores. Certamente, aquilo que falta em uma sociedade, sobra em outra, confirmando a complementaridade dos diferentes. E, quem sabe, aquilo que atualmente se considera como inferior, está conseguindo gerar maior grau de satisfação nas pessoas.

Ainda é preciso compreender de forma mais profunda e específica quais aspectos da vida urbana e da vida peri-urbana ou rural têm sido mais afetados pelas condições da modernização, o que de fato tem se perdido e o que se tem ganhado, o que precisa mudar e o que precisa permanecer igual. Identificar os resultados para cada dimensão de vida de populações urbanas e peri-urbanas poderá revelar aquilo que pode e precisa melhorar, ou se transformar, para oferecer maior qualidade de vida a estes indivíduos.

Esta é uma pesquisa diagnóstica e já se tem comprovado que este tipo de pesquisa pode ser muito eficaz na prevenção dos males da humanidade. Quanto dinheiro, esforço, visibilidade tem sido empreendido em pesquisas voltadas para a solução dos problemas do homem, como a descoberta de novas drogas, novos procedimentos terapêuticos, muitas vezes com metodologias arriscadas ou muito dispendiosas, enquanto pouco se investe na identificação da origem destes problemas. Diagnosticar é possibilitar resoluções mais eficientes, inclusive para os poderes estaduais e municipais vigentes, e evitar o investimento em paliativos pouco resolutivos.

De posse destas informações, cada pessoa poderá compreender melhor sua própria vida e a vida do meio, e no meio, que lhe cerca, assim como compreender melhor aquilo que difere de si mesmo. Conhecendo o diferente, cada um poderá decidir, com maior embasamento e esclarecimento, sobre o objetivo de sua vida e de suas decisões, bem como sobre o estilo de vida que deseja adotar.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Verificar a relação existente entre urbanização e nível de qualidade de vida de moradores de área urbana e peri-urbana ribeirinha do município de Santana/AP, a partir da mensuração do índice de Felicidade Interna Bruta dos indivíduos.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Mensurar a Qualidade de Vida de indivíduos residentes em áreas urbanas centrais e periféricas e em área peri-urbana ribeirinha do município de Santana/AP, através do índice de Felicidade Interna Bruta;
- Comparar os índices de Felicidade Interna Bruta encontrados entre os três grupos de indivíduos e suas relações com o local de moradia dos mesmos;
- Verificar quais as dimensões do índice de FIB com resultados mais divergentes entre as três populações avaliadas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 DESENVOLVIMENTO, PROGRESSO E CAPITALISMO

Segundo Cândido (2010), a palavra desenvolvimento deriva do verbo desenvolver, o qual, em sua etimologia, significa “desenrolar; explanar; aumentar; progredir; melhorar; crescer”, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa de Silveira Bueno. Este é, portanto, um termo versátil, pois pode ser utilizado tanto como um meio quanto como um fim. Como meio, refere-se a um processo direcionado que objetiva chegar a um bem-maior, como poder, riqueza, felicidade, etc. Como fim, torna-se o objetivo de ações e estratégias definidas, refere-se a uma mudança positiva da situação presente incluindo, implicitamente, definições como riqueza, poder, felicidade, etc.

Historicamente, o desenvolvimento está associado ao crescimento, a estágios de avanços, melhorias, conquistas. Com as descobertas geográficas, os desbravadores começaram a perceber que as sociedades humanas organizavam-se distintamente em seus diversos aspectos – cultura, economia, política, etc. Na tentativa de preservar a ideia da unidade da espécie humana e da necessidade de sua progressão, passou-se a disseminar a declaração de que a variedade ocorre em função dos variados estágios de desenvolvimento das sociedades. (CÂNDIDO, 2010).

O Iluminismo, com seus princípios baseados no progresso crescente, também apresentou contribuições a esta noção de progresso. Com o objetivo de alcançar patamares elevados de riqueza e felicidade, passa a rejeitar os costumes tradicionais, superstições, mitos e lendas, em defesa da ciência e da tecnologia (GIDDENS, 2005).

De acordo com Boisier (2010), foi desde a Carta do Atlântico (1941) que a ideia de desenvolvimento tornou-se impregnada pelo economicismo, a tal ponto de tornarem-se sinônimos os termos crescimento e desenvolvimento.

Mas é a partir do século XIX, conhecido como a Era do Progresso, que o conceito passa a ser sinônimo de industrialização, urbanização e modernização (CÂNDIDO, 2010).

2.1.1 Modernidade e Capitalismo

A modernidade refere-se aos hábitos de vida e organização social que emergiram no continente europeu a partir do século XVII e influenciaram o mundo, quadro este originado da Revolução Francesa e Revolução Americana, tendo como base econômica a Revolução Industrial. Essa modernização alcançou a política, economia, caracterização social e até mesmo os valores e variáveis estruturais. (CÂNDIDO, 2010)

Na política, surgiram os princípios de igualdade, maior participação das autoridades nos negócios públicos e maior diferenciação estrutural de instituições e organizações políticas. Na economia, o objetivo tornou-se alcançar uma sociedade altamente industrializada, com organização econômica mais racional e eficiente. O estágio final dessa modernização econômica seria a era do consumo em massa, com ampliação do seu aparelho burocrático, transformando a orientação do setor econômico da expansão dos bens do capital para a crescente produção de bens de consumo e serviços. Já na organização social, a modernização é marcada pelo êxodo rural, urbanização, alfabetização e mobilidade geográfica e social. Tais mudanças trouxeram importância a valores como sucesso, realização pessoal e empatia. (CÂNDIDO, 2010)

O tripé que sustenta a modernidade é composto por industrialismo, urbanismo e capitalismo, cujas características marcantes são a concentração da força de trabalho no meio urbano, trabalho organizado e movido pela eficácia e lucro, ciência e tecnologia aplicadas à produção, economia baseada no livre mercado, além de padrões sociais como antagonismo entre patrões e empregados e progressivas desigualdades sociais (CÂNDIDO, 2010).

Segundo a Teoria da Modernização, proveniente do final da Segunda Guerra Mundial, e com caráter evolucionista, as sociedades consideradas menos desenvolvidas deveriam seguir o mesmo caminho percorrido pelas sociedades consideradas avançadas, semelhantemente ao que Marx afirmou, no prefácio da primeira edição da obra “O Capital” (1967): “o país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido tão-somente a imagem do próprio futuro”. Desse feito, o desenvolvimento da economia seria o objetivo prioritário de toda sociedade em processo de modernização. (CÂNDIDO, 2010)

Tal Teoria defendia, então, que a progressão de estágios a serem percorridos pelas sociedades subdesenvolvidas deveria ser algo como “tradicional – transicional – moderna”, com este último marcado pela “intensa industrialização, urbanização e

democratização”, e que a modernização acarretaria no melhoramento da vida social e da condição humana. Assim, a modernização deixava de significar um desenvolvimento espontâneo na direção de um progresso global, e passava a significar uma imitação deliberada do mundo ocidental, o qual emergia como o modelo de modernidade. A melhoria na comunicação, o crescimento das viagens e a mídia foram fatores que proporcionaram o encontro direto entre indivíduos de países subdesenvolvidos e os padrões de vida mais elevados, proporcionando essa imitação deliberada, o que se demonstra na valorização dos padrões tidos como modernos e vivenciados nas sociedades avançadas pelas elites das sociedades subdesenvolvidas e a tentativa destas de transpor tais modelos para os países do Sul (SZTOMPKA, 1998).

Assim, Sztompka (1998) explica que a modernização foi imposta, por meio de múltiplos mecanismos: afirmava-se que ela é mais adaptativa e eficiente e, portanto, possibilita a satisfação de um número maior de necessidades, para um maior número de camadas e em níveis mais elevados. O pré-requisito da modernização, por fim, era, na coexistência de sociedades diversificadas, o grande dilema daquelas com menor nível de desenvolvimento era modernizar-se ou sucumbir.

Outra Teoria, da Convergência, paralela à Teoria da Modernização, defende que o domínio da tecnologia determina formas específicas de organização social – o processo de homogeneização proveniente da modernização, seja quanto aos tipos de emprego ofertados, à queda na taxa de natalidade e acréscimo na expectativa de vida, à educação em massa, crescimento da renda per capita e do mercado de consumo, entre outras questões (SZTOMPKA, 1998).

No entanto, conforme Cunha (2011), o desenvolvimento econômico, político e social traz consigo mudanças de valores e padrões. O modelo capitalista, por exemplo, ao enfraquecer a estrutura social-agrária, levou o ser humano a distanciar-se cada vez mais da natureza, do local geográfico e dos valores culturais originais.

Cândido (2010) explica que, nas sociedades antecessoras à modernidade, tempo e espaço eram noções que coincidiam, pois os espaços da vida social eram fortemente marcados e dominados pela presença. Já na modernidade, observa-se um distanciamento maior entre tempo e espaço, mesmo nas mais desenvolvidas comunidades agrárias, pois o dinheiro passa a permitir transações entre agentes separados no tempo e no espaço.

Segundo Sztompka (1998), alguns valores fundamentais que orientam essa nova organização social são o individualismo; a diferenciação entre indivíduos, como consequência direta da divisão do trabalho; a economia controlando toda a vida social; a racionalidade, ou despersonalização do trabalho.

O autor também descreve outros fenômenos que surgiram destes princípios: economicamente, o crescimento econômico de amplitude e velocidade sem precedentes é perceptível, a indústria surge substituindo a agricultura, novas tecnologias alcançam toda a sociedade; socialmente, as taxas de desemprego aumentam, crescem a pauperização e a desigualdade social, o status social passa a ser definido em função de propriedades e posição no mercado em detrimento dos fatores tradicionais como idade, etnia, sexo e religião; na cultura, a secularização é crescente, com ideias e regras sendo legitimadas por razões e considerações “materiais”, a ciência é estabelecida como acesso ao verdadeiro conhecimento e surge a cultura em massa. Além de tudo isso, ainda se pode destacar a expansão do mundo do trabalho e sua separação da vida familiar, o consumismo descontrolado e a privatização da família.

Assim, observa-se que, apesar da crença de que o desenvolvimento contínuo e o progresso duradouro são cultivados pela ciência, tecnologia, razão e pelo capitalismo produtivo, destacam-se efeitos ambivalentes da modernidade (CÂNDIDO, 2010).

Segundo Navarro e Padilha (2007), no capitalismo, sistema composto por múltiplas contradições, o trabalho, originalmente fonte de humanização e princípio do ser social, torna-se degradado a partir da lógica do capital, pois perde sua função de produzir meios úteis e que visem suprir as necessidades do indivíduo e passa a servir como meio de alcance das necessidades do capital. Marx dizia que, a partir do capitalismo, o trabalhador é reduzido à condição de mercadoria e, em sentido oposto à magnitude de sua produção, caminha a sua miséria. Em suas palavras:

Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz só mercadorias; produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na proporção em que produz mercadorias em geral (MARX, 1989 apud NAVARRO; PADILHA, 2007).

Sztompka (1998) destaca a alienação como um dos efeitos mais nocivos da modernidade, o qual, segundo Marx, transforma a maioria dos indivíduos em peças dependentes do mecanismo econômico e exploradas por ele. O trabalhador passa a

negar a si mesmo, passando a sentir-se miserável ao invés de feliz, deixando de liberar positivamente suas energias físicas e intelectuais, ao contrário, mortificando o corpo e arruinando a mente.

Apesar dos grandes avanços tecnológicos e científicos e das importantes novidades ocorridas nas técnicas dos processos de produção, alcançou-se pouco alívio no trabalho humano. Na verdade, todas estas transformações econômicas e sociais, intensificadas a partir da década de 90, acabaram resultando na precarização do emprego e no crescimento ainda maior da exploração da força de trabalho (NAVARRO; PADILHA, 2007).

Cada vez mais registra-se pesquisas que revelam o trabalho como provocador de adoecimento físico, mental e, até mesmo, de mortes. Portanto, é preciso questionar que tipo de trabalho é esse, que compromete o corpo e a mente, e até mata. Seria ele o trabalho produtivo e prazeroso, que deveria estar presente na vida das pessoas? O resultado do trabalho tem aparecido como algo estranho, alheio ao trabalhador, como algo que não lhe pertence. Como mencionou Marx (1989): O trabalhador, dedicando sua vida àquele objeto, deixa de pertencer a si mesmo e passa a pertencer ao objeto (NAVARRO; PADILHA, 2007).

As críticas à sociedade capitalista devem passar pelo processo de estranhamento gerado: o afastamento do homem de sua essência humana, sua coisificação, através de diversas barreiras sociais que têm limitado o livre desenvolvimento dos potenciais humanos. O estranhamento do trabalho reduz a atividade humana a mera forma de subsistência, transformando a própria vida humana em meio de efetivar esta prática estranhada (RANIERI, 2001)

Navarro e Padilha (2007) também ressaltam o fetiche construído sobre a mercadoria, caracterizando um processo em que a aparência se sobrepõe à essência, construindo um mundo em que coisas se tornaram o objetivo final, comprometendo ou suprimindo a subjetividade, sufocando aquilo que é humano. Este caráter misterioso criado sobre as mercadorias provem do fato destas mascararem a relação social injusta existente entre os trabalhos individuais e o trabalho total. Assim, tanto estranhamento quanto fetichismo participam do mesmo processo de coisificação dos indivíduos.

Além disso, a modernidade também traz consigo a noção de anomia, uma realidade de instabilidade ou ausência de regras e normas sociais, o que tem

produzido pessoas que se sentem sem direção, sem raízes, perdidas (SZTOMPKA, 1998).

A valorização do sucesso e do status, o individualismo e o egoísmo têm substituído o altruísmo, a cooperação e o respeito. As pessoas em geral vivem em função de suas vontades, ainda que infundadas, e do dinheiro. “O “ter” vale mais do que o “ser”, o “saber”, o “amar”, o “viver”.” (CÂNDIDO, 2010)

Cyrous (2012) também retrata essa realidade, do cultivo crescente da vontade de se adquirir mais, com o fim de causar mais impacto sobre os outros, motivado pelo poder. Essa motivação pelo poder parece indicar um interesse repetitivo em ter impacto sobre os outros.

As pessoas perdem suas identidades pessoais e assumem a identidade apenas de empregados, eleitores, consumidores ou espectadores. Os indivíduos se isolam, pois os laços interpessoais são rompidos. Ocorre, por fim, deterioração da qualidade de vida das pessoas, resultando em frustração e sofrimento (CÂNDIDO, 2010).

Cyrous (2012) cita, por exemplo, que desde o surgimento do telégrafo, em 1844, iniciou-se um processo de aproximação inigualável na humanidade e, com ele, um contínuo de transformações. A comunicação entre culturas diferentes foi tornando-se cada vez mais fácil e, com isso, a diversidade da espécie humana, mais visível. Por outro lado, os modelos teóricos explicativos da vida foram tornando-se progressivamente mais redutores, ao mesmo tempo em que desejavam ser mais universalistas. Tudo isso levou a sociedade a viver, no século consecutivo ao fenômeno do telégrafo, um número maior de crises e conflitos do que nunca antes registrado: 37 conflitos entre os anos de 1844 e 1945.

Porém, além dos conflitos armados, a palavra crise tem se repetido inúmeras vezes nas últimas décadas: crise da guerra fria (destaque para a crise dos mísseis, em Cuba, em 1962), crise do armamento nuclear (1970), crise iraniana (1979-1980), crise soviética, crise dos Balcãs (1999), crise do crédito hipotecário (2006/2007), crise agrícola (2007), crise dos bancos (2008), crise do petróleo (2008), crise das seguradoras, da Palestina, da Grécia, do Euro, isso citando apenas alguns dos exemplos mais explorados pela mídia (CYROUS, 2012).

O mundo está passando por um momento conturbado, formado por uma complexa relação entre viagens interplanetárias, automatização e cibernética, nanotecnologia e relacionamentos virtuais, de um lado, e a crise financeira

internacional, desemprego, desigualdade social, pobreza e fome, miséria e aquecimento global, do outro (CÂNDIDO, 2010).

Tais fenômenos ocorrem devido ao modelo de desenvolvimento dominante, dependente de uma sociedade de consumismo massivo de bens materiais e, conseqüentemente, tendo como indicadores de progresso e prosperidade, esses próprios níveis de consumo. O resultado deste modelo é um foco na produção e no acúmulo material, como supostas fontes de sentido, a tal ponto de se consolidar estruturas de poder e informação que excluem vozes e paradigmas diferentes. Ao que tudo indica, tais modelos estão voltados para a busca de prazer e, principalmente, de poder (CYROUS, 2012)

A atual cultura do consumismo tende a reproduzir homúnculos, humanos reduzidos a seres competitivos, consumidores insaciáveis e objetos manipulados do mercado. Considerar o corpo, ignorando as demais dimensões do ser humano, é criar seres preocupados com a estética porém ignorantes do psíquico, resultando em indivíduos frios e racionais (CYROUS, 2012).

Perroux (1981 apud CÂNDIDO, 2010, p.44) descreve a crise moderna:

(...) as promessas e os discursos que fundamentaram, durante muito tempo, a imagem da história como um processo unificador, revelaram a realidade: a de uma economia e de uma técnica que se apoderou dos bens dos vencidos e ameaça apoderar-se do único bem que lhes resta: as suas almas!

Contudo, não é possível pensar as relações entre indivíduos, nações e povos marginalizadas a este conceito, pois o poder traduz-se na imposição de uma vontade (CYROUS, 2012)

2.1.2 O perfil epidemiológico brasileiro no contexto moderno

O Brasil, ao seguir a tendência mundial, tem passado por processos de transição demográfica, epidemiológica e nutricional desde a década de 60, resultando em alterações nos padrões de ocorrência de patologias, como um aumento significativo da prevalência das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) (MALTA et. al., 2006).

O Brasil, assim como o mundo ocidental, tem passado pelo fenômeno conhecido como transição demográfica. O Brasil tem vivido, desde 1950, a transição

de uma sociedade rural e tradicional para o modelo social urbano e moderno, com redução nas taxas de natalidade e mortalidade. (DUARTE; BARRETO, 2012).

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (2012), nós vivemos na região mais urbanizada do planeta. No ano de 2010, 82,0% da população da América do Norte residia no meio urbano, e o mesmo acontecia com 79% da América Latina e Caribe. No Brasil, no mesmo ano, a taxa de urbanização alcançava 84%. A transformação deste aspecto social no Brasil, com completa inversão desse indicador, vem desde 1970, quando foi descrito que a população urbana havia superado a rural e gradativamente se distanciava dela.

Tal processo de urbanização veio acompanhado de mudanças sociais relevantes, como as diferentes formas de inserção feminina na sociedade, os rearranjos da família, os incrementos tecnológicos, entre outras. Além disso, o padrão demográfico também tem sofrido alterações, com forte queda da fecundidade e aumento da longevidade, levando a um envelhecimento massificado da população brasileira. Atualmente, tem-se observado um crescimento pequeno ou mesmo negativo da população jovem, ocasionando uma redução da população em idade ativa e um aumento no contingente de idosos (DUARTE; BARRETO, 2012).

Outras características pertinentes ao processo de transição demográfica brasileiro são a redução da mortalidade precoce, por doenças infecciosas e parasitárias (DIP) e a elevação dos índices de doenças crônicas não-transmissíveis (DUARTE; BARRETO, 2012).

Segundo o Ministério da Saúde (2012), aspectos como o envelhecimento populacional, a urbanização, as transformações sociais e econômicas e a globalização geraram um impacto no modo de viver, trabalhar e se relacionar dos brasileiros. Como resultado de tudo isso, tem aumentado a prevalência de condições como obesidade e sedentarismo, fatores diretamente relacionados ao desenvolvimento das doenças crônicas não-transmissíveis (DCNT). No ano de 2011, quase a metade dos indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos, moradores das capitais brasileiras, relataram excesso de peso (48,5%), 17% referiram consumo abusivo de álcool, 20% possuíam um consumo insuficiente de frutas e hortaliças, e 14% referiram-se fisicamente inativos (BRASIL, 2012).

Em 2010, as DCNT corresponderam a 73,9% das mortes no Brasil, dentre os quais 80,1% tiveram como causa a doença cardiovascular, o câncer, as doenças

respiratórias crônicas ou o diabetes, dados que reafirmam a importância das DCNT neste momento de transição epidemiológica brasileira (DUARTE; BARRETO, 2012).

Cury (2014) descreve a sociedade atual como uma sociedade de excessos – urgente, rápida e ansiosa. Estamos constantemente sendo bombardeados com informações que, em geral, sequer conseguimos absorver. Cobranças, pressões nos tornam reféns de nossa mente. As pessoas nunca tiveram mentes tão agitadas e estressadas. Apesar de estarmos na era do entretenimento, como um paradoxo, também vivemos a era do tédio. Conhecemos muitos nas redes sociais, mas raramente conhecemos alguém profundamente e, o que é ainda pior, raramente conhecemos a nós mesmos.

Sem perceber, a sociedade moderna – consumista, rápida e estressante – alterou algo que deveria ser inviolável, o ritmo de construção de pensamentos, gerando consequências seríssimas para a saúde emocional, o prazer de viver, o desenvolvimento da inteligência, a criatividade e a sustentabilidade das relações sociais. Adoecemos coletivamente. Este é um grito de alerta (CURY, 2014, p.17).

Araújo et. al. (2007) destacam que, com o avanço da informática e da automação, esperava-se que o ser humano trabalhasse cada vez menos e dispusesse de maior tempo para o lazer, a família, a cultura e o relaxamento. No entanto, não é isso o que se tem observado – o mundo tem se tornado cada vez mais competitivo, as pessoas trabalham cada vez mais e dispõem de menos tempo livre, o que tem levado a males como estresse, ansiedade e depressão.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 1,4 bilhão de pessoas, em algum momento da vida, desenvolverá depressão, o que corresponde a 20% da população total do planeta Terra (CURY, 2014).

Mota (2004) já dizia que a insegurança proveniente da ordem social em que o acirramento da crise econômica traz consigo desemprego, precarização do trabalho e outros fatores, constitui um campo ideal para o crescimento dos problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade.

No ano de 2002, só nos Estados Unidos, 19 milhões de pessoas sofriam de depressão crônica, sendo que, destes, 2 milhões eram crianças. De acordo com dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), em 2000, ocorria um suicídio a cada 40 segundos. Em 2001, foram consumidos 33,7 bilhões de doses de tranquilizantes em todo o mundo (MOTA, 2004).

Atualmente, as pessoas têm se visto obrigadas a trabalhar cada vez mais para receber cada vez menos. Ameaçadas pela instabilidade das relações trabalhistas atuais, muitas pessoas passam a desenvolver comportamentos antissociais, com progressiva deterioração emocional, o que não raro acaba culminando em alcoolismo, depressão ou abuso de drogas (MOTA, 2004).

Uma síndrome que tem se tornado cada vez mais comum na realidade moderna de trabalho é a Síndrome de *Burnout*, uma patologia psiquiátrica gerada pelo ambiente hostil de trabalho e que inclui sintomas como desagregação familiar, abuso de álcool e drogas, desenvolvimento de doenças cardiovasculares e depressão. O *Burnout* é definido como uma síndrome psicológica originada de tensão emocional crônica no trabalho, quando a exigência de uma performance além das possibilidades do trabalhador torna-se muito intensa, sem a recompensa devida aos seus esforços. Passam a estar presentes sentimentos e atitudes negativas na relação entre o indivíduo e seu trabalho, chegando a exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal (MOTA, 2004).

Segundo a Organização Mundial de Saúde, no ano 2000, estimava-se que 140 milhões de pessoas ao redor do mundo eram dependentes de álcool, enquanto outros 400 milhões apresentavam prática excessiva de ingestão de álcool, causando acidentes, violência e outros sofrimentos. Além disso, o número de dependentes de drogas ilícitas, em 2003, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), alcançava os 200 milhões de pessoas (MOTA, 2004).

Neste contexto, surgem perguntas como: Como pode a tecnologia não acabar com a pobreza? Por que todo o conforto, praticidade e prosperidade oriundos dos avanços técnico-científicos não diminuíram as desigualdades sociais? Por que as pessoas não estão felizes? Por que o desenvolvimento nem sempre aumenta a qualidade de vida dos indivíduos? Por que um certo padrão de progresso não tem tornado as pessoas mais felizes? (CÂNDIDO, 2010)

2.1.3 Novo paradigma de Desenvolvimento

Cândido (2010) ressalta que seria fácil para uma pessoa de um país considerado “subdesenvolvido” concluir que aqueles que moram em países denominados “desenvolvidos” possuem um padrão de vida elevado e, portanto, são mais felizes. Porém, a realidade revela que, assim como o desenvolvimento, a

felicidade não segue um padrão, pois é influenciada por múltiplos aspectos, muito além do econômico, como a saúde, educação, família, trabalho, relacionamentos, personalidade individual, ambiente de vida, sendo que não há prioridade de um aspecto sobre o outro, eles variam de indivíduo a indivíduo.

Foram indagações a respeito dos efeitos do crescimento econômico sobre a vida das pessoas que levaram estudiosos e órgãos internacionais a questionar o desenvolvimento econômico, que tinha o aumento da produtividade e do lucro como objetivo final, como sendo o tipo ideal de desenvolvimento. Foi quando as pessoas, que até então eram enxergadas apenas como mão-de-obra, passam a fazer parte do propósito do desenvolvimento. O desenvolvimento econômico, então, deu lugar a derivações como o desenvolvimento social e o desenvolvimento humano. Outro termo que passou a ser associado ao conceito, principalmente a partir de 1990, foi o meio ambiente e a sustentabilidade (CÂNDIDO, 2010).

Cyrous (2012) ressalta que é preciso considerar o ser humano como possuidor de uma tríplice dimensionalidade – a física, voltada para os mecanismos funcionais das leis naturais condicionantes do ser; a psíquica, associada aos afetos e cognições; e a noética, que engloba a capacidade do ser de assumir sua peculiaridade e singularidade. Por este motivo, é fundamental haver uma visão integrada das três dimensões, enxergando o ser humano como um ser uno, e um *individuum* – impossível de ser despedaçado ou reduzido a apenas uma ou outra dimensão.

Carvalho et. al. (2013) dispõem que o novo modelo de desenvolvimento abarca um processo com vistas a uma distribuição mais igualitária e menos destruidora dos bens do planeta, potencializando recursos humanos, objetivando a qualidade de vida e a preservação dos ecossistemas, ampliando as oportunidades para os indivíduos, desenvolvendo a consciência do respeito à pluralidade, de forma a privilegiar as questões étnicas e de gênero.

Porém, Cândido (2010) aborda a dificuldade de se avaliar o desenvolvimento enquanto processo, o que traz a necessidade de um monitoramento e mensuração que determinem o grau ou nível de desenvolvimento. E, para isso, o indicador mais comum, adotado por quase todas as localidades do mundo, é o PIB – Produto Interno Bruto. Esta medida, muito conhecida e padronizada, permite a realização de comparações temporais entre diferentes comunidades e para mensurar a produção e comercialização de bens e serviços de uma nação. Porém, estagna neste ponto.

Segundo Batistela, Rodrigues e Luiz (2012), analisar a relação entre dados econômicos de uma dada região e a felicidade ou bem-estar de sua população é um assunto que vem ganhando espaço nas produções literárias de muitos países, no entanto, no Brasil, é um assunto pouco explorado.

Há tempos a felicidade tem sido estudada como um indicador para a construção das políticas públicas, visto que a compreensão de seus determinantes pode contribuir para a resolução de conflitos empíricos que as pesquisas econômicas convencionais não tem conseguido explicar (BATISTELA; RODRIGUES; LUIZ, 2012).

Um exemplo de contradição neste termo é o fato de que, em muitos países do Ocidente, ao mesmo tempo em que a renda real aumentou drasticamente, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, o bem-estar subjetivo da população manteve-se igual ou, até mesmo, sofreu pequenos decréscimos durante o mesmo período (Ibid).

Alves Filho e Salcides (2011) também afirmam que, nos anos recentes, os aspectos sociais, culturais, ambientais e políticos tem ganhado espaço, progressivamente, nas visões sobre desenvolvimento, o qual tem passado de uma visão estrita ou prioritariamente econômica para uma abordagem que leve em conta a qualidade de vida do ser humano, de uma maneira muito mais ampla.

Observa-se, no entanto, que, apesar do conceito de desenvolvimento ter se tornado mais humano e integral, o número de pessoas passando fome ao redor do planeta aumentou em 75 milhões, no ano de 2007, segundo dados da Organização das Nações Unidas, totalizando cerca de 925 milhões de famintos no mundo. E a pergunta feita é “Por que o desenvolvimento ocorre mas não produz bem-estar”? (CÂNDIDO, 2010)

Carvalho et. al. (2013) ressaltam que foi a partir da década de 80 que começou a emergir um novo paradigma de desenvolvimento, movido pela inquietação mundial proveniente do grau de pobreza e exclusão existentes, principalmente, nos países do hemisfério Sul. De tais inquietações, surgiu o comprometimento de que as nações ditas desenvolvidas propusessem, por meio de sucessivas conferências, um novo modelo conceitual para desenvolvimento, o qual era medido, até então a partir do crescimento econômico e aumento do PIB, independentemente dos prejuízos ambientais e da distribuição social da riqueza produzida. A partir deste período, passa-se a ter como referência o grau de redução

da pobreza, a capacidade de produzir riquezas sem depredar o ambiente e da capacidade das ações sociais de conferir maior qualidade de vida aos moradores dos respectivos contextos locais.

Alves Filho e Salcides (2011) também reconhecem que, nos anos recentes, as questões culturais, sociais, ambientais e políticas tem cada vez mais sido incluídas nas visões de desenvolvimento, passando-se de uma visão estrita de desenvolvimento enquanto unicamente o crescimento econômico, registrado primordialmente através do Produto Nacional Bruto ou do Produto Interno Bruto, total e per capita, para abordagens que consideram a qualidade de vida do ser humano de maneira mais ampla.

2.2 FELICIDADE E QUALIDADE DE VIDA NO CONTEXTO SOCIAL MODERNO

No decorrer do tempo, a ciência esteve voltada para o porquê dos fenômenos naturais, raramente questionando o para quê de certas invenções e descobertas. Enquanto a ciência progride, o senso de reflexão parece não acompanhar esse processo. Para resgatar tal consciência, é necessário alcançar uma sociedade que supere a tendência a reduzir o ser humano a somente uma de suas dimensões, a explicar os acontecimentos como causados por um único fator, ao contrário, passando a assumir a condição integrada do indivíduo e da sociedade (CYROUS, 2012).

Esta discussão traz à tona as definições acerca do conceito de saúde. Desde o surgimento da epidemiologia, iniciou-se a era da “contabilidade da doença”: passou-se a considerar que, se a saúde do corpo de cada indivíduo poderia ser expressa por números, conhecidos como sinais vitais, da mesma forma deveria acontecer com a saúde do corpo social – ela deveria ter seus indicadores, resultante desta visão contábil acerca da população e expresso em uma nova ciência que emergia, a estatística (SCLIAR, 2007).

A estatística, termo de origem alemã derivado de *Staat*, Estado, coincide com o surgimento de um Estado forte e centralizado, sendo bem acolhida na Inglaterra, onde começa a ganhar espaço a ideia, expressa no famoso dito de Lord Kelvin, de que tudo o que é verdadeiro pode ser expresso em números (SCLIAR, 2007).

Porém, desde 1948, o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) sofre uma modificação, divulgada na carta de princípios de 7 de abril do

referido ano, onde diz que “Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade”. Este conceito, emergente da ascensão do socialismo durante os movimentos sociais do pós-guerra, traz consigo a aspiração de que saúde expressasse o direito a uma vida plena, sem privações (SCLIAR, 2007, p. 37).

Segundo Figueiredo (2007, p. 137), no conceito moderno de saúde, esta passa a ser pensada como a “manutenção do bem-estar físico, psíquico, social e ambiental”, devendo ser concebida de maneira dinâmica e integrada, resultado da harmonia entre as diversas dimensões da vida de cada indivíduo: física, psicológica, espiritual, social e ética, e não apenas como funcionamento correto de órgãos., como também afirmou a Segunda Conferência Episcopal Italiana, em 1990, citada por Figueiredo (2007, p.139): “somente através da harmonia entre as diversas dimensões será possível gozar de qualidade de vida satisfatória para o indivíduo”

A partir de então, novos fatores passam a ser considerados como determinantes do processo de saúde, como demonstra o conceito de *campo de saúde (health field)*, formulado em 1947 pelo Ministério da Saúde e do Bem-estar do Canadá, o qual incluía: a biologia humana, o meio ambiente, o estilo de vida e a organização da assistência à saúde (SCLIAR, 2007).

Segundo Oliveira e Orsini (2008), nos últimos 20 anos, a medida da Qualidade de Vida (QV) vem ganhando espaço no meio científico como importante meio de investigar e avaliar a saúde dos indivíduos. Seus resultados têm ajudado, inclusive, como um dos critérios para a delimitação de novas formas de intervenção.

Conforme Souza (1982 apud ALVES FILHO; SALCIDES, 2011), qualidade de vida é um conceito que abrange não apenas a distribuição dos bens de cidadania, como os bens e direitos que um conjunto social compreende como necessários num dado momento, mas também uma série de bens coletivos de compreensão menos tangível, apesar de não menos reais em seus reflexos sobre o bem-estar social.

Segundo o Grupo de Qualidade de Vida (WHOQOL Group) da Organização Mundial de Saúde (OMS), qualidade de vida pode ser caracterizada como a percepção do sujeito a respeito de sua posição na vida e no contexto cultural, e sobre o sistema de valores nos quais vive, em relação a suas expectativas, objetivos, padrões e preocupações (ALVES, 2011).

Nessa definição da OMS são incluídos seis domínios fundamentais: saúde física, estado psicológico, níveis de independência, características ambientais, padrão espiritual e relacionamento social (DERBLI, 2010).

Do ponto de vista da Organização das Nações Unidas (ONU), a qualidade de vida relaciona-se à satisfação do cidadão, no que tange ao acesso à alimentação, aos serviços de saúde, ao lazer, às condições adequadas de trabalho, ao conhecimento e à participação nas atividades políticas, econômicas e culturais da comunidade (ALVES FILHO; SALCIDES, 2011).

Alves Filho e Salcides (2011) expressam que a extensa bibliografia atual relacionada à temática da QV concorda unanimemente em um ponto: o conceito de QV é multidimensional, complexo e dinâmico, abrangendo diversos significados e variações, de acordo com a perspectiva de cada campo do saber, como a sociologia, a economia, a medicina, a epidemiologia, a história, a psicologia, etc.

Conforme Aguiar e Silva (2003), uma má qualidade de vida de uma população reflete-se pelos recursos básicos ao desenvolvimento humanos indisponíveis, como saúde, educação, renda, serviços básicos (água tratada, saneamento básico e eletricidade), comunicação e informação e a própria dinâmica populacional. A inter-relação entre o homem, o meio ambiente e a sociedade, por meio do trabalho, constitui o espaço geográfico, e são as condições desse espaço que condicionarão a QV.

Assim, segundo Gianetti (2002), este conceito é importante na medida em que instiga a investigação da dimensão subjetiva do ser humano, a qual se origina da experiência interna de cada sujeito, ou seja, tudo aquilo que perpassa sua mente de maneira espontânea, que ele sente e pensa sobre sua vida.

De acordo com Cleimam (2010), um termo que confunde-se com QV é bem-estar, usados quase como sinônimos, com uma ampla superposição de significados. E, por vezes, QV também é chamada de felicidade, abarcando noções de boa vida ou satisfação de vida.

Conforme Da Silva (2011), o Bem-Estar Subjetivo (BES) tem sido alvo do interesse progressivo das ciências sociais, visto traduzir as respostas emocionais das pessoas em âmbitos como a satisfação com a vida, as relações interpessoais, a saúde, a felicidade, assim como as avaliações subjetivas da sociedade e do governo.

Como notam vários estudiosos do BES, este consiste em uma medida/avaliação global e não limitada de um aspecto exclusivo da vida, cuja percepção será influenciada pelo gênero, idade e escolaridade (DA SILVA, 2012).

Da mesma forma, vários autores consideram que a felicidade é uma expressão do BES, compreendendo as seguintes dimensões-chave, que devem ser consideradas em conjunto: padrões materiais de vida (rendimento, riqueza e consumo), saúde, educação, atividades pessoais (incluindo o trabalho), voz política e governança, conexões e relações sociais, ambiente (condições atuais e futuras), segurança física e econômica (DA SILVA, 2012)

Alves Filho e Salcides (2011) afirmam que a felicidade torna-se um problema social, na medida em que são as inquietações que condicionam as expectativas e a ação dos sujeitos na sociedade, e que isso não se resume a meros desejos individuais, mas ecoa no tecido social, onde os atores individuais interagem.

Cândido (2010) faz algumas constatações a respeito da Qualidade de Vida, como que a felicidade é o propósito de vida dos indivíduos desde as eras mais remotas; que o ditado popular “dinheiro não traz felicidade” tem sido confirmado por várias pesquisas científicas; que a QV não é observável e sua mensuração é difícil de ser executada; e que a QV, assim como o desenvolvimento, estão embasados em valores, portanto, o que pode ser considerado bom para um indivíduo pode não o ser para outro.

Sachs (1986 apud ALVES FILHO; SALCIDES, 2011) compreende que essa abordagem desagregada de novos indicadores, em contraposição aos indicadores tradicionalmente agregados para bem-estar, possibilita um planejamento social com fundamentos sobre a lógica das necessidades humanas, e não sobre a lógica da produção.

Alves (2011) também reitera que as contribuições destes estudos sobre qualidade de vida sobrepujam as análises conceituais, abarcando também as tomadas de decisão sobre ações, instrumentos e profissionais a serem implementados, além do desenvolvimento e avaliação de novas estratégias de mensuração para determinadas intervenções.

2.2.1 Instrumentos de mensuração da Qualidade de Vida

Foi na década de 40 do século passado, com o início do processo de consolidação dos sistemas de contas nacionais, que se afirmou o Produto Interno Bruto (PIB) como o indicador de excelência da performance econômica dos Estados, o qual é mensurado pela soma das produções das empresas e demais setores institucionais de um país, menos os seus consumos intermédios (DAMÁSIO; MAH, 2011).

No entanto, percebeu-se que existe uma ampla realidade multidimensional em torno desse desempenho econômico que o PIB não consegue englobar, visto que não são refletidos por este indicador aspectos como danos ambientais, delapidação dos recursos naturais do planeta, ou a contabilização do trabalho doméstico e do voluntariado não remunerado, por exemplo. Assim, o PIB mostrou-se como um indicador insuficiente e insatisfatório, pois, na prática, não mensura nem o bem-estar e nem a felicidade das pessoas (DAMÁSIO; MAH, 2011).

Um exemplo da limitada capacidade do PIB de expressar o bem-estar dos indivíduos pode ser verificado no caso de uma determinada associação que se dedica a campanhas de saúde preventiva: deste trabalho, decorrem a redução da mortalidade infantil, do número de hospitalizações, da taxa de enfermos e, portanto, da utilização de medicamentos, o que resulta num aumento do bem-estar dos indivíduos. Porém, em contrapartida, do ponto de vista econômico, a redução no consumo de medicamentos causa uma quebra no PIB, o que seria considerado negativo segundo este medidor (DAMÁSIO; MAH, 2011).

Dowbor (2006) sugere outro exemplo, a restrição ao acesso aos bens públicos: o aumento da restrição à mobilidade, espaço livre de passeio, lazer gratuito, por exemplo, gera a hoje conhecida economia do pedágio, estratégia de empresas que aumentam o PIB ao restringir o acesso aos bens, ainda que isso resulte em menor bem-estar coletivo. Temos uma vida mais pobre, porém um PIB maior.

Então, após se constatar que o progresso econômico não significa, obrigatoriamente, a melhoria no bem-estar social, e com a pressão dos movimentos sociais, o governo norte-americano passa a elaborar indicadores com vista a medir os impactos sociais do desenvolvimento econômico. Na década de 1970, Europa e América Latina também se unem aos esforços para a construção de indicadores sociais (DERBLI, 2010).

Dessa maneira, paralelamente à discussão em torno das deficiências do PIB enquanto medidor, passaram a ser propostas medidas alternativas que pudessem captar e reproduzir as diversas realidades sociais, como a ambiental, a sócio-institucional e o bem-estar social. Assim sendo, já no século XXI, um conjunto de especialistas, por meio da Comissão para a Medição do Progresso Econômico e Social, desenvolveu um relatório que objetivou avaliar a viabilidade de outras medidas, focadas na mensuração do bem-estar das populações em detrimento da produção econômica (DAMÁSIO; MAH, 2011).

Os instrumentos de mensuração de QV são uma forma bastante útil de captação e transformação de informações em conhecimento. No entanto, a variedade de instrumentos utilizados, na atualidade, e fundamentados em diferentes conceitos de QV, pode dificultar a análise comparativa de resultados coletados em realidades muito distintas, como os nacionais e os internacionais (ALVES, 2011).

Segundo Pukeliené e Starkauskien (2009), não existe um consenso sobre a forma de medir QV, porém usualmente o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é utilizado como o principal medidor de QV.

Como um dos instrumentos mais conhecidos e, tradicionalmente, aplicados, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi criado em 1990 para, através de um cálculo estatístico, avaliar o desenvolvimento humano. Este índice é utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como indicador para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), levando em consideração três aspectos: renda, longevidade e educação. No entanto, como qualidade de vida é um conceito que abarca muito mais do que três aspectos da vida, este índice fornece uma noção insatisfatória de QV (ALVES, 2011).

O IDH surge do trabalho de um grupo de pensadores acerca das questões do desenvolvimento, do qual faziam parte os economistas Mahbud u-Haq e Amartya Sen. Este grupo, insatisfeito com as medidas de desenvolvimento dos países, as quais assentavam-se fundamentalmente sobre critérios estritamente quantitativos, diretamente vinculados aos níveis de crescimento alcançados, lançou a proposta de uma medida mais ampla que rivalizasse com o Produto Interno Bruto per capita (PIBpc). Elevando as pessoas ao verdadeiro posto de riqueza das nações, é lançado o IDH. Assim, além da mensuração da riqueza dos estados, o IDH inclui duas outras grandezas, com ponderações similares: a esperança média de vida e a alfabetização (DAMÁSIO; MAH, 2011).

Boisier (2010) afirma que foi somente a partir da década de 90, com o surgimento do Índice de Desenvolvimento Humano, que houve uma real abertura para uma reinterpretação radical dos conceitos tradicionais de desenvolvimento, passando a compreender crescimento econômico como um processo inserido na materialidade (no “ter”) e o desenvolvimento (social) como um aspecto característico da subjetividade (o “ser”).

Por este motivo, a partir de 1992, os indicadores de QV da Organização Mundial de Saúde passam a se basear no pressuposto de que a QV é uma construção subjetiva, baseada na percepção de cada sujeito, e multidimensional, com dimensões positivas e negativas (ALVES, 2011)

Segundo Schmidt, Dantas e Marziale (2008), tal preocupação com dados humanísticos passa a fazer parte, também, das abordagens acerca da saúde, gerando uma necessidade de novos instrumentos, devidamente validados, para averiguação desses parâmetros, que precisam abordar os variados indicadores de promoção de saúde e as variadas dimensões de um ser humano. Passa-se a avaliar, então, os diferentes domínios da vida humana, como o psicológico, econômico, espiritual, social e físico.

Um exemplo deste novo modelo de indicadores é o Indicador de QV Calvert-Henderson, mais sistematizado e amplo se comparado ao IDH, medindo doze dimensões: educação, emprego, renda, infraestrutura, saúde, direitos humanos, energia, meio-ambiente, segurança nacional, segurança pública, lazer e habitação (PENACHIONI, 2009).

Um antigo índice que tem, recentemente, sido valorizado por sua proposta de resgate do conceito de felicidade na sociedade, é o indicador de Felicidade Interna Bruta (FIB). Este índice surgiu no Butão, um pequeno país do Himalaia, em 1972 (ALVES, 2011; BOISIER, 2010) ou 1974 (ALVIM, 2011), proposto pelo rei Jigme Singye Wanchuck, para medir o bem-estar de acordo com a filosofia budista (BOISIER, 2010).

O mérito da iniciativa do Centro de Estudos do Butão, o qual reuniu especialistas de todo o mundo, foi achar pontos-chave para a felicidade, a satisfação de vida e o bem-estar comunitário. A sigla FIB veio substituir o PIB, partindo de um insight do rei Jigme, de que a felicidade do povo deveria ser o propósito da governança. O conceito considera a felicidade dos cidadãos como um medidor do

progresso nacional e, conseqüentemente, uma questão de Governo (ALVES FILHO; SALCIDES, 2011).

De acordo com Andrews (2010), este indicador tem chamado a atenção mundial por sua mensuração inovadora, situando a felicidade como o centro do desenvolvimento, em contraposição ao Produto Interno Bruto (PIB), visto que o PIB não contabiliza os custos ambientais, por exemplo, indicando um crescimento econômico que não reflete o bem-estar social.

Durão (2012) explica que a FIB representa não somente uma nova maneira de mensurar o progresso, mas uma nova ética para o desenvolvimento humano, além de ser uma resposta ao fato cada vez mais comprovado por evidências empíricas de que o crescimento econômico não necessariamente leva ao aumento da felicidade. Fica claro, então, que a teoria por trás do FIB é simples: defende que o crescimento econômico não é um fim em si mesmo, e sim um meio para alcançar outros propósitos, como paz, segurança, bem-estar e felicidade.

O índice FIB é constituído por 72 (LOUETTE, 2009) ou 73 (DERBLI, 2010) indicadores, divididos em nove (9) dimensões, considerados os principais aspectos de felicidade e bem-estar no Butão: bem estar psicológico, bom padrão de vida econômica, educação de qualidade, saúde, vitalidade comunitária, acesso à cultura, gestão equilibrada do tempo, proteção ambiental e boa governança (LOUETTE, 2009; DERBLI, 2010; ALVES FILHO; SALCIDES, 2011).

Portanto, o conceito Butanês propõe uma abordagem não apenas econômica, social e ambiental, mas também aspectos como bem-estar, cultura e governança, permitindo maior consistência para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento social (ALVIM, 2011).

Arruda (2009) defende que o FIB surge como uma abordagem holística às necessidades humanas, pois, se não se atender as necessidades tanto materiais quanto espirituais dos indivíduos e das sociedades, não é possível se alcançar uma sociedade boa e decente.

Ainda segundo Arruda (2009), o FIB é uma ferramenta adequada para o objetivo de redefinir o propósito do desenvolvimento, afirmar um outro modo de planejar e organizar a economia, e reorientar a economia e a tecnologia para que sirvam às metas superiores do desenvolvimento social e humano.

Dessa maneira, conforme definiu Karma Ura, na I Conferência Nacional do FIB, em 2008, os indicadores do FIB podem embasar decisões políticas de uma

nação, pois possibilita que o Governo conheça a realidade por trás dos números, garantindo a integralidade do desenvolvimento (ALVES FILHO; SALCIDES, 2011).

2.3 DIMENSÕES E INDICADORES AVALIADAS NO ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA

2.3.1 As 9 Dimensões do FIB

2.3.1.1 Bem-estar psicológico e espiritual

De acordo com Arruda (2009), o bem-estar psíquico e espiritual diz respeito à vivência de encontros gratificantes entre pessoas, ao sentido de comunhão com os outros e com o meio natural, o sentido de pertencimento, o acesso à tradição e à integridade cultural. Isso inclui indicadores como satisfação com a vida, alegria de viver, sentido de liberdade ou coerção, equidade ou desigualdade, irmandade, cooperação ou competição, reciprocidade ou unilateralidade, satisfação com ocupações cotidianas, relações familiares e com amigos, espiritualidade, vida social e religiosa, vivência de sentimentos como empatia, bondade, perdão, raiva, inveja, culpa, medo, egoísmo, orgulho, ressentimento, dor, frustração, problemas físicos ou mentais, etc.

De acordo com Silva (2011), esta dimensão aborda a satisfação com todos os elementos da vida, o usufruto da mesma, o bem-estar subjetivo, compondo o principal objetivo do índice. Os indicadores são de caráter psicológico, sejam eles negativos (angústia, inveja, egoísmo, frustração) ou positivos (compaixão, generosidade, calma). Também é abordado o aspecto espiritual, como a prática de meditações e orações, consideradas pelos budistas como de efeitos *cármicos* na vida diária.

2.3.1.2 Uso do tempo

Arruda (2009) defende que este é um dos fatores mais relevantes da felicidade, apesar de normalmente sequer suspeitarmos disso. A cultura do capital ensina que tempo é dinheiro, no entanto, se bem usado, tempo é trabalho, saber, criatividade e também desenvolvimento, mental, psíquico, espiritual. Tempo livre das

tarefas vinculadas à produção direta e à sobrevivência física é tempo disponível para o desenvolvimento das nossas dimensões especificamente humanas, e não apenas animais.

Assim, o FIB objetiva identificar se estamos utilizando o tempo de forma equilibrada, reconhecendo que a pergunta “como estou usando meu tempo?” é precedida pela pergunta “que atividades e ocupações me fazem feliz?”. Algumas questões pertinentes neste quesito são: tempo gasto no transporte, uso deste tempo, tempo dedicado às artes, à comunicação presencial, à cooperação, ao estudo e à educação permanentes, dentre outros (ARRUDA, 2009).

Avaliando um período de 24 horas, são avaliadas as atividades realizadas e o tempo gasto com cada uma, como horas de trabalho e horas de sono, por exemplo. Além disso, verifica-se o tempo dedicado ao autocuidado, como a participação em atividades na comunidade, educação e aprendizagem, ações religiosas, culturais e sociais, tempo com lazer, esportes e viagens. Tal avaliação toma por princípio que a variedade de atividades realizadas fora do período de trabalho pode elevar o índice de felicidade. Sua divisão básica compreende total de horas trabalhadas e a quantidade de horas de sono. (SILVA, 2011)

2.3.1.3 Vitalidade comunitária

Aborda a sensação de pertencimento e segurança, no lar e na comunidade, incluindo prática de voluntariado e as relações de confiança e cuidado entre os indivíduos. (SILVA, 2011)

Considerando que o ser humano é um ser social, relacional, cuja existência e identidade se dão por meio da comunicação, tanto a interpessoal quanto a coletiva humana, a vitalidade comunitária é uma dimensão indispensável na busca pela felicidade. Mas isso também se dá no âmbito das atividades econômicas, visto que somos seres interdependentes para a sobrevivência física e a obtenção da qualidade máxima de bem-estar (ARRUDA, 2009).

Arruda (2009) defende que apenas uma economia fundamentada nas instâncias da família e da comunidade, partindo dos valores da cooperação, altruísmo recíproco, da solidariedade consciente e do amor, poderá culminar em famílias e comunidades equilibradas e felizes. Ao investigar os diversos aspectos da

vida familiar e comunitária das pessoas, o FIB ajuda na formulação de políticas para criação de ambientes propícios para a vitalidade comunitária.

2.3.1.4 Diversidade cultural

Segundo Arruda (2009), a socioeconomia solidária tem o conceito do ser humano como indivíduo social como seu fundamento filosófico, isto é, o conceito do homem como uma espécie distinta de todas as outras do reino animal e composta por uma diversidade de culturas, raças, etnias e tradições, o que culmina em seu apreço pelo princípio-base da vida coletiva: a complementaridade das diferenças. Assim sendo, a diversidade cultural, vivenciada a partir da perspectiva cooperativa e solidária, é fonte de riquezas materiais e de muito mais saberes e afetos do que cada cultura isolada. Isso demanda que se interiorize a verdade de que somos solidamente interconectados, como irmãos e irmãs do gênero humano, com origens comuns e destinos cada vez mais convergentes.

No Butão, este indicador está ligado à diversidade e à força das tradições culturais, as quais contribuem para a identidade, os valores pessoais e sociais e a criatividade. São avaliadas variáveis como natureza e número de eventos culturais, diversidade de idiomas e participação em festividades comunitárias (SILVA, 2011).

2.3.1.5 Saúde

Considera-se tanto o sistema de saúde quanto as condições determinantes de saúde, como alimentação, prática de atividades físicas, etc, além do número de dias vividos com boa saúde, incidência do HIV, a prática de amamentação e o Índice de Massa Corporal (IMC). A avaliação dos serviços é realizada quanto à presença ou ausência dos mesmos, e quanto às dificuldades de acesso a estes (SILVA, 2011).

O FIB permite avaliar as carências dos indivíduos quanto aos serviços de saúde, sua qualidade, seu caráter social ou privado, bem como o acesso ao conhecimento a respeito de como gerir e preservar a própria saúde, curar as doenças, equilibrar o corpo. Podendo ser usado para guiar o planejamento das políticas públicas de saúde, o FIB também possibilita orientar os investimentos para

solucionar as carências que impedem a saúde de ser fator de felicidade para os cidadãos (ARRUDA, 2009).

2.3.1.6 Educação

Relaciona de forma abrangente o conhecimento possuído, ligado a valores, habilidades e criatividade. Verifica a aplicabilidade da educação no âmbito do trabalho, bem como sua ligação com o bem-estar coletivo, considerando a participação do indivíduo e sua colaboração em assuntos coletivos. A cultura e o conhecimento populares também são considerados (SILVA, 2011).

Pesquisa a abrangência, qualidade e alcance da educação. Uma educação abrangente remete-se ao envolvimento da totalidade dos aspectos e dimensões da existência humana, de maneira individual e coletiva. A qualidade implica, além da capacitação dos educandos para o trabalho produtivo e criativo de bens e de saber, na promoção do autoempoderamento dos indivíduos para a autonomia, cooperação e solidariedade. E o alcance relaciona-se ao envolvimento de toda a população – crianças, jovens, adultos e idosos – em processos educativos contínuos (ARRUDA, 2009).

2.3.1.7 Diversidade e resiliência ecológica

Resiliência é a capacidade de um ecossistema de recuperar-se das ações humanas que o modificam, retornando ao seu estado original, incluindo os elementos que formam os ecossistemas e biomas do planeta: a terra, floresta, ar, água e biodiversidade (ARRUDA, 2009).

A abordagem do FIB parte do princípio de que o que fazemos contra a natureza, fazemos contra nós mesmos. Prova disso é que o Butão tem tomado medidas de defesa de sua capacidade de resiliência ecológica, com dados publicados em 2007 indicando que 26% do território do país são áreas protegidas, e 72% é ocupado por florestas. No entanto, é necessário que se encontre o devido equilíbrio entre este campo e o do padrão de vida, principalmente no quesito soberania e segurança alimentar, o que mostra que a abordagem do FIB não pode levar-nos a avaliar os campos isoladamente, e sim em interação uns com os outros.

Parte dessa análise é profissional, realizada por estudiosos especialistas, voltada para informações sobre ecossistemas, diversidade ecológica, recursos naturais e gestão; a outra parte, voltada para a população, aborda os conhecimentos acerca da ecologia (SILVA, 2011).

2.3.1.8 Padrão de vida

Segundo Arruda (2009), refere-se a todas as necessidades materiais e a economia real. Pode-se considerar um padrão de vida digno aquele que permite a satisfação das necessidades básicas a todos e a cada um. Através do FIB, é possível identificar a proporção entre o padrão de vida digno almejado para toda a população e as carências ainda a preencher por meio de políticas públicas e de atividade produtiva e distributiva por parte da mesma sociedade.

Indicadores como nível de renda pessoal e familiar, senso de estabilidade financeira, moradia em casas próprias, segurança alimentar relacionam-se ao status econômico, mas são destacados também as contribuições para festas comunitárias, dificuldades financeiras enfrentadas, utilização de roupas de segunda mão, etc (SILVA, 2011).

As metas quantitativas que o índice FIB permite definir direcionam a economia para satisfazer o direito de todos, enquanto indivíduos e cidadãos: direito à vida, alimentação saudável, saúde, trabalho, habitação, educação, ambiente limpo, segurança, todos os quais, quando satisfeitos, constituem variadas formas de riqueza, que obviamente não são apenas materiais (ARRUDA, 2009).

2.3.1.9 Boa governança

Governança refere-se à gestão de pessoas, instituições, territórios e recursos. A boa governança poderia, então, ser definida como a sábia gestão do poder político e econômico, de forma que garanta à sociedade a criação e preservação das condições materiais, sociais, culturais e ecológicas para que se viva em harmonia, alegria, paz e felicidade (ARRUDA, 2009).

Aborda a percepção dos sujeitos a respeito da qualidade, eficácia e honestidade do poder público, com indicadores relacionados ao desempenho dos

vários níveis de governo, direitos humanos, desigualdade, corrupção, confiança na mídia, no judiciário e na polícia (SILVA, 2011).

A boa governança, segundo Arruda (2009), chama-se democracia, no pleno sentido da palavra: a combinação da forma harmônica e criativa do sistema representativo com o sistema participativo, da autoridade governamental com a autonomia e autogestão da própria sociedade. Assume que a autoridade e a liderança são indispensáveis, no entanto, é o modo de praticá-las que determina se elas objetivam dominar ou libertar.

2.3.2 Indicadores do FIB

Louette (2009) organiza os indicadores de FIB conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Dimensões e indicadores do índice de Felicidade Interna Bruta aplicado no Butão.

	DIMENSÕES	INDICADORES
01	Bem-estar psicológico	1 Condição geral de saúde 2 Frequência de orações 3 <i>Frequência de meditação</i> 4 <i>Carma na vida cotidiana</i> 5 Egoísmo 6 Inveja 7 Calma 8 Compaixão 9 Generosidade 10 Frustrações 11 Consideração sobre cometer suicídio
02	Uso do tempo	1 Total de horas trabalhadas 2 Total de horas de sono
03	Vitalidade comunitária	1 Confiança em relação aos vizinhos 2 Ajuda entre vizinhos dentro da comunidade 3 Proximidade com os membros da comunidade 4 Socialização com os amigos 5 Cuidado efetivo entre os membros da família 6 Desejo de não pertencer à sua família 7 Discordância entre os membros da família 8 Compreensão na família 9 Recursos familiares para dar conforto 10 Quantidade de familiares na mesma comunidade 11 Experiência como vítima de crime 12 Segurança com relação a danos humanos

		13 Sentimento de inimizade na comunidade 14 Dias dedicados ao voluntariado 15 Prática de doações financeiras 16 Disponibilidade para apoio social
04	Cultura	1 <i>Primeiro idioma utilizado</i> 2 Frequência de prática de jogos tradicionais 3 <i>Aptidão para Zorig Chusum</i> 4 <i>Importância da disciplina (Drig) para as crianças</i> 5 Ensino de valores morais às crianças 6 <i>Conhecimento da máscara e de outras festas realizadas em tshechus</i> 7 Importância da reciprocidade 8 Matar 9 Roubar 10 Mentir 11 Comportamento sexual 12 Quantidade de dias que reservou durante o ano para as festas da comunidade
05	Saúde	1 Autorrelatos do estado de saúde 2 Deficiências a longo prazo 3 Saúde nos últimos 30 dias 4 Índice de Massa Corpórea 5 Conhecimento sobre transmissão de HIV/Aids 6 Tempo de amamentação exclusiva para as crianças 7 A distância ao centro de saúde mais próximo
06	Educação	1 Nível de educação 2 Taxa de alfabetização 3 Capacidade de compreensão 4 Conhecimento sobre lendas locais e histórias folclóricas
07	Diversidade ecológica	1 Poluição dos rios 2 <i>Erosão do solo</i> 3 Método de eliminação de resíduos 4 Nomes e espécies de plantas e animais 5 Árvores ao redor de sua moradia
08	Padrão de vida	1 Renda domiciliar 2 Suficiência da renda para suprir as necessidades diárias 3 Insegurança alimentar 4 Moradia em casa própria 5 Quantidade de quartos 6 Aquisição de roupas de segunda mão 7 Contribuição para as festas da comunidade 8 Reparos e manutenção da moradia
09	Governança	1 Performance do poder público em reduzir as diferenças entre ricos e pobres 2 Performance do poder público no combate à corrupção

		3 Direito de liberdade de expressão e opinião 4 Formas de discriminação 5 Confiança nos Ministérios governamentais 6 <i>Confiança na administração dzongkhag</i> 7 Confiança na imprensa
--	--	--

Fonte: Louette, 2009 (destaques pessoais).

2.4 CONCEITOS DE URBANIZAÇÃO

Mingione e Pugliese, já em 1987, discutiam a difícil delimitação dos conceitos de urbano e rural. Segundo os autores, tais conceitos tem sido amplamente utilizados pelas ciências sociais para interpretar as mudanças históricas e culturais das sociedades, no entanto, desde o início da década de 70, ampliou-se a discussão a respeito da validade dessa dicotomia.

Segundo o dicionário da língua portuguesa e latina, de 1712, existem vários sentidos para a palavra cidade, porém, nenhum para o termo urbano. Isso mostra que a ideia de urbano não existia até então. A palavra cidade tinha como significado: a) grande aglomerado de casas distribuídas por ruas e praças, habitadas por indivíduos que vivem em sociedade e subordinação e cercadas por muros; b) centro de um reino ou província. E, quando o verbete utilizado tinha o sentido de “concernente à cidade”, o correspondente em latim era a palavra “*Urbanos, a, um*” (LENCIONI, 2008).

Igualmente, o dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, produzido por Cunha (1982), não registra a palavra urbano, porém apresenta o termo *urbe*, que apresenta o sentido de cidade e tem origem na palavra latina *ubs*, *urbis*, indicando o uso da palavra *urbe* na língua portuguesa como datando do século XX. (LENCIONI, 2008).

Léfèbvre (1999, p. 16 e 28) determina a sociedade urbana, ou o urbano, como uma sociedade pós-industrial, ou seja, aquela que “nasce da industrialização e a sucede”, situando, então, o urbano no âmbito da industrialização, ainda que sem considerar que este seja um subproduto da industrialização. De toda forma, na maioria das vezes, a ideia de urbano surge associada à ideia de capital industrial e de sociedade capitalista industrial (LENCIONI, 2008).

Já o conceito de rural, conforme Abramovay (2003), baseia-se numa natureza territorial e não-setorial, com três aspectos característicos: “a relação com a

natureza, a importância das áreas não densamente povoadas e a dependência do sistema urbano”.

No caso do Brasil, a classificação de rural torna-se ainda mais complexa, pois esta é baseada na definição de “cidade”, a qual é definida como “sede de município”, quaisquer que forem suas características, definição esta que acaba por exagerar sobremaneira o grau de urbanização de uma sede municipal ou distrital (KAGEYAMA, 2004)

Por fim, a principal fonte de dados a respeito das organizações sociais brasileiras, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), segundo seu Censo Demográfico, define rural como:

área externa ao perímetro urbano de um distrito, composta por setores nas seguintes situações de setor: rural de extensão urbana, rural povoado, rural núcleo, rural outros aglomerados, rural exclusive aglomerados. (IBGE, 2002, p. 66).

Percebe-se, então, a proximidade entre os limites urbanos e rurais e, em consequência, na diferenciação do uso de tais termos, o que originou a necessidade de uma nova nomenclatura referente ao assunto: as áreas peri-urbanas. Segundo Lewis (2007), estas podem ser definidas como:

áreas localizadas na linha entre rural e urbana, perto da periferia de um limite legal e administrativo de uma cidade, dentro ou fora de um plano de área e normalmente caracterizada pela ocupação de terra e tenência informal e poucos serviços básicos.

A designação de área peri-urbana passou a ser proposta pela literatura em função da dificuldade com os conceitos de urbano e rural, que acabavam impondo limites falsos às localidades e populações, deixando de refletir os complexos e interconectados sistemas das cidades, com realidades demográficas, econômicas e culturais muito heterogêneas e divergentes (LEWIS, 2007).

Assim, as características de uma área peri-urbana seriam:

casas multispaciais, com indivíduos trabalhando na agricultura e outras em empregos industriais, aproveitando-se do transporte e acessibilidade à cidade (Tacoli 1998). As áreas rurais provêm alimentos básicos e matérias primas e os centros urbanos oferecem serviços como saúde e educação (LEWIS, 2007).

Allasembaye (1994) definiu o surgimento das regiões peri-urbanas como um processo em que habitantes pobres das cidades são marginalizados a espaços mais distantes do centro, sem os serviços e empregos comumente associados à área urbana.

Phillips e Andrews (1999) dão outro conceito para estas áreas:

caracterizada pela influência urbana, acesso fácil aos mercados, serviços e mão de obra para trabalhos e uma relativa falta de terra e riscos associados com poluição e crescimento urbano.

Lewis (2007) conclui refletindo que, de maneira particular na Amazônia, o crescimento de áreas urbanas tem sido acompanhado pela multiplicação das áreas peri-urbanas, normalmente com características rurais, como agricultura de subsistência, extrativismo da floresta e pesca, e oferta de alimentos básicos para as cidades.

2.4.1 Características do Universo de Pesquisa

O município de Santana está localizado na meso região sul do estado do Amapá, a uma distância de apenas 23 km da capital, Macapá. Possui sete distritos: Santana, Igarapé do Lago, Ilha de Santana, Igarapé da Fortaleza, Elesbão, Anauerapucu e Pirativa, e faz fronteira com os municípios de Macapá, Mazagão e Porto Grande (SOUZA, 1995).

Segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possuía, no ano, uma população de 101.262 habitantes, dentre os quais, 99.111 residentes na área urbana, e 2.151 residentes na área rural. (IBGE, 2010).

Nesse município, localiza-se o principal porto para embarque e desembarque de produtos de exportação e importação, bem como o Distrito Industrial do Amapá, situado à margem esquerda do Rio Matapi, distante a 20,7 km da capital (SOUZA, 1995).

Assim como os outros municípios do estado, sua economia compõe-se de criação de gado bovino, bubalino e suíno, no setor primário; fábricas e indústrias, de palmito, açaí, coca-cola, tijolos, papel, pinho, etc., no setor secundário; e bares, boates, motéis, hotéis e comércio, no setor terciário (Ibid).

A Ilha de Santana possui uma extensão de, aproximadamente, 2.100 hectares e localiza-se em frente à orla do Município de Santana (coordenadas: 00o03'59,10"S - 51o10'02,56"W) (SILVA et. al, 2007), a cerca de cinco minutos da sede de Santana, com acesso a esta por via fluvial, através de pequenas embarcações, denominadas popularmente de catraias, as quais transportam tanto pessoas quanto

produtor para comércio. É cercada pelo Rio Amazonas, possuindo uma beleza exuberante composta por matas e pássaros, além de pequenas regiões de praia (SOUZA, 2011).

A localidade possui uma população em torno de 3.000 (três mil) habitantes. (SILVA et. al, 2007), compondo aproximadamente 900 famílias, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2009. Possui uma escola estadual, que oferece ensino de 1ª série do ensino fundamental a ensino médio; uma Unidade Básica de Saúde, que presta atendimento médico e outros serviços da rede pública; e um posto policial. O saneamento básico é precário, pois não há água encanada nem esgoto sanitário, assim, as casas são supridas por poços artesianos e fossas sépticas. Não há asfaltamento das ruas e a coleta de lixo é realizada por um pequeno trator de caçamba, duas vezes na semana. Segundo relatos dos moradores, a localidade é considerada, pelas autoridades do município, como um bairro de Santana, o que acaba gerando os problemas de infra-estrutura e desenvolvimento (SOUZA, 2011).

Miranda (20??) cita, como atividades culturais e turísticas características do município os balneários, passeios ecológicos, passeios de barco, as micaretas de carnaval, festividades de aniversário municipal em dezembro, e o Santana Verão no mês de Julho. Penha (2013) ainda ressalta a realização da quadra junina, no mês de junho.

As festas religiosas católicas também são muito comuns no estado, em todos os meses do ano, além do batuque e marabaixo e dos festejos de carnaval na capital. Somam-se a estes, a culinária típica, onde destacam-se a maniçoba, o vatapá, o caruru, o pato no tucupi, a caldeirada de tucunaré, a farofa de pirarucu, o camarão no bafo, o açaí, bacaba, tacacá, cupuaçu, graviola, taperebá, castanha-do-brasil, etc. Também são características folclóricas as lendas, como a do Manganês, do João de Gatinha, da Pedra do Guindaste e do Boto (GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ, 20??).

Em função de todas as características até então mencionadas, a Ilha de Santana foi considerada região peri-urbana do município de Santana, conforme definições de área peri-urbana da literatura em vigor, as quais permitiram a caracterização da comunidade da Ilha de Santana como área peri-urbana do referido município, em contraste com os demais bairros componentes do restante da cidade.

3 MÉTODO DE PESQUISA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Segundo Rampazzo (2005), a pesquisa é um processo de reflexão e sistematização, controlado e crítico, que possibilita a descoberta de novos fatos ou dados, leis ou soluções, objetivando a resolução de problemas por meio do método científico.

A presente pesquisa foi do tipo documentação direta, com caráter descritivo e quantitativo.

A documentação direta é aquela em que a coleta de dados é realizada diretamente no local onde os fenômenos ocorrem, como o que ocorre na aplicação de entrevistas (RAMPAZZO, 2005).

Como pesquisa descritiva entende-se aquela que observa fenômenos, registra-os e analisa-os, porém sem manipulá-los (OLIVEIRA, 2010), e “procura, pois, descobrir, com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e sua conexão com outros, sua natureza e suas características.” (RAMPAZZO, 2005, p. 53).

Rampazzo (2005) explica que a pesquisa quantitativa se inicia a partir do estudo de uma certa quantidade de casos individuais, quantificando determinados fatores e utilizando-se, com frequência, de dados estatísticos que permitam generalizar o resultado encontrado para os casos particulares, o que é objetivo deste projeto.

3.2 LOCAL E POPULAÇÃO

A pesquisa foi realizada na área urbana e peri-urbana ribeirinha do município de Santana, com população constituída pelos moradores das respectivas áreas.

A cidade de Santana foi escolhida por ser o segundo maior município em tamanho populacional do estado do Amapá e por possuir uma área ribeirinha bem delimitada e isolada da região urbana.

A Ilha de Santana foi escolhida por ser uma área peri-urbana pertencente ao município cuja população urbana foi avaliada, e por localizar-se próximo a este, com

fácil acesso através de pequenas embarcações, possibilitando o adequado deslocamento da pesquisadora para as visitas de coleta de dados.

3.3 AMOSTRA

A amostra foi composta por 270 moradores, divididos em 3 grupos de indivíduos: moradores de bairros centrais da área urbana, denominados de “Área Urbana Central” ou “Área 1”; moradores de bairros periféricos da área urbana, denominados “Área Urbana Periférica” ou “Área 2”; e moradores do distrito da Ilha de Santana, denominados “Área Peri-urbana Ribeirinha” ou “Área 3”. Assim, em cada grupo, foram avaliados 90 indivíduos.

O quantitativo da amostra tomou como referência a fórmula de Hair Jr. et. al. (2008) para estimativa amostral com base na proporção populacional para populações infinitas, ou seja, para populações compostas por mais de 100 mil indivíduos:

$$n = \frac{(Z^2_{B,CL}) \cdot (P \times Q)}{e^2}$$

Sendo:

n = Tamanho da amostra

$Z_{B,CL}$ = Valor z padronizado associado ao nível de confiança amostral (90% = 1,645; 95% = 1,96; 99% = 2,575)

P = Estimativa da proporção populacional esperada que possui a característica desejada, com base em intuição ou informações anteriores

Q = [1-P] ou a estimativa da proporção populacional esperada que não apresentará a característica de interesse

e = Nível de tolerância aceitável de erro

No caso desta pesquisa, optou-se por utilizar nível de confiança de 90%, que possui um correspondente numérico de 1,645 para o cálculo, e erro amostral de 5% (= 0,05). Como os valores de P e Q são desconhecidos, no caso das populações em questão, utilizar-se-á o padrão de “p x q = 0,25”. Assim, o cálculo para a amostra total da pesquisa foi:

$$n = 1,645^2 \times (0,25 / 0,05^2)$$

$$n = 2,70602 \times (0,25 / 0,0025)$$

$$n = 2,70602 \times 100$$

$$n = 270,602$$

Portanto, arredondando-se o valor encontrado, temos um tamanho de amostra de 270 indivíduos. Como a amostra será dividida em 3 subgrupos, serão formados 3 grupos de 90 pessoas.

3.4 SELEÇÃO DA AMOSTRA

Os indivíduos foram escolhidos a partir da técnica de Amostragem por Conglomerados de dois estágios.

Segundo Vieira (2011), a amostra por conglomerados é composta por n unidades amostrais retiradas de alguns *conglomerados*. Entende-se por conglomerados um conjunto de unidades agrupadas por razões específicas, quaisquer que sejam elas, como um asilo (conglomerado de idosos) ou o serviço militar (conglomerado de adultos jovens saudáveis).

Hair Jr. et. al. (2003) explicam que, na amostragem por conglomerados de vários estágios, utiliza-se uma sequência de estágios de conglomerados. No primeiro estágio, realiza-se a seleção aleatória de conglomerados, chamados de unidades de amostragem primária. No segundo estágio, é feita uma escolha aleatória de conglomerados dentro dos agrupamentos primários, montando um segundo conjunto de conglomerados menores (unidades de amostragem secundária). E assim por diante. Quando o processo de seleção amostral é interrompido nesse ponto, chama-se de amostragem por conglomerado de dois estágios.

Os autores complementam que, ao final da escolha dos conglomerados a serem pesquisados, é preciso tomar a decisão se será realizado um censo nos agrupamentos escolhidos, ou se utilizar-se-á uma amostra probabilística. Caso a amostra probabilística seja escolhida e o número de conglomerados for superior a um, como é o caso desta pesquisa, deve-se determinar o tamanho amostral e, então, distribuir o total amostral igualmente entre os conglomerados.

No caso desta pesquisa, foram adotados conglomerados primários e secundários até chegar às unidades amostrais simples, ou seja, cada subárea de pesquisa (Área 1, Área 2 e Área 3) foi dividido em conglomerados geográficos primários, correspondentes às ruas. Cada conglomerado primário foi dividido em conglomerados secundários, correspondentes às residências. E cada conglomerado secundário foi dividido em unidades simples, correspondentes aos moradores da residência.

Foram escolhidos 9 conglomerados primários de cada subárea; dentro de cada conglomerado primário, foram escolhidas 5 residências e, em cada residência, foram abordadas 2 pessoas, totalizando, assim, 90 indivíduos para cada subárea de pesquisa.

Para escolher os conglomerados primários, foi realizada uma amostragem probabilística aleatória simples, na área urbana do município, e uma seleção por conveniência na área peri-urbana.

De acordo com Vieira (2011), a amostra probabilística, ou amostra aleatória, é aquela constituída por unidades selecionadas da população ao acaso, ou seja, através de sorteio, assim, todas as unidades possuem a mesma probabilidade de pertencer à amostra. Na amostra aleatória simples, o sorteio é realizado em uma população composta por unidades homogêneas para a variável estudada.

Já a amostragem por conveniência é aquela em que a seleção das unidades amostrais é feita em função da facilidade de acesso do pesquisador às mesmas (VIEIRA, 2011). A opção pela amostragem por conveniência para a área 3 se deu pela indisponibilidade de informações acerca da divisão geográfica das ruas referentes ao distrito da Ilha de Santana. Assim sendo, optou-se por utilizar as ruas mais próximas da entrada da cidade, que facilitassem tanto o acesso quanto a segurança da pesquisadora durante a coleta de dados.

A seleção da amostra aleatória simples dos conglomerados primários das áreas 1 e 2, então, foi realizada com numeração de cada rua, e posterior sorteio, sem reposição, das unidades a serem pesquisadas. As ruas foram numeradas tomando como base o mapa da área urbana do município de Santana produzido por Fagundes, Fagundes e Duarte (20??) (Anexos 1 a 4). O mapa em questão foi utilizado por apresentar fácil visualização da divisão espacial dos bairros e ruas da área urbana do município, a qual se tomou como referência para a divisão dos conglomerados primários. A divisão do mapa foi questionada com vários moradores

de Santana, a fim de confirmar a veracidade dos dados oferecidos, e foi confirmada por todos eles.

Os bairros foram considerados como centrais ou periféricos da área urbana também conforme entrevistas informais realizadas com os moradores do município, levando em consideração 2 quesitos: o nível de urbanização e o poder aquisitivo de cada bairro. A partir desta análise, foram classificados 5 bairros como centrais (Nova Brasília, Comercial, Central, Vila Amazonas, Vila Daniel e Novo Horizonte) e 8 bairros como Periféricos (Remédios, Provedor, Provedor 1, Elesbão, Fonte Nova, Jardim de Deus, Hospitalidade e Paraíso). Assim sendo, foi necessário repetir ruas em 3 bairros na área 1 (área central), e 1 bairro na área 2 (área periférica), para completar a lista dos conglomerados primários. Para seleção dos bairros (e, conseqüentemente, das ruas) a serem repetidos, foi realizado sorteio aleatório. Na área 1, foram sorteados os bairros Nova Brasília, Comercial e Central para repetição, e na área 2, o bairro Provedor 1. Após o sorteio dos conglomerados primários referentes a cada bairro das áreas 1 e 2, e da seleção dos conglomerados primários da área 3, chegou-se ao Quadro 2, abaixo, que indica as ruas selecionadas para realização desta pesquisa:

Quadro 2 – Conglomerados primários selecionados em cada área de pesquisa.

	ÁREA URBANA CENTRAL (ÁREA 1)	ÁREA URBANA PERIFÉRICA (ÁREA 2)	ÁREA PERIURBANA (ÁREA 3)
01	Bairro: Nova Brasília <i>Tv. Nelciane Vasquez</i>	Bairro: Remédios <i>Tv. 02</i>	<i>Rua A</i>
02	Bairro: Nova Brasília <i>Tv. Pedro Teixeira</i>	Bairro: Provedor 1 (2) <i>Tv. 14</i>	<i>Ramal da Carapina</i>
03	Bairro: Comercial <i>Av. Castelo Branco</i>	Bairro: Provedor 1 <i>Av. Piauí</i>	<i>R. Beira Rio</i>
04	Bairro: Comercial <i>R. Pres. A. Costa e Silva</i>	Bairro: Provedor (1) <i>Ramal 19 de Maio</i>	<i>Av. Matapi</i>
05	Bairro: Central <i>Av. 15 de Novembro</i>	Bairro: Elesbão <i>Av. N. Sra de Fátima</i>	<i>Av. Santana</i>
06	Bairro: Central <i>R. 7 de Setembro</i>	Bairro: Fonte Nova <i>Tv. L-7</i>	<i>Av. Antônio Henriqueta</i>
07	Bairro: Vila Amazonas <i>R. B-1</i>	Bairro: Jardim de Deus <i>Av. São João Apóstolo</i>	<i>Av. América Picanço</i>
08	Bairro: Vila Daniel <i>Av. J. B. Muniz</i>	Bairro: Hospitalidade <i>Av. D. Pedro I</i>	<i>R. Monteiro Bahia</i>
09	Bairro: Novo Horizonte <i>R. Armando F. de Matos</i>	Bairro: Paraíso <i>Av. Tancredo Neves</i>	<i>Av. Arcângelo Cardoso</i>

Fonte: Dados primários, 2015.

A seleção dos conglomerados secundários se deu por amostragem semiprobabilística sistemática. Vieira (2011) explica que uma amostra semiprobabilística é aquela em que as unidades são selecionadas por procedimentos parcialmente aleatórios. Dentro desta classificação, há a amostra sistemática, na qual as unidades são retiradas da população a partir de um sistema previamente estabelecido. Por exemplo, se objetiva-se pesquisar $1/8$ da população, sorteia-se um número entre 1 e 8. O número sorteado será o selecionado para fazer parte da amostra, em cada intervalo de 8 números, no caso deste exemplo. Ou seja, a cada intervalo predefinido, a unidade selecionada será a utilizada na composição da amostra, de forma sistemática e sequencial.

Neste estudo, a seleção da amostra sistemática ocorreu a partir da primeira casa identificada pela pesquisadora em cada rua, tendo-se definido um intervalo de 3 casas para seleção dos conglomerados secundários. Este intervalo foi escolhido a partir da análise da realidade de coleta de dados do universo pesquisado. Observou-se que o acesso a um número considerável de residências era difícil ou impossível, fosse em virtude de casas não habitadas ou de casas em que os moradores não atendiam no momento da realização da pesquisa. Assim sendo, foi necessário realizar abordagem a um número muito maior do que 5 residências em cada rua para se conseguir o número adequado de residências e de indivíduos em cada conglomerado primário. Portanto, um intervalo superior a 3 para a seleção das residências dificultaria o alcance do total de conglomerados secundários necessários para cada conglomerado primário, também levando em consideração os limites geográficos concernentes a cada bairro. Os números das casas selecionadas não serão divulgados a fim de manter o sigilo dos moradores que prestaram informações a esta pesquisa.

E, para escolha das unidades simples, também foi utilizada a estratégia de amostragem por conveniência, ou amostragem não-probabilística, acima descrita. Este tipo de seleção amostral foi utilizado, neste momento do processo, visto a dificuldade de identificar quantos indivíduos residiam em cada residência e quantos/quais estariam presentes no local no horário da pesquisa e disponíveis para responder ao formulário e, assim, atribuir uma identificação a cada um para que se pudesse fazer uma análise probabilística. Então, neste caso, foram abordados os 2 primeiros indivíduos que se disponibilizarem a participar da pesquisa. Quando não

encontrados 2 indivíduos disponíveis e aptos a participar da pesquisa em alguma residência abordada, o número foi completado por indivíduos das residências laterais mais próximas, até que se obteve o número adequado de indivíduos, sem alteração das residências previamente selecionadas pela amostragem sistemática.

3.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Fizeram parte da amostra desta pesquisa indivíduos com idade entre 18 e 85 anos, de qualquer sexo, que residissem há mais de 1 ano no local de pesquisa e que aceitaram livremente participar da coleta de dados.

Foram excluídos da pesquisa indivíduos com problemas neurológicos, capacidade de compreensão comprometida, incapacidade de fala e/ou audição, além daqueles que desistiram, em qualquer momento da pesquisa, de se manter como participantes.

3.6 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi direta e ocasional, com aplicação de um modelo adaptado do questionário de Felicidade Interna Bruta proposto por Silva (2011), que avalia as 9 dimensões do índice (Apêndice A). O formulário original estava composto por 48 questões fechadas, algumas desmembradas em questões subjetivas. Porém, com o desmembramento de muitas questões e a inclusão de outras entendidas como importantes, de acordo com os indicadores originais do FIB, o questionário utilizado nesta pesquisa está composto por 81 perguntas, dentre as quais, 11 abertas e 70 fechadas.

De acordo com Ramos, Almeida e Araújo (2013), a coleta direta é aquela que levanta dados primitivos, ou seja, a partir das fontes originais, como o que ocorre em recenseamentos. A mesma pode ser contínua, quando ocorre em tempo ininterrupto; periódica, quando ocorre repetidamente, em intervalos de tempos determinados; ou ocasional, que ocorre uma única vez, sem repetições.

Os instrumentos foram aplicados individualmente aos sujeitos da pesquisa, em visita domiciliar, e por meio de abordagem oral feita pela pesquisadora, no mês de Fevereiro de 2015. Os participantes foram previamente esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa, bem como sobre as opções de resposta e, durante todo o

decorrer da abordagem oral, a pesquisadora teve, em mãos, o quadro ilustrativo de opções de respostas objetivas para auxiliar os participantes.

Teste de aplicação do instrumento de coleta de dados foi realizado com 10 pessoas e os devidos ajustes foram realizados, segundo sugestões dos participantes. O tempo médio de preenchimento foi de 20 minutos.

Como alguns indicadores do FIB referem-se diretamente a características de vida específicas do Butão, país originário do índice, ou dizem respeito a questões ambientais de cunho profissional sua compreensão se torna mais difícil para a população leiga. Assim, visto os mesmos não se aplicarem à realidade do local de pesquisa, eles não foram abordados no formulário aplicado.

Devido o questionário proposto por Silva (2011) não incluir, de maneira clara, cada um dos indicadores mencionados por Louette (2009), algumas questões foram acrescentadas, para suprir esta ausência. Da mesma forma, como o questionário modelo foi adequado à realidade sócio-cultural do local onde foi utilizado, foram realizados ajustes para adequar as perguntas às características do estado do Amapá e, mais especificamente, do município de Santana.

Ressalta-se, ainda, que nem todos os indicadores mencionados por Louette (2009) e aplicáveis à realidade local foram utilizados, por muitos serem de cunho altamente subjetivo e não permitirem uma relação clara com o menor ou maior nível de felicidade ou qualidade de vida.

3.7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados foi feita através de estatística inferencial dos resultados encontrados em cada subgrupo.

Segundo Hair Jr. et. al. (2003), as estatísticas inferenciais são usadas para testar hipóteses, possibilitando chegar a conclusões que se apliquem a toda a população.

Os dados foram agrupados em 5 níveis de Felicidade Interna Bruta (FIB) para cada área, medidos segundo a quantidade de respostas dadas pelos 90 indivíduos de cada área que se enquadravam em cada um dos 5 níveis. Os níveis foram nomeados FIB1 a FIB5, sendo 1 o menor índice de FIB e 5 o maior índice de FIB. Assim sendo, podemos dizer que os indivíduos enquadrados no índice FIB 1 possuem uma Qualidade de Vida muito ruim; os enquadrados no FIB 2, possuem

uma QV ruim; aqueles enquadrados no FIB 3 possuem uma QV regular; os enquadrados no FIB 4 apresentam QV boa; e os incluídos no FIB 5 possuem uma Qualidade de Vida muito boa.

Para chegar ao total de indivíduos enquadrados em cada nível de FIB, em cada uma das 3 áreas, foi montada uma tabela de tabulação dos dados, semelhante à que compõe o formulário de coleta de dados utilizado. As 5 colunas correspondentes às 5 opções de resposta do formulário passaram a indicar os 5 níveis de Felicidade Interna Bruta, sendo que a primeira coluna de respostas correspondeu ao índice FIB1, a segunda coluna correspondeu ao índice FIB2 e assim sucessivamente, até o índice FIB5, representado pela 5ª coluna da tabulação, conforme indica a figura abaixo.

Figura 1 – Indicação da organização da tabela de tabulação dos dados pesquisados em cada área de coleta.



		QV1	QV2	QV3	QV4	QV5
01	Você costuma participar de atividades religiosas?	5	4	3	2	1
02	Você costuma realizar orações ou meditações?	5	4	3	2	1
03	Você costuma se sentir frustrado por algum motivo?	1	2	3	4	5
26	Você se considera uma pessoa individualista?	1	2	3	4	5

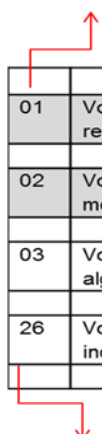
Fonte: Dados primários, 2015.

Nessa tabela, foi contabilizado o total de respostas encontrado em cada pergunta relacionado a cada nível de FIB. Como, no formulário de coleta, havia perguntas cuja progressão de respostas (1 a 5) representava uma influência crescentemente positiva para FIB, enquanto outras representavam uma crescente negativa para FIB, foram separadas as perguntas com influência positiva das daquelas com influência negativa. No caso das perguntas com progressão positiva das respostas, sua sequência de respostas, na organização das 5 colunas de níveis de FIB da tabela de tabulação dos dados, foi invertida para 5-4-3-2-1 na tabela de

tabulação, com as respostas 5 representando índice FIB1, as respostas 4 representando índice FIB2, e assim sucessivamente. De modo oposto, as perguntas com progressão negativa das respostas permaneceram com sua sequência de respostas 1-2-3-4-5, com as respostas 1 correspondendo ao índice FIB1, as respostas 2 correspondendo ao índice FIB2, e assim sucessivamente. Na tabela de tabulação, as perguntas com influência positiva (cuja sequência de respostas foi invertida) foram destacadas com sombreamento cinza, para diferenciação das demais, conforme mostra a figura abaixo:

Figura 2 – Organização das opções de resposta para cada pergunta do formulário segundo as colunas representativas dos 5 níveis de FIB da tabela de tabulação

Questões em cinza: progressão de respostas com influência positiva para FIB (respostas 1 = mais positivas = FIB5; respostas 5 = mais negativas = FIB 1)



		FIB 1	FIB 2	FIB 3	FIB 4	FIB 5
01	Você costuma participar de atividades religiosas?	5	4	3	2	1
02	Você costuma realizar orações ou meditações?	5	4	3	2	1
03	Você costuma se sentir frustrado por algum motivo?	1	2	3	4	5
26	Você se considera uma pessoa individualista?	1	2	3	4	5

Questões em branco: progressão de respostas com influência negativa para FIB (respostas 1 = mais negativas = FIB1; respostas 5 = mais positivas = FIB 5)

Fonte: Dados primários, 2015.

As perguntas do formulário de coleta de dados, que estavam divididas segundo o tipo de resposta, para facilitar a aplicação do formulário aos participantes da pesquisa, foram reorganizadas segundo a dimensão do índice de FIB à qual cada uma se referia. Após a aplicação do formulário, foi observado que algumas perguntas que haviam sido classificadas em uma das 9 dimensões do FIB seriam mais adequadas para avaliação de outra dimensão, assim, algumas perguntas passaram a constar em uma dimensão diferente daquela da qual ela fazia parte no formulário de coleta de dados. A organização das perguntas representativas de cada

dimensão do FIB, separadas em positivamente influentes (cor cinza) e negativamente influentes (cor branca), conforme o Quadro 3, abaixo:

Quadro 3 – Organização das perguntas incluídas em cada Dimensão do FIB.

1) BEM-ESTAR PSICOLÓGICO	
01	Você costuma participar de atividades religiosas?
02	Você costuma realizar orações ou meditações?
03	Você costuma se sentir frustrado por algum motivo?
26	Você se considera uma pessoa individualista?
28	Você se considera uma pessoa calma?
29	Você se considera uma pessoa generosa?
30	Você já pensou seriamente na possibilidade de se suicidar?
61	Você tem sido vítima de algum tipo de discriminação, por raça, cor, condição econômica, gênero, religião ou outros?
2) USO DO TEMPO	
04	Normalmente, em uma semana, quanto tempo você dedica a atividades que você realmente gosta?
05	Você costuma se sentir esgotado ao final do dia?
31	Ao final do dia, você costuma se sentir satisfeito com as atividades que você realizou?
3) VITALIDADE COMUNITÁRIA	
06	Você costuma realizar atividades de socialização com seus amigos?
07	Você deseja ou já desejou não fazer parte da sua família?
08	Os membros de sua família costumam discordar entre si?
09	Você costuma se encontrar com parentes que não moram com você?
10	Você costuma se dedicar a trabalhos voluntários?
11	Você costuma realizar doações financeiras voluntariamente?
12	Você costuma participar de atividades comunitárias, como festividades culturais e sociais?
25	Você costuma contribuir financeiramente com as festividades de sua comunidade?
27	Você considera seus vizinhos individualistas?
33	Você confia em seus vizinhos?
34	Seus vizinhos costumam ajudar uns aos outros?
35	Você e seus vizinhos costumam interagir?
36	Você considera que os membros de sua família cuidam de verdade uns dos outros?
37	Você considera os membros de sua família compreensivos?
38	Você se sente seguro na sociedade em que vive?
39	Qual a sua disponibilidade para atividades de apoio social?
40	Você se sente parte da comunidade/bairro em que você vive?
41	Você se sente feliz por morar no Amapá?
43	Você costuma ensinar às crianças da sua família ou comunidade sobre valores morais?
64	Você está satisfeito com a localidade em que você mora?
4) DIVERSIDADE CULTURAL	
13	Você costuma participar de eventos culturais típicos de seu município ou

	estado?
42	Você conhece do folclore e da cultura amapaense?
18	Você costuma ou costumava contar histórias folclóricas ou populares às crianças da família ou comunidade?
19	Seus pais ou avós costumam ou costumavam contar histórias folclóricas ou populares?
5) SAÚDE	
14	Você costuma consumir bebida alcoólica?
15	Você costuma fumar?
16	Você costuma consumir frutas, legumes, verduras, sucos naturais e similares?
17	Você costuma consumir alimentos como sanduíches, pizza, batata frita, refrigerante e similares?
48	Você ou sua esposa praticaram ou pretendem praticar a amamentação exclusiva com seus filhos?
66	Como você avalia seu estado de saúde nos últimos anos?
67	Como está sua condição de saúde nos últimos 30 dias?
68	Como você avalia o seu peso atual?
6) EDUCAÇÃO	
50	Você está satisfeito com a educação oferecida no local em que você mora?
51	Você está satisfeito com seu nível de educação atual?
7) DIVERSIDADE E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA	
20	Você costuma ter contato com rios ou lagos?
21	Você costuma reutilizar materiais como vidros, latas, plásticos de produtos adquiridos?
22	Você costuma plantar ou cultivar árvores em sua casa?
23	Você costuma jogar lixo em vias públicas ou rios?
52	Você conhece sobre plantas comuns do estado do Amapá?
53	Quantas árvores ou plantas existem ao redor da sua casa?
8) PADRÃO DE VIDA	
24	Você ou sua família costumam utilizar roupas de segunda mão?
54	Sua renda familiar é suficiente para suprir as necessidades diárias de sua família?
55	A condição financeira de sua família melhorou no último ano?
32	Você está satisfeito com seu(s) trabalho(s) atual(is)?
56	Quanto da sua renda, ou de sua família, costuma ser gasto com reformas ou reparos em sua casa?
9) BOA GOVERNANÇA	
57	Você conhece os políticos que estão no governo do município de Santana?
58	Você conhece os partidos políticos de sua cidade e estado?
59	A prefeitura e o governo do estado têm conseguido reduzir a diferença entre pobres e ricos?
60	A prefeitura e o governo do estado têm combatido a corrupção?
62	Você confia nos políticos de sua cidade e estado?
63	Você confia na imprensa de sua cidade e estado?
49	Você está satisfeito com os serviços de saúde do local em que você mora?

Fonte: Dados primários, 2015.

Ao analisar as questões 44 a 47, 65 e 69, com 5 opções de resposta, observou-se que elas não se encaixavam adequadamente em nenhuma das 9 dimensões de FIB, portanto optou-se por classificá-las como “Outros” e usá-las como informações complementares para a análise dos dados. Da mesma forma, as perguntas abertas, por não possuírem as 5 opções de resposta que pudessem ser vinculadas aos 5 níveis de FIB estipulados, não foram incluídas na contagem de respostas correspondentes a cada um desses níveis, mas foram usadas como informações complementares para confirmar ou refutar os resultados encontrados.

Para as perguntas de respostas abertas, foram estabelecidos intervalos numéricos representando as respostas obtidas nos quesitos puramente quantitativos, bem como destacadas as palavras-chave encontradas nas respostas de caráter qualitativo, o que permitiu que a análise final se desse de forma quantitativa. Estes dados não foram contabilizados na soma dos índices de FIB ou FIB, nem os de cada dimensão do FIB nem os totais, visto que não foram distribuídos nas 5 opções de resposta que caracterizaram cada índice de FIB. No entanto, eles serão utilizados como complementares para a análise de cada uma das dimensões de FIB. A organização das respostas abertas se deu conforme o quadro abaixo:

Quadro 4 – Tabulação Quantitativa das Perguntas com respostas abertas.

2) USO DO TEMPO					
70	Quantas horas por dia você costuma trabalhar?	0h	1 a 4h	5 a 8h	9 ou +
71	Quantas horas por dia você costuma dormir?	> 6h	6 a 8h	9 a 11h	12h ou +
3) VITALIDADE COMUNITÁRIA					
72	Quantas vezes você já foi vítima de algum crime?	0	1	2 ou 3	4 ou +
4) DIVERSIDADE CULTURAL					
73	Quais eventos culturais característicos do município de Santana você conhece?	Nenhum	Só 1	2 a 3	4 ou +
5) SAÚDE					
74	Você enfrenta dificuldades para utilizar os serviços de saúde mais próximos de você? Quais?	Nenhuma			
		Marcar consulta / Fila			
		Falta de medicamento / material			

		Falta de exames			
		Distância			
		Falta de profissional			
		Mau atendimento			
		Outro			
6) EDUCAÇÃO					
75	Qual o nível mais alto de educação formal que você gostaria de concluir?	Satisfeito			
		Alfabetização			
		E. Fundamental			
		E. Médio			
		E. Superior			
		Pós-graduação			
76	Cite, pelo menos, uma história popular ou lenda do município de Santana ou estado do Amapá.	Nenhum	Só 1	2 a 3	4 ou +
7) DIVERSIDADE E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA					
77	Cite o nome de, pelo menos, duas plantas comuns no Amapá.	Nenhum	Só 1	2 a 3	4 ou +
8) PADRÃO DE VIDA					
78	Qual é, em média, a renda familiar de sua casa?	Menos de 1	1 a 3	3 a 8	Mais de 8
79	Qual seu tipo de residência (própria, alugada, emprestada, outros)?	Própria	Alugada	Emprestada	Outro
80	Quantos quartos sua casa possui?	1	2 / 3	4 ou 5	+ 5
OUTROS					
81	Se você tivesse chance, moraria em outro lugar? Se sim, onde?	Não			
		Sim, outro bairro			
		Sim, outro município			
		Sim, outro estado			
		Sim, outro país			

Fonte: Dados primários, 2015.

Após a organização da tabela de tabulação dos dados, foi contabilizado o total de respostas dadas pelos participantes da pesquisa para cada opção de resposta (representando cada índice de FIB) de cada uma das perguntas do formulário. A contabilidade destes resultados foi feita de maneira separada para cada área pesquisada, resultando no quantitativo de respostas para cada índice de FIB (1 a 5) em cada uma das dimensões de FIB avaliadas, assim como no total final para cada índice de FIB, em cada área.

Para chegar no resultado final para cada índice de FIB em cada dimensão de FIB avaliada, os resultados passaram por duas etapas de contabilidade:

a) Foi realizada a soma das respostas de todas as perguntas de cada dimensão que foram classificadas em cada índice de FIB (colunas 1 a 5 da tabulação), conforme o Quadro 5, abaixo:

Quadro 5 – Exemplo de contabilização dos resultados para cada nível de FIB em cada dimensão.

1) BEM-ESTAR PSICOLÓGICO						
01	Você costuma participar de atividades religiosas?	5	4	3	3	1
		3	2	7	2	6
02	Você costuma realizar orações ou meditações?	5	4	3	2	1
		2	1	6	4	7
03	Você costuma se sentir frustrado por algum motivo?	1	2	3	4	5
		3	1	6	2	8
26	Você se considera uma pessoa individualista?	1	2	3	4	5
		0	0	3	4	13
28	Você se considera uma pessoa calma?	5	4	3	2	1
		5	4	3	3	5
29	Você se considera uma pessoa generosa?	5	4	3	2	1
		1	4	5	4	6
30	Você já pensou seriamente na possibilidade de se suicidar?	1	2	3	4	5
		2	2	1	2	13
61	Você tem sido vítima de algum tipo de discriminação, por raça, cor, condição econômica, gênero, religião ou outros?	1	2	3	4	5
		1	3	3	2	11
	TOTAL DE RESPOSTAS PARA CADA ÍNDICE DE FIB	FIB 1	FIB 2	FIB 3	FIB 4	FIB 5
		17	17	34	23	69

Fonte: Dados primários, 2015.

b) Como as dimensões avaliadas possuíam quantidades diferentes de perguntas, a soma das dimensões não foi regular, portanto, os resultados finais de cada índice de FIB em cada dimensão foram divididos pela quantidade de perguntas que fazia parte de cada uma das dimensões. Assim, por exemplo, se o total de respostas para o índice FIB1 da dimensão Bem-estar psicológico foi 57, e esta dimensão era composta por 8 perguntas, dividiu-se o total 57 por 8, resultando em 7,125, o que passou a ser considerado como resultado final para o índice FIB1 do quesito Bem-estar psicológico. O total de perguntas de cada dimensão,

correspondente ao numeral utilizado para a divisão dos resultados adquiridos na primeira etapa, está resumido no quadro abaixo:

Quadro 6 – Demonstrativo de Cálculo para Total Final de respostas

DIMENSÕES AVALIADAS	Nº DE PERGUNTAS	TOTAL DE RESPOSTAS	CÁLCULO PARA TOTAL
BEM ESTAR PSICOLÓGICO	8 perguntas	720 respostas	$720 \div 8 = 90$
USO DO TEMPO	3 perguntas	270 respostas	$270 \div 3 = 90$
VITALIDADE COMUNITÁRIA	20 perguntas	1800 respostas	$1800 \div 20 = 90$
DIVERSIDADE CULTURAL	4 perguntas	360 respostas	$360 \div 4 = 90$
SAÚDE	8 perguntas	720 respostas	$720 \div 8 = 90$
EDUCAÇÃO	2 perguntas	180 respostas	$180 \div 2 = 90$
DIVERSIDADE E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA	6 perguntas	540 respostas	$540 \div 6 = 90$
PADRÃO DE VIDA	5 perguntas	450 respostas	$450 \div 5 = 90$
BOA GOVERNANÇA	7 perguntas	630 respostas	$630 \div 7 = 90$
TOTAL	63 perguntas	5.670 respostas	$5.670 \div 63 = 90$

Fonte: Dados primários, 2015.

Assim, para se chegar aos valores finais relativos aos 5 índices de FIB de cada área, somou-se o quantitativo final de respostas das 9 dimensões em cada índice de FIB, resultando em 5 índices de FIB para cada área avaliada, conforme Quadros 10, 11 e 12 dos Resultados.

Para a análise estatística dos dados, foram organizadas 5 planilhas comparativas indicando a quantidade de respostas obtidas para cada um dos 5 níveis de Felicidade Interna Bruta em cada uma das três áreas, resultando em uma planilha para FIB 1, outra para FIB 2, outra para FIB 3, e assim sucessivamente, com os resultados divididos nas 9 dimensões de Felicidade Interna Bruta avaliadas, as quais correspondem aos Quadros 16, 18, 20, 22 e 24 dos Resultados.

Para realizar a análise estatística comparativa dos resultados das três áreas, foi utilizado o software Bioestat 5.3, através do qual foi aplicado o teste de Análise de Variância ANOVA – 2 critérios. Caso o teste atestasse diferenças significativas entre as variáveis do quadro, com $p \leq 0,05$, foi aplicado o Teste Tukey para identificação da origem das diferenças, levando em consideração tanto a análise das diferenças entre os tratamentos (colunas) quanto entre os blocos (linhas).

3.8 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Esta Pesquisa foi norteadas pelas diretrizes atualizadas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e desenvolvida a partir da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amapá (CEP UNIFAP), conforme o Parecer Consubstanciado nº 811.554, de 29 de Setembro de 2014 (Anexo 5).

Todos os sujeitos integrantes do estudo foram previamente esclarecidos a respeito dos objetivos, riscos e benefícios previstos para esta pesquisa, sendo convidados a participar voluntariamente desta, através da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Este estudo não previu riscos aparentes para os indivíduos participantes.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 PERFIL DA POPULAÇÃO ESTUDADA

Os Quadros 7, 8 e 9, abaixo, mostram o perfil dos indivíduos participantes da pesquisa, segundo suas áreas de moradia. Pode-se verificar que, nas três populações, a maioria dos indivíduos foi do sexo feminino (53, 47 e 56 indivíduos nas áreas 1, 2 e 3, respectivamente), com idade entre 18 e 30 anos (36, 56, 35 indivíduos nas áreas 1, 2 e 3, respectivamente), desempregado ou estudante (38, 50 e 38 indivíduos nas áreas 1, 2 e 3, respectivamente), solteiro (51, 67 e 53 indivíduos nas áreas 1, 2 e 3, respectivamente), nascido no próprio município (49, 53 e 58 indivíduos nas áreas 1, 2 e 3, respectivamente) e residente no local da pesquisa há 7 anos ou mais (53, 49 e 49 indivíduos nas áreas 1, 2 e 3, respectivamente).

Quadro 7 – Perfil da população residente na Área Urbana Central do município de Santana/AP.

	ÁREA 1				
SEXO	Feminino	Masculino			
	53	37			
IDADE	18-30 anos	31-45 anos	46-60 anos	61-80 anos	81 anos +
	36	22	15	16	1
ESCOLARIDADE	Sem escolaridade	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Pós Graduação
	10	34	24	22	
OCUPAÇÃO	Desempregado/ Estudante	Emprego Formal	Autônomo/ Emp. Inf.	Agricultor/ Pescador	Aposentado
	38	19	20	1	12
ESTADO CIVIL	Solteiro	Casado	Separado	Viúvo	
	51	30	2	7	
Nº FILHOS	0	1-3	4-6	7+	
	34	31	14	11	
PROCEDÊNCIA	Nativo	Outro município/AP	Fora do AP		
	49	8	33		
TEMPO DE MORADIA	>1 ano	1-3 ano	4-6 ano	7 anos ou +	Sem Resposta
	2	9	12	53	14

Fonte: Dados primários, 2015.

Quadro 8 – Perfil da população residente na Área Urbana Periférica do município de Santana/AP.

	ÁREA 2				
SEXO	Feminino	Masculino			
	47	43			
IDADE	18-30 anos	31-45 anos	46-60 anos	61-80 anos	81 anos +
	56	21	10	2	1
ESCOLARIDADE	Sem escolaridade	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Pós Graduação
	4	16	51	19	
OCUPAÇÃO	Desempregado/ Estudante	Emprego Formal	Autônomo/ Emp. Inf.	Agricultor/ Pescador	Aposentado
	50	11	26	1	2
ESTADO CIVIL	Solteiro	Casado	Separado	Viúvo	
	67	19	3	1	
Nº FILHOS	0	1-3	4-6	7+	
	38	35	12	5	
PROCEDÊNCIA	Nativo	Outro município/AP	Fora do AP		
	53	8	29		
TEMPO DE MORADIA	>1 ano	1-3 ano	4-6 ano	7 anos ou +	Sem Resposta
	3	4	7	49	27

Fonte: Dados primários, 2015.

Quadro 9 – Perfil da população residente na Área Peri-urbana ribeirinha do distrito da Ilha de Santana, município de Santana/AP.

	ÁREA 3				
SEXO	Feminino	Masculino			
	56	34			
IDADE	18-30 anos	31-45 anos	46-60 anos	61-80 anos	81 anos +
	35	27	17	11	
ESCOLARIDADE	Sem escolaridade	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Pós Graduação
	8	22	53	7	
OCUPAÇÃO	Desempregado/ Estudante	Emprego Formal	Autônomo/ Emp. Inf.	Agricultor/ Pescador	Aposentado
	38	18	20	8	6
ESTADO CIVIL	Solteiro	Casado	Separado	Viúvo	
	53	29	6	2	
Nº FILHOS	0	1-3	4-6	7+	
	21	34	23	12	
PROCEDÊNCIA	Nativo	Outro município/AP	Fora do AP		
	58	5	27		
TEMPO DE MORADIA	>1 ano	1-3 ano	4-6 ano	7 anos ou +	Sem Resposta
	2	5	6	49	28

Fonte: Dados primários, 2015.

Isso revelou uma homogeneidade no perfil dos moradores do município de Santana na maioria dos quesitos avaliados, indicando que a área de moradia não influencia muito nas características destas pessoas. Este aspecto pôde ser fortemente percebido durante as visitas para coletas de dados nas diferentes realidades do município, onde percebeu-se condições de vida muito parecidas entre as diferentes áreas.

Nas três áreas, então, os indivíduos que mais aceitaram participar da pesquisa foram os mais jovens, com idade entre 18 e 30 anos, o que já era esperado, visto que, durante as visitas residenciais para coleta de dados, era perceptível como os indivíduos mais velhos eram sempre mais resistentes em participar da pesquisa, comumente chamando os indivíduos mais jovens da casa para responder ao formulário. O que pôde-se observar, nesse aspecto, é que os indivíduos mais velhos, principalmente os idosos, sentiam-se pouco preparados para responder às perguntas e, conseqüentemente, envergonhados em aceitar participar da coleta. Possivelmente, se estes indivíduos aceitassem com mais frequência participar da coleta de dados, o perfil das populações se mostraria diferente.

No que diz respeito à ocupação, estado civil, procedência e tempo de moradia no local, os resultados alcançados também eram esperados, pois retratam o perfil do indivíduo jovem: estudante e, portanto, ainda desempregado; solteiro; nascido no próprio município e residente no local há mais de 7 anos. Igualmente, se houvesse uma prevalência maior de sujeitos mais idosos na amostra, era provável que o perfil tivesse se mostrado diferente.

Pesquisa realizada no distrito da Ilha de Santana do município de Santana/AP, no início de 2015, com 100 indivíduos, também encontrou um perfil de participantes caracterizado pela prevalência do sexo feminino (72% da população estudada), com idade entre 18 e 40 anos (66% dos sujeitos), desempregados, estudantes ou donas de casa (50%) e residindo há mais de 10 anos no local (59%), apesar de ter identificado predominância de pessoas casadas ao invés de solteiras (MELO; LOPES; GUIMARÃES, 2015).

Da Silva (2011) relatam que as pesquisas em geral revelam que indivíduos casados apresentam maior felicidade do que os que nunca casaram ou são divorciados, separados ou viúvos, mostrando que pessoas que moram com

parceiros são significativamente mais felizes, em algumas culturas, do que as que vivem sozinhas.

Estudo realizado em áreas de ressaca de Macapá e Santana indicou que o tempo médio de residência dos participantes do município de Macapá foi de 15 anos, enquanto em Santana este tempo foi de aproximadamente 12 anos residindo no mesmo local (AGUIAR; SILVA, 2003).

No que se refere ao número de filhos, nas áreas urbanas (1 e 2), a maior prevalência foi de pessoas com nenhum filho (34, na área 1; e 38, na área 2), seguido das pessoas com 1 a 3 filhos (31 e 35 sujeitos, nas áreas 1 e 2, respectivamente). Já na área 3, a maior prevalência foi de sujeitos com 1 a 3 filhos (34 pessoas), seguido dos que possuíam 4 a 6 filhos (23 pessoas), ressaltando que o índice de pessoas com 4 a 6 filhos nas áreas 1 e 2 foi cerca de 50% menor que o encontrado na área 3. Isso indica que, nas áreas 1 e 2, houve uma maior concordância entre o estado civil solteiro e a ausência de filhos, ou a presença de poucos filhos. Porém, na área 3, apesar da maioria dos indivíduos ter relatado estar solteiros, a maior prevalência foi de indivíduos com filhos, com um número relevante de sujeitos com um número relativamente alto de filhos (4 a 6 filhos).

Melo, Lopes e Guimarães (2015) também encontraram, na Ilha de Santana, uma população com média de 1 a 5 filhos (61% da população), ainda que predominantemente casada ou em união estável (59%).

No quesito escolaridade, a maioria dos indivíduos da área 1 referiu possuir Ensino Fundamental incompleto ou completo (34 deles), enquanto nas áreas 2 e 3 a maioria dos sujeitos referiu possuir Ensino Médio completo ou incompleto (51 indivíduos da área 2, e 53 indivíduos da área 3). Neste aspecto, vale ressaltar que não houve registro, em nenhuma das áreas, de indivíduos possuindo pós-graduação; e o número de indivíduos possuindo Ensino Superior foi decrescente em relação à redução do perfil de urbanização das áreas de coleta, com um total de 22 indivíduos na área 1, 19 indivíduos na área 2, e apenas 7 pessoas na área 3 com Ensino Superior completo ou incompleto.

Então, apesar de ter surpreendido um número mais elevado de indivíduos com apenas o Ensino Fundamental na área urbana central do município, em contraste com o número mais elevado de sujeitos com Ensino Médio nos bairros urbanos periféricos e no distrito da Ilha de Santana, os dados da área 1 ainda mostraram um acesso maior dos indivíduos dos bairros urbanos centrais ao Ensino

Superior do que os indivíduos das demais áreas, principalmente se comparado com os moradores da área peri-urbana.

A pesquisa de Melo, Lopes e Guimarães (2015) também identificou um perfil populacional com predominância de indivíduos com, pelo menos, Ensino Médio incompleto, apesar de terem encontrado 8% da população possuindo Ensino Superior completo ou incompleto, ou Pós-Graduação.

4.2 ANÁLISE COMPARATIVA DO ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA (FIB), BEM COMO DAS 9 DIMENSÕES DO FIB, DAS TRÊS ÁREAS AVALIADAS

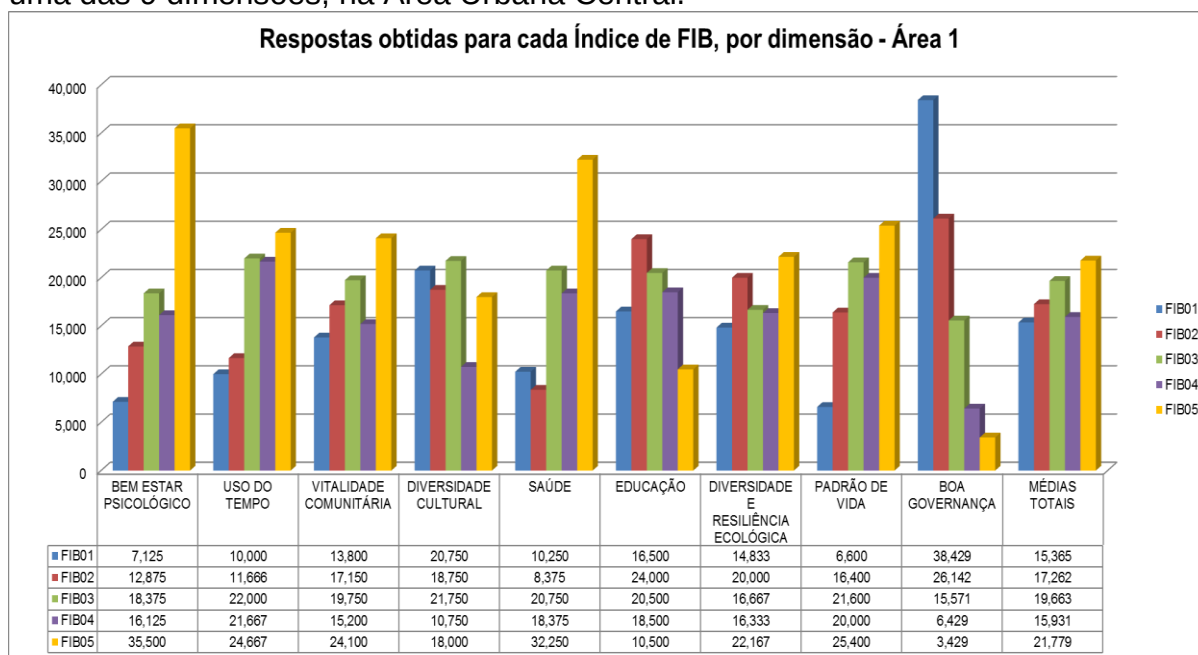
Esta análise foi dividida em duas partes: a primeira demonstra os resultados encontrados em cada área de pesquisa, traçando um panorama da realidade de Felicidade Interna Bruta e Qualidade de Vida encontrada em cada uma das populações de estudo; a segunda realiza a análise estatística comparativa entre as três áreas de pesquisa, em cada nível de FIB.

4.2.1 Panorama dos resultados encontrados em cada área de estudo e comparação entre as 3 áreas

Os resultados encontrados conforme a metodologia descrita, estão organizados nos gráficos 1, 2 e 3, a seguir. Estes gráficos mostram os resultados das médias dos quantitativos de indivíduos enquadrados em cada nível de FIB para cada dimensão, já divididos pelo número de perguntas que compunha cada dimensão, conforme o cálculo demonstrado no Quadro 4.

O Gráfico 1, abaixo, demonstra que, na Área Urbana Central do município de Santana/AP, a maioria dos indivíduos apresentou índice de FIB nível 5, considerado como Qualidade de Vida muito boa (cerca de 22 sujeitos); seguidos daqueles que apresentaram índice de FIB nível 3, considerado como Qualidade de Vida Regular (cerca de 20 sujeitos); daqueles com índice de FIB nível 2, equivalente a QV ruim (cerca de 17 sujeitos); seguido dos que apresentaram FIB nível 4, igual a QV boa (cerca de 16 sujeitos); e, por fim, os que apresentaram FIB nível 1, equivalente a QV muito ruim (cerca de 15 indivíduos).

Gráfico 1 – Quantitativo final de respostas obtidas para cada nível de FIB, em cada uma das 9 dimensões, na Área Urbana Central.



Fonte: Dados primários, 2015.

Os dados nos permitem verificar que, apesar da maioria dos moradores da Área Urbana Central terem apresentado um nível de Qualidade de Vida considerado muito bom, a diferença no número de pessoas enquadradas nos diferentes níveis de QV foi muito pequeno, variando em apenas 7 pessoas, por exemplo, entre o maior quantitativo (22 pessoas, com QV muito boa) e o menor quantitativo (15 pessoas, com QV muito ruim). Da mesma forma, se compararmos o grupo mais prevalente, com QV muito boa, com o segundo grupo mais prevalente (QV regular) e o terceiro grupo mais prevalente (QV ruim), as diferenças entre o primeiro grupo e estes outros dois foram de apenas 2 e 5 indivíduos. Tais dados demonstram que houve uma distribuição pouco dispersa de indivíduos entre os 5 diferentes índices de FIB.

Quanto à análise das 9 dimensões do FIB avaliadas nesta área, observou-se que apenas em 3 destas dimensões (Bem-estar psicológico, Vitalidade Comunitária e Saúde), a diferença na quantidade de respostas enquadradas no nível 5 de FIB foi, até certo nível, relevante em relação aos demais níveis. Na dimensão Bem-estar psicológico, houve a maior variação, com cerca de 35 indivíduos enquadrados no nível 5 de FIB, seguidos de 18 indivíduos enquadrados no nível 3. A segunda maior variação positiva ocorreu na dimensão Saúde, com cerca de 35 sujeitos apresentando nível 5 de FIB, seguidos de 20 que apresentaram nível 3. Por fim, na

dimensão Vitalidade Comunitária, 24 indivíduos apresentaram FIB nível 5, seguidos de 19 que apresentaram nível 3.

Já nas dimensões Uso do Tempo, Diversidade e Resiliência Ecológica e Padrão de Vida, pôde-se verificar que, apesar da maioria dos sujeitos terem sido classificados com nível de FIB 5, a variação entre este grupo e o segundo grupo mais prevalente foi muito pequena, variando em apenas 2 sujeitos na dimensão Diversidade e Resiliência Ecológica, e em 3 sujeitos nas dimensões Uso do Tempo e Padrão de Vida.

Na dimensão Diversidade Cultural, a maioria dos indivíduos apresentou FIB nível 3 (22 sujeitos), seguidos dos que apresentaram nível 1 (21 sujeitos) e daqueles que apresentaram nível 2 (19 sujeitos). Da mesma forma, na dimensão Educação, a maioria dos sujeitos apresentou FIB nível 2 (24 sujeitos), seguidos daqueles com nível 3 (20 sujeitos) e dos que apresentaram FIB 4 (18 sujeitos). Nestes dois aspectos, a maioria da população mostrou índice de Felicidade Interna Bruta Regular a Ruim.

E, por fim, na dimensão Boa Governança, a grande maioria da população mostrou-se pouquíssimo feliz, com nível de FIB 1 (cerca de 38 indivíduos), seguidos daqueles com nível 2 de FIB, caracterizando uma Qualidade de Vida Ruim ou Muito Ruim no quesito relação e avaliação dos poderes públicos do município e estado.

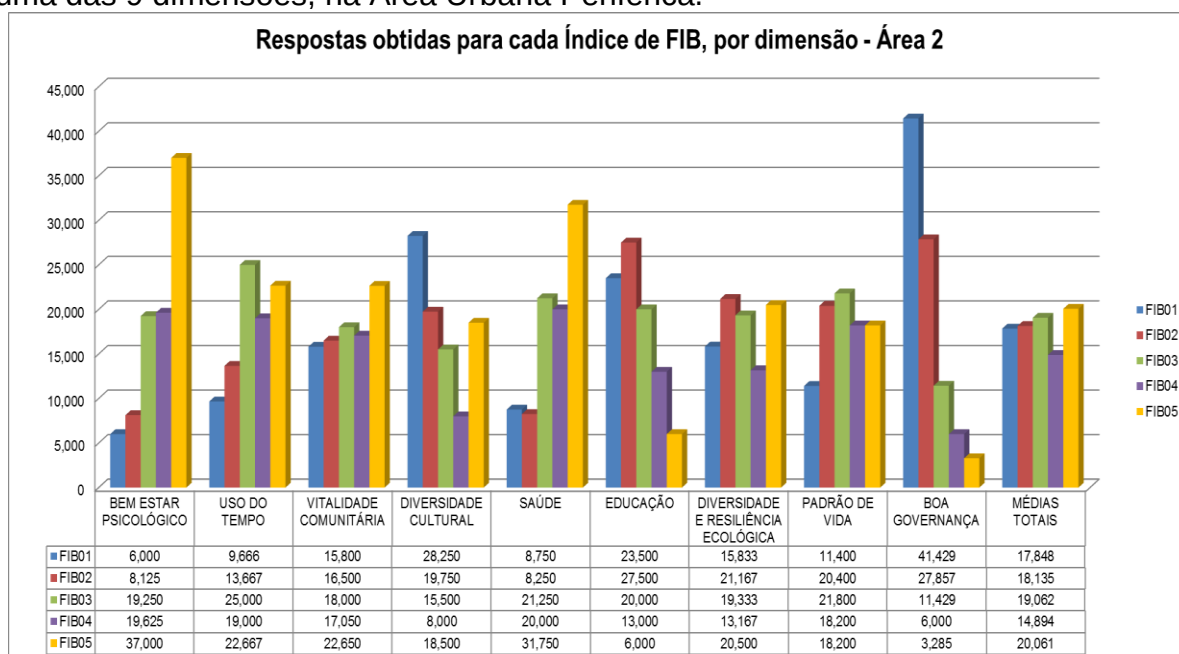
Todas estas análises permitem verificar que, ainda que a maioria da população moradora da Área Urbana Central do município de Santana/AP tenha alcançado nível máximo de Felicidade Interna Bruta, caracterizando Qualidade de Vida Muito Boa, as diferenças entre este grupo e os demais grupos de indivíduos, com níveis inferiores de FIB e de QV, foi muito pequena, o que foi comprovado pelos resultados encontrados em 6 das 9 dimensões do índice de FIB avaliadas.

Da Silva (2011) já falava que as pesquisas têm mostrado que não se sustenta a ideia de que o dinheiro traz felicidade, como bem diz a sabedoria popular. Muitos estudos têm indicado que a correlação entre o rendimento e o Bem Estar Subjetivo é positiva, porém fraca. Tem-se observado que nos países ricos, os indivíduos ricos são apenas um pouco mais felizes do que os pobres, e alterações no rendimento nem sempre trazem os efeitos esperados.

O Gráfico 2, abaixo, mostra que, na Área Urbana Periférica do município de Santana/AP, a maioria dos indivíduos apresentou índice de FIB nível 5, considerado como Qualidade de Vida muito boa (cerca de 20 sujeitos); seguidos daqueles que

apresentaram índice de FIB nível 3, considerado como Qualidade de Vida Regular (cerca de 19 sujeitos); daqueles com índice de FIB nível 2, equivalente a QV ruim (cerca de 18 sujeitos), empatado com os que apresentaram FIB nível 1, igual a QV muito ruim (cerca de 18 sujeitos); e, por fim, os que apresentaram FIB nível 4, equivalente a QV boa (cerca de 15 indivíduos).

Gráfico 2 – Quantitativo final de respostas obtidas para cada nível de FIB, em cada uma das 9 dimensões, na Área Urbana Periférica.



Fonte: Dados primários, 2015.

Avaliando os dados, é possível verificar que, assim como na Área 1, porém de maneira ainda mais intensa, apesar da maioria dos moradores da Área Urbana Periférica ter apresentado um nível de Qualidade de Vida considerado muito bom, a diferença no número com este nível de Felicidade Interna Bruta e aquelas com níveis iguais ou inferiores a 3 (QV regular, ruim ou muito ruim) foi muito pequeno, variando em apenas 1 e 2 pessoas, com apenas 2 pessoas a menos apresentando o menor índice de QV do que aquelas que apresentaram o maior nível. Tais dados demonstram que houve uma distribuição ainda menos variante de indivíduos entre os 5 diferentes índices de FIB na Área 2 do que o ocorrido na Área 1, indicando uma distribuição quase homogênea de indivíduos entre os 5 níveis de FIB, com um quantitativo ainda superior de pessoas com nível ruim ou muito ruim de Qualidade de Vida (quase 36 indivíduos) do que de pessoas com nível bom ou muito bom de QV (quase 35 indivíduos). Assim, pode-se concluir que o resultado superior de

sujeitos com QV 5 nesta população não mostrou-se relevante e não foi confirmado pela análise total dos resultados obtidos, podendo caracterizar essa população como uma população com nível de Felicidade Interna Bruta baixo ou regular.

Esta análise pode ser confirmada ao se observar os níveis de Felicidade apresentados por esta população nas 9 dimensões do FIB. Em apenas 3 dimensões (Bem-estar psicológico, Vitalidade Comunitária e Saúde) o quantitativo de respostas para o nível máximo de Felicidade foi substancialmente superior aos demais níveis. Em todas as demais dimensões, sobressaíram níveis inferiores de Felicidade, sendo o nível 3 (QV regular) o mais prevalente nas dimensões Uso do tempo e Padrão de Vida; o nível 2 (QV ruim) o mais prevalente nas dimensões Educação e Diversidade e Resiliência Ecológica; e o nível 1 (QV muito ruim) o mais prevalente nas dimensões Diversidade Cultural e Boa Governança.

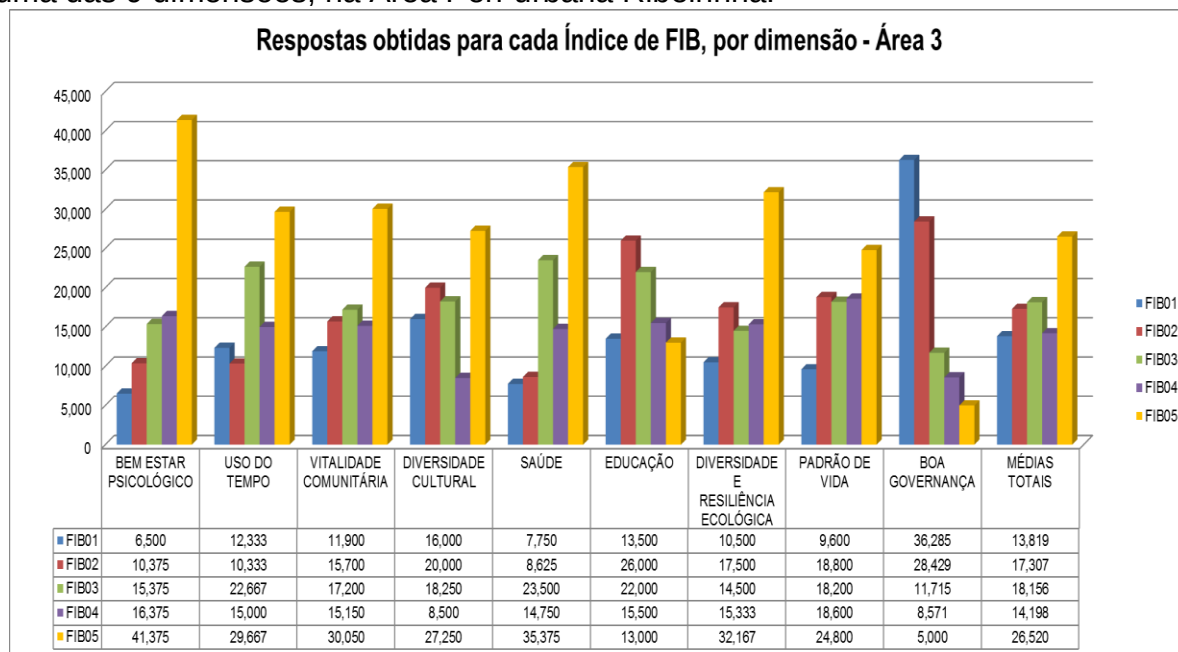
Assim, pode-se concluir que as dimensões mais responsáveis pela redução mais acentuada do índice de FIB na área 2 foram Boa Governança, Diversidade Cultural, Educação e Diversidade e Resiliência Ecológica.

Newton (2004) explica que:

[...] quanto menos as pessoas confiarem, colaborarem e cooperarem com os seus conterrâneos, e quanto mais se descomprometerem com a vida colectiva e voluntária das suas comunidades, mais fracas e menos eficientes serão as instituições sociais da sociedade civil. Quanto menos os cidadãos confiarem nos seus líderes políticos e nas instituições governamentais, menos eficiente se tornará o governo e maior será a probabilidade de os cidadãos verem pouca credibilidade no seu sistema político.

Na Área Peri-Urbana Ribeirinha, caracterizada pelo distrito da Ilha de Santana, conforme o Gráfico 3, abaixo, a maioria dos indivíduos também apresentou FIB nível 5, considerado como Qualidade de Vida muito boa, num total de quase 27 sujeitos; seguido daqueles que apresentaram índice de FIB nível 3, considerado como Qualidade de Vida Regular (cerca de 18 sujeitos); daqueles com índice de FIB nível 2, equivalente a QV ruim (cerca de 17 sujeitos); daqueles com FIB nível 4, igual a QV boa (cerca de 14 sujeitos), empatado com os que apresentaram FIB nível 1, equivalente a QV muito ruim (também cerca de 14 indivíduos).

Gráfico 3 – Quantitativo final de respostas obtidas para cada nível de FIB, em cada uma das 9 dimensões, na Área Peri-urbana Ribeirinha.



Fonte: Dados primários, 2015.

Tais dados permitem verificar que, diferentemente das áreas 1 e 2, o quantitativo de indivíduos da área 3 com o nível máximo de Felicidade Interna Bruta foi substancialmente diferente do número de indivíduos enquadrados nos demais níveis. Enquanto na área 1 a diferença entre o quantitativo do primeiro nível de FIB mais prevalente (FIB 5) para o segundo nível mais prevalente (FIB 3) foi de apenas 2 indivíduos, e a diferença entre o primeiro e o último nível mais prevalentes (FIB 5 e FIB 1, respectivamente) foi de apenas 7 indivíduos; e enquanto na área 2 a diferença entre os dois níveis mais prevalentes (FIB 5 e FIB 3) foi de apenas 1 indivíduo, e a encontrada entre o primeiro e o último nível mais prevalente (FIB 5 e FIB 4) foi de apenas 5 indivíduos; na área 1 já foi possível perceber uma diferença bem mais acentuada entre os dois grupos mais prevalentes (indivíduos com FIB 5, em primeiro lugar, e indivíduos com FIB 3, em segundo lugar), numa soma de 8 indivíduos, enquanto que a diferença entre o primeiro e o último nível mais prevalentes foi de 13 indivíduos, o que correspondeu a quase 50% a mais de indivíduos no nível máximo de FIB em relação ao nível mínimo. Isso mostra que, em contraste ao ocorrido nas duas áreas urbanas, o número de indivíduos com nível máximo de felicidade foi bem divergente dos demais grupos, caracterizando uma diferença bem mais significativa e positiva de Qualidade de Vida deste grupo em relação aos demais grupos.

Este dado também foi confirmado na análise dos resultados encontrados nas 9 dimensões do FIB. Enquanto nas áreas urbanas, apenas 3 das 9 dimensões mostraram um total consideravelmente superior de sujeitos com nível máximo de felicidade em relação aos demais, na área peri-urbana ribeirinha 7 das 9 dimensões apresentaram resultados significativamente superiores de nível máximo de felicidade em relação aos demais níveis.

Na área 3, das 7 dimensões que apresentaram maioria dos indivíduos com nível 5 de FIB (QV muito boa), o Bem-estar psicológico foi o que mostrou variação mais relevante entre o nível mais prevalente e os demais níveis, com uma diferença de 25 indivíduos entre o primeiro e o segundo níveis mais prevalentes (FIB 5 e FIB 4, respectivamente), enquanto nas áreas 1 e 2 essa diferença entre os dois primeiros níveis mais prevalentes foi de apenas 17 indivíduos.

A segunda e a terceira dimensões com diferenças mais significativas no número de indivíduos enquadrados nos dois níveis de FIB mais prevalentes foram a Diversidade e Resiliência Ecológica e a Vitalidade Comunitária, respectivamente. Apesar de, na área 1 ter ocorrido a prevalência do índice FIB 5 para Diversidade e Resiliência Ecológica, a diferença entre este nível e o segundo mais prevalente (FIB 2 – ruim) foi de apenas 2 indivíduos; enquanto que, na área 2, o índice de maior destaque foi o FIB 2, com uma diferença de apenas 1 indivíduo para o segundo índice de maior destaque (FIB 5). Já na área 3, o nível 5 de FIB foi o mais prevalente, com uma diferença de cerca de 15 indivíduos deste para o segundo colocado (FIB 2), mostrando uma diferença muito mais significativa do que nos demais grupos e demonstrando a importância desta dimensão para o nível mais elevado de Felicidade Interna Bruta e Qualidade de Vida desta população.

Já no quesito Vitalidade Comunitária, apesar das três populações terem apresentado maior quantitativo de indivíduos com FIB 5, a diferença entre este primeiro lugar para o segundo nível de maior destaque foi muito menor nas áreas 1 e 2 (4 e 5 indivíduos, respectivamente) do que na área 3 (13 indivíduos), indicando também o papel relevante da Vitalidade Comunitária no maior índice total de felicidade e QV na população ribeirinha.

O quarto quesito de maior variância entre os dois níveis mais prevalentes de FIB encontrados na área 3 foi a Saúde, com uma diferença de 12 indivíduos entre o índice 5 de FIB e o índice 3. Este quesito não mostrou diferenças relevantes de variação entre as três áreas de análise, visto que a diferença encontrada nas áreas

1 e 2, na avaliação desta dimensão, foi de 11 indivíduos, revelando que a dimensão Saúde não mostrou-se de grande relevância na determinação do maior nível de QV na área peri-urbana.

A quinta dimensão com maior diferença de resultado entre o primeiro e o segundo níveis de FIB mais destacados da área 3 foi a Diversidade Cultural, a qual constituiu uma das dimensões de maior diferença entre as 3 áreas, visto que, na área 1 a soma da população que apresentou nível de felicidade ruim ou muito ruim correspondeu a 39,5 indivíduos (43,9%), e na área 2 a mesma soma correspondeu a 48 indivíduos (53,3%), na área 3 a soma dos indivíduos que apresentou FIB com nível bom ou muito bom foi de 36 indivíduos (40%). Assim, provavelmente a Diversidade Cultural tenha sido uma das dimensões de maior contribuição para a elevação do índice de QV da área 3.

No quesito Uso do Tempo, a maioria dos indivíduos da área 3 também apresentou nível máximo de felicidade, com uma diferença de 7 indivíduos entre este grupo e o segundo nível mais destacado (FIB 3). Na área 1, o mesmo ocorreu, porém com uma variação de apenas 3 indivíduos, enquanto na área 2 ocorreu a proporção inversa entre o FIB 3 e o FIB 5 (FIB 3 em primeiro lugar e FIB 5 em segundo lugar), com uma diferença de apenas 2 indivíduos entre eles. Deste feito, o Uso do Tempo também mostrou-se relevante no total do FIB desta área, quando em comparação com as áreas urbanas.

Porém este resultado não pôde ser confirmado através das perguntas número 70 e 71 do formulário de coleta de dados, a respeito do número de horas trabalhadas e número de horas de sono por dia, visto que as respostas mostraram-se muito similares entre as 3 áreas, o que pode indicar que não são estes dois aspectos os mais influentes para o bom uso do tempo dos sujeitos. Os dados obtidos nestas duas perguntas encontram-se no Quadro 10, abaixo:

Quadro 10 – Respostas para as perguntas 70 e 71, nas áreas 1, 2 e 3.

	ÁREA 1				ÁREA 2				ÁREA 3			
70) Horas trabalhadas/dia	0h	1-4h	5-8h	9+	0h	1-4h	5-8h	9+	0h	1-4h	5-8h	9+
	4	25	37	20	12	25	33	17	4	17	42	23
71) Horas de sono/dia	>6h	6-8h	9-11h	12h+	>6h	6-8h	9-11h	12h+	>6h	6-8h	9-11h	12h+
	16	51	19	0	9	40	24	7	16	47	20	3

Fonte: Dados primários, 2015.

Na dimensão Padrão de Vida, foi interessante observar que o mesmo quantitativo de indivíduos caracterizados como nível 5 de felicidade nas áreas 1 e 3 foi semelhante (cerca de 25 indivíduos), ainda que estas duas sejam as áreas mais divergentes no aspecto urbanização e poder aquisitivo. Ainda assim, os moradores da área peri-urbana ribeirinha mostraram-se tão satisfeitos com seu padrão de vida quanto aqueles que moram nos bairros centrais da área urbana, e num nível ainda superior àqueles que moram nos bairros periféricos da área urbana, cuja maioria foi classificada como apresentando nível regular de felicidade nesta dimensão.

Os resultados obtidos para as perguntas 78, 79 e 80 do formulário de coleta de dados confirmam esta análise, visto que a renda familiar média mostrou-se semelhante nas três áreas (prevalência de 1 a 3 salários mínimos nas 3 áreas), assim como o tipo de residência (Própria para a grande maioria dos indivíduos nas três áreas) e o número de quartos na casa (2 a 3 quartos nas três áreas), ressaltando que a semelhança entre as áreas 1 e 3 foi maior do que entre as áreas 1 e 2 ou 2 e 3, conforme Quadro 11, abaixo:

Quadro 11 – Respostas para perguntas 78, 79 e 80, nas áreas 1, 2 e 3.

	ÁREA 1				ÁREA 2				ÁREA 3			
78) Renda familiar média	>1 sal.	1-3 sal.	3-8 sal.	<8 sal.	>1 sal.	1-3 sal.	3-8 sal.	<8 sal.	>1 sal.	1-3 sal.	3-8 sal.	<8 sal.
	15	53	17	1	32	38	7	1	28	47	9	2
79) Tipo de residência	Próp.	Alug.	Empr.	Outro	Próp.	Alug.	Empr.	Outro	Próp.	Alug.	Empr.	Outro
	78	6	2		57	9	6		79	4	3	
80) Quartos na casa	1	2 -3	4 - 5	6+	1	2-3	4 - 5	6+	1	2 -3	4 - 5	6+
	8	52	24	2	14	55	17	1	16	51	15	2

Fonte: Dados primários, 2015.

Já a dimensão Educação e Boa Governança apresentaram os menores índices de FIB na área 3 (FIB 1), mostrando que a maioria da população desta área encontra-se insatisfeita com suas condições atuais de educação e do poder público local. No entanto, estas duas dimensões também apresentaram níveis baixos de FIB para as outras duas áreas, com índice decrescente de felicidade para Educação quanto menos urbanizada era a área, e com níveis muito semelhantes de insatisfação quanto à Boa Governança nas três áreas. Isso demonstra uma

insatisfação generalizada da população do município, independente do local de moradia, no que tange à Educação e ao Governo local.

Estes dados são confirmados pelos resultados encontrados para a pergunta de número 75 do formulário de coleta de dados, a respeito do nível máximo de educação que os indivíduos gostariam de concluir, que indica uma similaridade entre as respostas obtidas nas três áreas, com destaque maior para os indivíduos que gostariam de cursar pós-graduação, concentrados principalmente na área urbana central, resumidos no quadro 12, abaixo:

Quadro 12 – Respostas para pergunta 75, nas áreas 1, 2 e 3.

75) Nível máximo de educação que gostaria	Satisfeito	Alfabetização	Fundamental ou Médio	Superior	Pós-graduação
Área 1	4	0	13	29	40
Área 2	2	0	10	42	33
Área 3	1	2	18	43	19

Fonte: Dados primários, 2015.

Da Silva (2011) ressalta a importância das relações entre os cidadãos e a política, mencionando que se o desinteresse das pessoas pela política é um sintoma preocupante, as dificuldades delas em percebê-la também o são, pois podem resultar em tomadas de decisões pouco informadas, como o ato de votar. E a participação nas atividades cívicas que podem melhorar a vida em sociedade é uma das dimensões mais relevantes no domínio da cidadania ativa, uma vez que pode resultar em mudanças concretas.

Quanto à educação, pesquisas empíricas têm indicado correlações pequenas, porém significativas, entre esta e o Bem-Estar Subjetivo (BES), verificando-se, em alguns casos, que a relação entre educação e BES é mais estreita para sujeitos com rendimentos inferiores e em países pobres (DA SILVA, 2012).

4.2.2 Análise estatística comparativa entre as três áreas de pesquisa, em cada nível de FIB

Para realizar a análise estatística das diferenças apresentadas entre as três áreas pesquisadas, optou-se por avaliar os resultados encontrados para cada nível

de FIB nas 3 áreas. Assim, foram organizados os Quadros abaixo que comparam os resultados obtidos para cada dimensão, em cada área, separados por níveis de FIB. Em cada planilha foi aplicada a Análise de Variância, por meio do teste ANOVA – 2 critérios, conforme previsto na Metodologia deste estudo.

Ao aplicar o Teste ANOVA – 2 critérios na avaliação do número de indivíduos que foi enquadrado em cada um dos índices de FIB, comparando as três áreas pesquisadas, em todos eles foi apontada diferença estatisticamente significativa, quer na análise dos tratamentos (colunas, representando as 3 áreas de pesquisa) quer na análise dos blocos (linhas, representando as 9 dimensões do FIB). Tais resultados sugeriram, então, a aplicação do teste Bonferroni, Tukey ou Teste t (LSD), tendo-se optado pela utilização do Teste Tukey, conforme metodologia de pesquisa prevista. Como não era objetivo desta análise realizar comparação entre as 9 dimensões avaliadas entre si, e sim comparar os resultados encontrados nas 3 áreas pesquisadas, desconsiderou-se os resultados do Tukey para as Médias dos blocos (linhas), levando em conta apenas a análise dos tratamentos (colunas).

- a) Comparação entre os índices de Felicidade Interna Bruta 01 (Qualidade de Vida Muito Ruim) para as três áreas:

Na análise comparativa entre o número de indivíduos que obteve índice de FIB nível 1 (QV muito ruim) entre as três áreas, o Teste ANOVA – 2 critérios apontou diferenças estatisticamente significantes entre os tratamentos (colunas), com p-valor menor que 0,05 ($=0,0165$). O Teste Tukey apontou que houve diferença significativa entre o número de indivíduos com índice de FIB nível 1 entre as áreas 2 e 3, porém sem diferenças estatisticamente significantes entre as áreas 1 e 2, e entre as áreas 1 e 3, conforme o Quadro 13, abaixo.

Isso indica que os indivíduos da Área 2 mostraram-se significativamente menos felizes e com Qualidade de Vida muito inferior àqueles que moram na Área 3, porém sem diferenças significativas no número de indivíduos com QV muito ruim entre as áreas 1 e 2, e entre as áreas 1 e 3.

Quadro 13 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 1.

FONTES DE VARIAÇÃO	GL	SQ	QM
Tratamentos	2	74.3573	37.179
Blocos	8	2324.041	290.505
Erro	16	111.417	6.964
F (tratamentos) =	5.3390		
p (tratamentos) =	0.0165		
F (blocos) =	41.7180		
p (blocos) =	< 0.0001		
Médias (tratamentos):			
Média (Coluna 1) =	15.3652		
Média (Coluna 2) =	17.8476		
Média (Coluna 3) =	13.8187		
Tukey	Q	(p)	
Médias (1 a 2) =	2.8221	ns	
Médias (1 a 3) =	1.7582	ns	
Médias (2 a 3) =	4.5803	< 0.05	

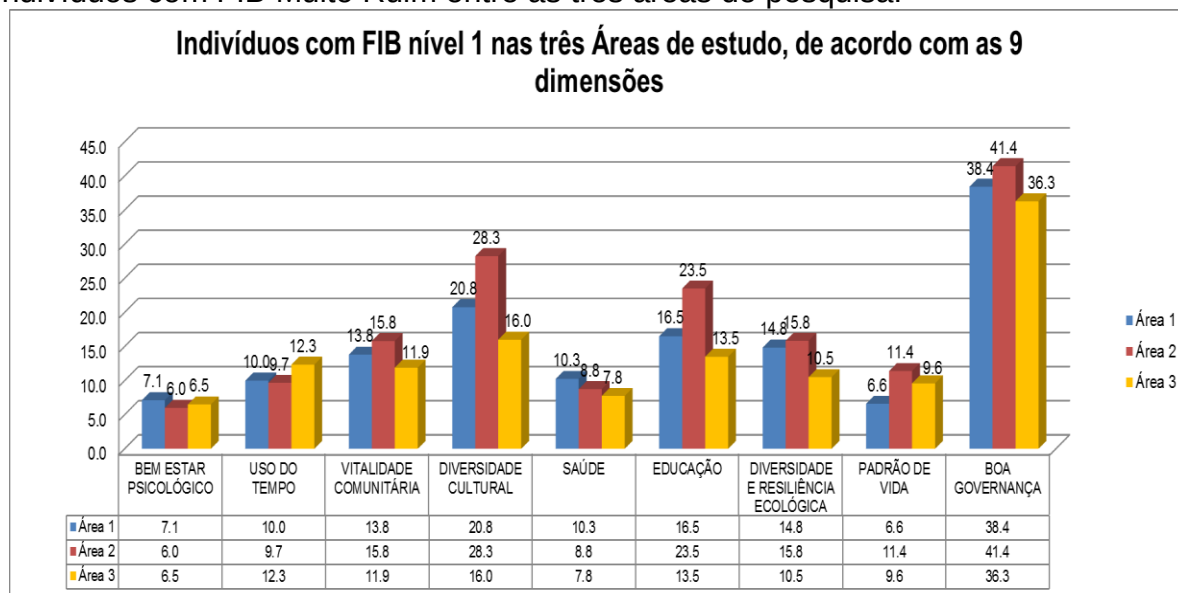
Fonte: Dados primários, 2015.

Para avaliar as dimensões responsáveis pela diferença estatisticamente significantes entre as áreas 2 e 3, utilizou-se o Gráfico 4, abaixo. Neste, pode-se observar que as dimensões que mostraram diferenças mais significativas entre as áreas 2 e 3 foram a Diversidade Cultural, com uma diferença de cerca de 12 indivíduos com FIB 1 entre as duas áreas; a Educação, com uma diferença de 10 indivíduos entre estas duas áreas; a Diversidade e Resiliência Ecológica, com diferença de cerca de 5 indivíduos; a Boa Governança, com diferença de 5 sujeitos; e a Vitalidade Comunitária, com diferença de cerca de 4 sujeitos entre as áreas.

Tais resultados sugerem que a área 2 foi a área com maior número de indivíduos com o menor índice de Felicidade Interna Bruta em função, principalmente, do baixo nível de Diversidade Cultural, Educação e Diversidade e Resiliência Ecológica.

Aguiar e Silva (2003) já explicavam que o acelerado ritmo capitalista e as inúmeras atividades da vida urbana levam a respostas psíquicas e físicas no corpo humano. A fim de amenizar tais reações, lazer e exercício físico são atividades recomendadas e, dentre estes, as atividades ligadas à natureza possivelmente são as de menor custo e maior capacidade de descontração.

Gráfico 4 – Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Muito Ruim entre as três áreas de pesquisa.



Fonte: Dados primários, 2015.

b) Comparação entre os índices de Felicidade Interna Bruta 02 (Qualidade de Vida Ruim) para as três áreas:

Na análise comparativa entre o número de indivíduos que obteve índice de FIB nível 2 (QV ruim) entre as três áreas, o Teste ANOVA – 2 critérios não apontou diferenças estatisticamente significantes entre os tratamentos (colunas), com p-valor maior que 0,05 ($=0,57$), conforme o Quadro 14, abaixo. Isso indica que, nas três áreas, o quantitativo de indivíduos com Qualidade de Vida considerada ruim foi similar.

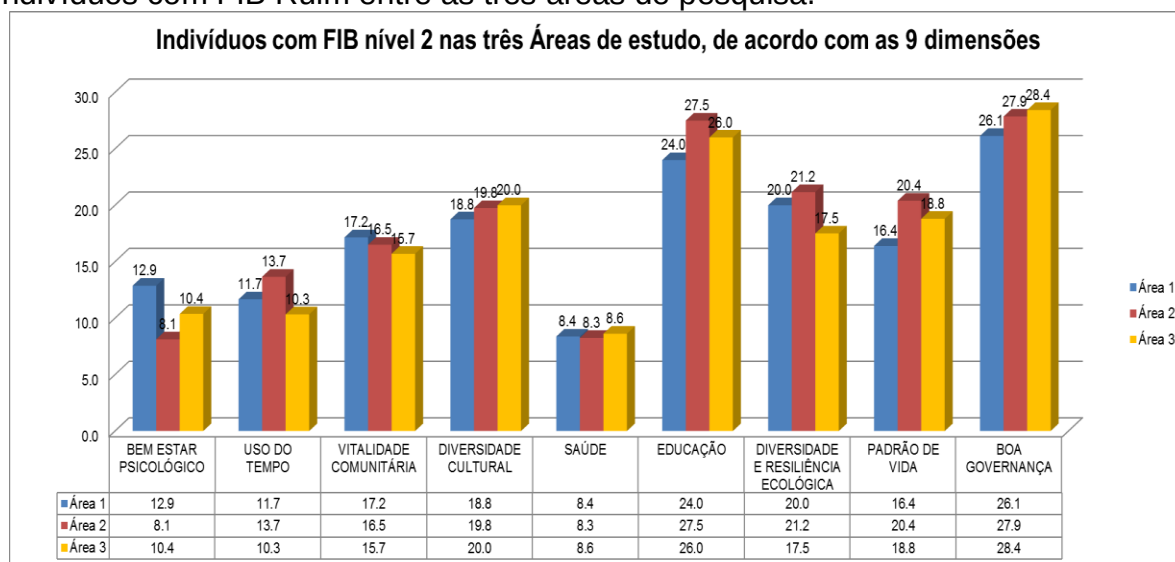
Quadro 14 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 2.

FONTES DE VARIAÇÃO	GL	SQ	QM
Tratamentos	2	4.3509	2.175
Blocos	8	1028.696	128.587
Erro	16	38.702	2.419
F (tratamentos) =	0.8994		
p (tratamentos) =	0.5708		
F (blocos) =	53.1602		
p (blocos) =	<0.0001		

Fonte: Dados primários, 2015.

O Gráfico 5, abaixo, confirma a análise estatística realizada pelo Teste ANOVA, mostrando que as variações entre o número de indivíduos classificados como possuidores de Qualidade de Vida ruim, em cada dimensão de FIB avaliada, foram muito pequenas entre as três áreas, motivo pelo qual não foi apontada diferença significativa entre elas. A maior variação de indivíduos apresentada neste nível de FIB foi de cerca de 5 indivíduos entre as áreas 1 e 2, no quesito Bem-estar psicológico. Nas demais dimensões, as variações permaneceram inferiores a 4 indivíduos entre as três áreas.

Gráfico 5 - Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Ruim entre as três áreas de pesquisa.



Fonte: Dados primários, 2015.

- c) Comparação entre os índices de Felicidade Interna Bruta 03 (Qualidade de Vida Regular) para as três áreas:

Na análise comparativa entre o número de indivíduos que obteve índice de FIB nível 3 (QV regular) entre as três áreas, o Teste ANOVA – 2 critérios também não apontou diferenças estatisticamente significantes entre os tratamentos (colunas), com p-valor maior que 0,05 ($=0,2959$), conforme o quadro abaixo. Isso indica que, nas três áreas, o quantitativo de indivíduos com Qualidade de Vida considerada regular foi similar.

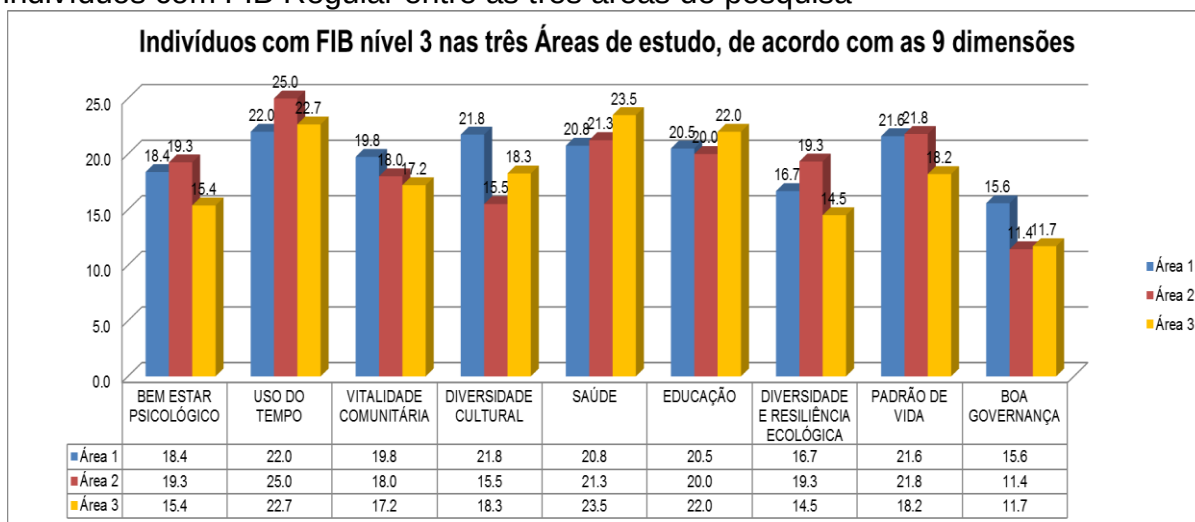
Quadro 15 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 3.

FONTES DE VARIAÇÃO	GL	SQ	QM
Tratamentos	2	10.3496	5.175
Blocos	8	227.677	28.460
Erro	16	62.968	3.935
F (tratamentos) =	1.3149		
p (tratamentos) =	0.2959		
F (blocos) =	7.2315		
p (blocos) =	0.0006		

Fonte: Dados primários, 2015.

O Gráfico 6, abaixo, também confirma a análise estatística do Teste ANOVA no índice de FIB 3, característico de Qualidade de Vida Regular. Pode-se perceber que, neste índice de FIB, já observa-se uma variação maior entre as três áreas do que no Gráfico 5, porém sem variações expressamente relevantes. Isso confirma o fato do p-valor da análise do FIB 3 ter se mostrado mais próximo de 0,05 (p-valor = 0,2959) do que o p-valor encontrado na análise do FIB 2 (p-valor = 0,57). Neste índice, as maiores variações de indivíduos ocorreram nas dimensões Diversidade Cultural, com uma diferença de cerca de 6 indivíduos com FIB Regular entre a área 1 e a área 2, e Diversidade e Resiliência Ecológica, com uma diferença de cerca de 5 indivíduos entre as áreas 2 e 3. Nas demais dimensões, todas as variações mostraram-se inferiores a 4 indivíduos entre as áreas.

Gráfico 6 - Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Regular entre as três áreas de pesquisa



Fonte: Dados primários, 2015.

- d) Comparação entre os índices de Felicidade Interna Bruta 04 (Qualidade de Vida Boa) para as três áreas:

Na análise comparativa entre o número de indivíduos que obteve índice de FIB nível 4 (QV boa) entre as três áreas, o Teste ANOVA – 2 critérios também não apontou diferenças estatisticamente significantes entre os tratamentos (colunas), com p-valor maior que 0,05 ($=0,2087$), de acordo com o Quadro 16, abaixo. Isso indica que, nas três áreas, o quantitativo de indivíduos com Qualidade de Vida considerada boa foi similar.

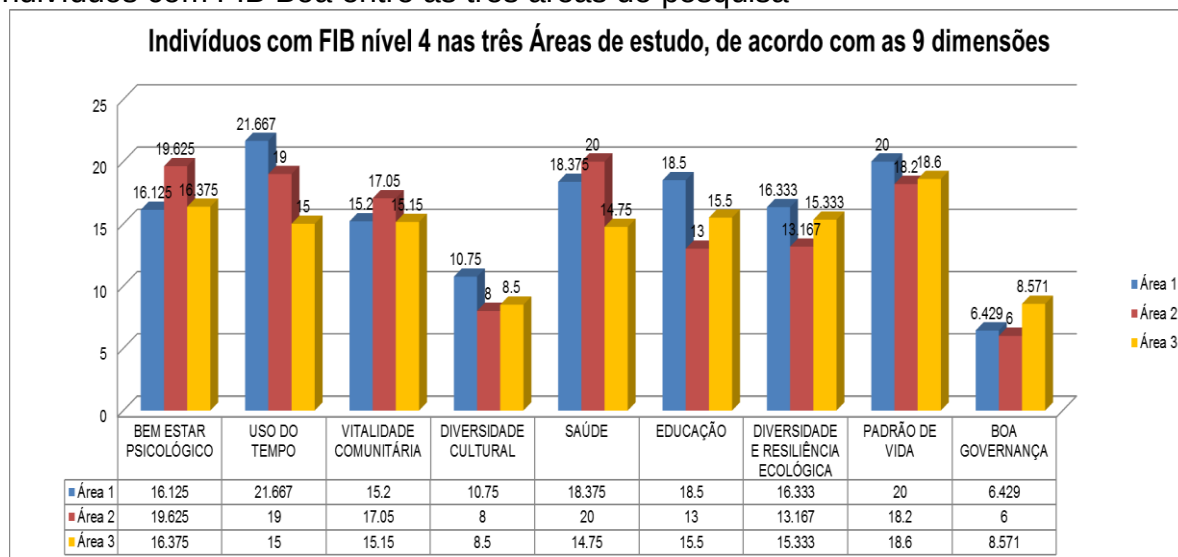
Quadro 16 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 3.

FONTES DE VARIAÇÃO	GL	SQ	QM
Tratamentos	2	13.6950	6.847
Blocos	8	423.551	52.944
Erro	16	63.521	3.970
F (tratamentos) =	1.7248		
p (tratamentos) =	0.2087		
F (blocos) =	13.3358		
p (blocos) =	< 0.0001		

Fonte: Dados primários, 2015.

No Gráfico 7, abaixo, também percebe-se uma confirmação da análise estatística do Teste ANOVA no índice de FIB 4, pois, apesar da variação entre as áreas ter se mostrado ainda maior do que nos Gráficos 5 e 6, o que está de acordo com o p-valor ainda mais próximo de 0,05 neste índice ($p\text{-valor} = 0,2087$) do que nos dois anteriores, ainda não se observam variações claramente significantes. Neste índice de FIB, as maiores variações de indivíduos ocorreram nas dimensões Uso do Tempo, com uma diferença de cerca de 7 indivíduos entre a área 1 e a área 3, e Saúde, com uma diferença de cerca de 5 indivíduos entre as áreas 1 e 2. Nas demais dimensões, todas as variações mostraram-se inferiores a 4 indivíduos entre as áreas.

Gráfico 7 - Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Boa entre as três áreas de pesquisa



Fonte: Dados primários, 2015.

e) Comparação entre os índices de Felicidade Interna Bruta 05 (Qualidade de Vida Muito Boa) para as três áreas:

Quadro 17 – Resultados encontrados nos Testes ANOVA 2 critérios e Tukey, para índice de FIB 5.

FONTES DE VARIAÇÃO	GL	SQ	QM
Tratamentos	2	201.4513	100.726
Blocos	8	2653.827	331.728
Erro	16	74.312	4.645
F (tratamentos) =	21.6871		
p (tratamentos) =	< 0.0001		
F (blocos) =	71.4238		
p (blocos) =	< 0.0001		
Médias (tratamentos):			
Média (Coluna 1) =	21.7792		
Média (Coluna 2) =	20.0613		
Média (Coluna 3) =	26.5204		
Tukey	Q	(p)	
Médias (1 a 2) =	2.3914	ns	
Médias (1 a 3) =	6.6000	< 0.01	
Médias (2 a 3) =	8.9913	< 0.01	

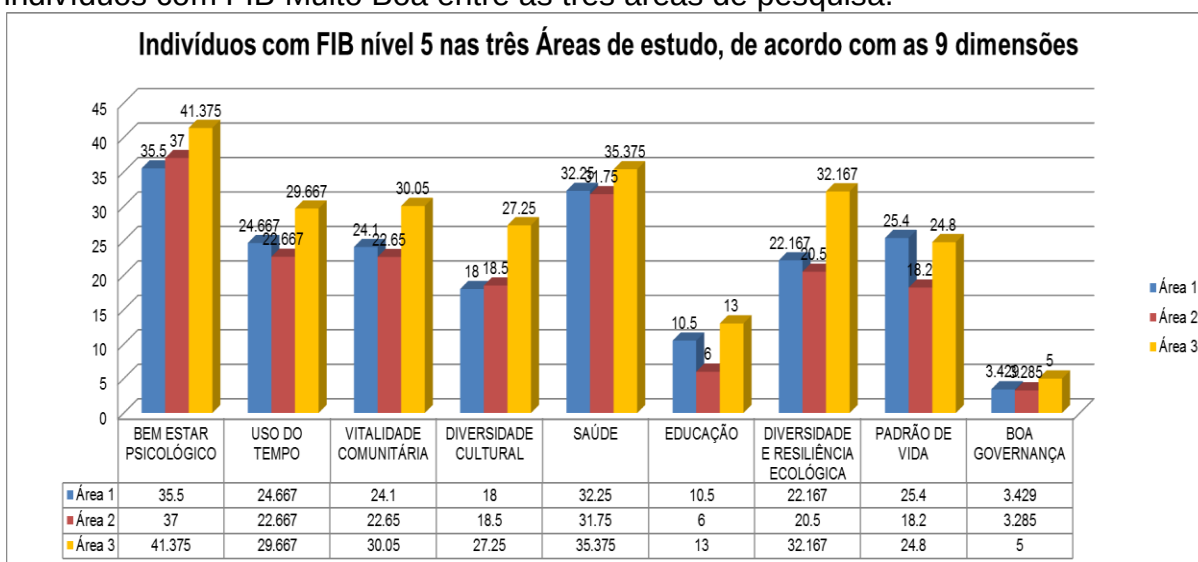
Fonte: Dados primários, 2015.

Na análise comparativa entre o número de indivíduos que obteve índice de FIB nível 5 (QV muito boa) entre as três áreas, o Teste ANOVA – 2 critérios apontou diferenças estatisticamente significantes entre os tratamentos (colunas), com p-valor

menor que 0,05 ($< 0,0001$), conforme o Quadro 17, acima. O Teste Tukey mostrou que essas diferenças mostraram-se estatisticamente significantes entre as áreas 1 e 3, e entre as áreas 2 e 3, porém não entre as áreas 1 e 2. Isso indica que os moradores da área 3 são significativamente mais felizes e com maior índice de Qualidade de Vida considerada muito boa do que aqueles que moram nas áreas 1 e 2.

O Gráfico 8, abaixo, também confirma a análise estatística feita pelo Teste ANOVA e pelo Teste Tukey a respeito das diferenças entre as três áreas do que se refere ao número de indivíduos que apresentou índice máximo de FIB. Neste nível de QV, 4 das 9 dimensões de FIB mostraram diferença maior que 5 indivíduos tanto entre a área 1 e a área 3, quanto entre a área 2 e a área 3, com diferenças que chegaram a até 12 indivíduos entre as áreas. Além disso, em 3 outras dimensões, houve diferença superior a 5 indivíduos entre a área 3 e uma das outras duas áreas, ainda que não entre a área 3 e a área restante. Apenas no quesito Boa Governança não houve diferença superior a 5 indivíduos entre as três áreas.

Gráfico 8 - Influência de cada dimensão do FIB na diferença de quantidade de indivíduos com FIB Muito Boa entre as três áreas de pesquisa.



Fonte: Dados primários, 2015.

A dimensão que apresentou maior variação de resultados entre as áreas 2 e 3 e a área 3 foi a Diversidade e Resiliência Ecológica, com uma diferença de cerca de 12 indivíduos entre as áreas 2 e 3, e cerca de 10 indivíduos entre as áreas 1 e 3, dados que foram salientados pelas respostas obtidas na pergunta 77 do formulário de coleta de dados, sobre o número de plantas locais típicas conhecidas, que

mostraram que o local em que o menor número de pessoas que citaram apenas 1 planta e o maior número de pessoas que citaram 2 a 3 plantas foi a área 3, revelando maior relação entre os moradores dessa área com o meio ambiente local, conforme indica o quadro 18, abaixo:

Quadro 18 – Respostas para a pergunta 77, nas áreas 1, 2 e 3.

	ÁREA 1				ÁREA 2				ÁREA 3			
77) Plantas locais conhecidas	0	1	2-3	4+	0	1	2-3	4+	0	1	2-3	4+
	16	18	47	5	10	13	44	4	14	7	56	9

Fonte: Dados primários, 2015.

A segunda dimensão com maior diferença de resultados foi a Diversidade Cultural, com uma variação de cerca de 9 indivíduos tanto entre as áreas 1 e 3 quanto entre as áreas 2 e 3. Estes resultados são comprovados pelas respostas encontradas para a pergunta número 73 do formulário de coleta de dados, que demonstraram que enquanto nas áreas 1 e 2 a maioria dos indivíduos não citou nenhum evento local conhecido, na área 3 a maioria dos indivíduos citou 2 ou 3 eventos, revelando mais relação cultural com sua comunidade local, conforme exposto no quadro 19, abaixo:

Quadro 19 – Respostas para a pergunta 73, nas áreas 1, 2 e 3.

73) Eventos santanenses conhecidos	0	1	2-3	4+	0	1	2-3	4+	0	1	2-3	4+
	32	23	29	2	38	26	20	3	22	27	35	2

Fonte: Dados primários, 2015.

A terceira dimensão com maior variância foi a Vitalidade Comunitária, com uma diferença de cerca de 7 sujeitos entre as áreas 2 e 3, e de cerca de 6 sujeitos entre as áreas 1 e 3.

A quarta dimensão mais variante foi o Uso do Tempo, com uma variação de 7 indivíduos entre as áreas 2 e 3, e 5 indivíduos entre as áreas 1 e 3.

Araújo et. al. (2007) já mencionavam que o lazer parece representar uma opção privilegiada para se manter uma vida equilibrada e saudável, funcionando como um importante fator de proteção à saúde mental e promoção de bem-estar,

tanto físico quanto mental e social. Estudos têm apontado que a limitação no acesso ao lazer pode contribuir, direta ou indiretamente, para os altos níveis de adoecimento psíquico observados.

Na dimensão Educação e Padrão de Vida, houve diferença de cerca de 7 indivíduos entre as áreas 2 e 3, porém sem diferença significativa entre as áreas 1 e 3; e na dimensão Bem-estar psicológico, houve diferença de cerca de 6 indivíduos entre as áreas 1 e 3, porém com diferença inferior a 5 entre as áreas 2 e 3.

Pode-se perceber, então, que as 4 dimensões mais influentes para o índice estatisticamente superior de Qualidade de Vida Muito Boa na população ribeirinha em relação às populações urbanas foram aspectos voltados para o relacionamento entre as pessoas, o meio que as cerca e a sociedade/comunidade em que vivem. Os moradores da área peri-urbana ribeirinha mostraram um relacionamento muito melhor com o meio ambiente (Diversidade e Resiliência Ecológica), com a comunidade local em que vivem (Diversidade cultural e Vitalidade Comunitária), além de um uso mais satisfatório de seu tempo, fatores que contribuíram muito para que estes indivíduos apresentassem um nível significativamente superior de Felicidade Interna Bruta e, conseqüentemente, de Qualidade de Vida.

Os índices de Felicidade Interna Bruta máxima encontrados na maioria dos sujeitos das três áreas, apesar das diferenças demonstradas entre as áreas, foram parcialmente confirmados por meio das respostas dadas pelos sujeitos das três áreas nas perguntas 69 e 81 do formulário de coleta de dados, que se referiam ao índice de FIB que os sujeitos imaginavam possuir e ao desejo de morar em outro lugar, quando observou-se que a maioria dos sujeitos das três áreas imaginava-se apresentar índice de FIB 5 ou 4, ainda que num quantitativo menor na área 3 do que nas outras áreas, e quando a grande maioria dos moradores das três áreas não gostaria de morar em outro lugar, ainda que também num índice menor nas áreas 2 e 3 do que na área 1, conforme indicam os quadros a seguir:

Quadro 20 – Respostas para pergunta 69, nas áreas 1, 2 e 3.

DIMENSÕES / ÁREAS	ÁREA 1					ÁREA 2					ÁREA 3				
	05	04	03	02	01	05	04	03	02	01	05	04	03	02	01
69) Como imagina que está seu FIB	25	33	15	6	7	29	26	21	7	4	19	32	29	4	2

Fonte: Dados primários, 2015.

Quadro 21 – Respostas para pergunta 81, nas áreas 1, 2 e 3.

81) Moraria em outro lugar?	Não	Sim, outro bairro	Sim, outro município	Sim, outro estado	Sim, outro país
Área 1	38	11	18	16	3
Área 2	30	27	16	11	1
Área 3	30	23	17	15	1

Fonte: Dados primários, 2015.

Os resultados encontrados nesta pesquisa só confirmam aquilo que tem falado a literatura atual, exemplificado nas palavras de Cyrous (2012):

Tendo essa visão de ser humano atraído a valores e em busca de sentido, é compreensível que o ser humano deva almejar um estado de plenitude entre as suas três dimensões, assim como nas suas relações interpessoais. Os seres humanos não devem focar apenas em uma das dimensões, que são: física, na qual se foca no seu corpo, na aparência e na imagem; a dimensão psíquica focada nas relações com os demais ou nas realizações profissionais, entre outros; e a dimensão noética que leva às pessoas a se focarem nos seus sonhos e nas suas aspirações. O ser humano pleno é aquele que reconhece essas três dimensões.

Quanto maior a capacidade de uma população de relacionar-se positivamente com todos os aspectos componentes da vida humana, em todas as suas dimensões, como mencionou Cyrous (2012), maior será seu nível de felicidade e qualidade de vida. Enquanto os seres humanos não resgatarem essa compreensão e vivência, principalmente dentro das realidades cada vez mais estressoras do estilo de vida moderno, tornar-se-á cada vez mais difícil alcançar níveis realmente satisfatórios de qualidade de vida.

O desafio do mundo moderno pode ser expresso pelas palavras de Frankl (2005), que compreende que é fundamental encontrar, ou mesmo criar:

verdadeiros heróis [que,] ainda que com o estômago que se queixa de fome, se comprometem em diversas organizações, desenvolvendo atividades de voluntariado nas bibliotecas ou colaborando com o serviço de ordem em várias escolas públicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os resultados desta pesquisa confirmaram a hipótese de que os aspectos característicos do processo de urbanização têm prejudicado o uso satisfatório do tempo e os relacionamentos mais intensos e positivos do ser humano com o meio e comunidade em que vive, comprometendo principalmente a qualidade da vida social dos indivíduos mais imersos no processo de modernização social. Confirmou-se que os indivíduos residentes em áreas peri-urbanas ribeirinhas, com menor influência destes aspectos da urbanização, apresentam maior índice de qualidade de vida do que habitantes em áreas urbanas.

As 4 dimensões mais influentes para o índice estatisticamente superior de Qualidade de Vida Muito Boa na população ribeirinha em relação às populações urbanas foram o melhor relacionamento com o ambiente ecológico em que vivem (Diversidade e Resiliência Ecológica), com a comunidade local da qual fazem parte (Diversidade cultural e Vitalidade Comunitária), além do uso mais satisfatório de seu tempo.

Algumas considerações quanto à realização da pesquisa merecem ser feitas. Durante a aplicação dos formulários de coleta de dados, pôde-se perceber que algumas das perguntas constantes apresentaram um vocabulário de difícil compreensão, principalmente para as populações das áreas urbana periférica e peri-urbana ribeirinha, e por isso o vocabulário geral do formulário merece uma adaptação para linguagem mais fácil.

Outra questão foi a dificuldade de realizar a coleta de dados nos bairros de maior condição financeira, como a Vila Amazonas e a Vila Daniel, na área urbana central de Santana, onde os moradores foram muito resistente a receber a pesquisadora e, até mesmo, atender quando suas casas eram procuradas. Essa foi uma dificuldade grande enfrentada em toda a área urbana, porém com uma intensidade superior em algumas partes da área urbana central.

A similaridade das condições de vida observadas em praticamente todos os bairros e ruas visitados na área urbana do município, exceto alguns poucos bairros de maior condição financeira, como as áreas militares, já foi mencionada no decorrer deste trabalho, porém também merece destaque. Ainda que tenha sido possível identificar diferenças significativas entre as três áreas geográficas avaliadas, a continuação desta pesquisa em áreas com divergências mais nítidas de

urbanização, como uma análise comparativa entre a capital do estado, Macapá, e os dados encontrados neste estudo, ou em municípios de condições mais rurais do que Santana, poderiam salientar ainda mais a hipótese comprovada neste estudo.

Certamente, continuar a avaliar os aspectos da vida moderna que mais têm sido determinantes no maior ou menor nível de Qualidade de Vida e de Felicidade das populações mostra-se de extrema necessidade. Se a ciência atual, importante produtora dos conhecimentos e de padrões de vida convalidados da sociedade moderna, não comprometer-se a avaliar de maneira dedicada o estilo de vida imposto pelo processo de urbanização e modernização das sociedades e as alternativas mais viáveis para a melhoria de vida das atuais e futuras gerações, o verdadeiro desenvolvimento das sociedades continuará atrasado ou mesmo paralisado durante muito mais tempo do que deveria.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

AGUIAR, J.S.; SILVA, L.M.S. Caracterização e Avaliação das Condições de Vida das Populações Residentes nas Ressacas Urbanas dos Municípios de Macapá e Santana. In: TAKIYAMA, L.R.; SILVA, A.Q. da (Orgs.). **Diagnóstico das Ressacas do Estado do Amapá: Bacias do Igarapé da Fortaleza e Rio Curiaú**, Macapá-AP: CPAQ/IEPA e DGEO/SEMA, 2003, pp. 165-236.

ALLASSEMBAYE, D. **Peri-Urban Growth in a Third World City**: the case of the western suburbs of Brazzaville. Congo: Union for African Population Studies, 1994.

ALVES, E. F. Qualidade de vida: considerações sobre os indicadores e instrumentos de medida. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v. 03, n. 01, pp. 16-23, jan./jun. 2011.

ALVES FILHO, E.; SALCIDES, A. A reconstrução da felicidade pelos reassentados da hidrelétrica Presidente JK, Brasil. In: CUEVAS, Cecilia Aguayo; GAVIRIA, Luis Horacio Franco (Eds.). **Diálogos Interdisciplinarios para la Reconstrucción Social de Saberes Profesionales**: Pensando y actuando en América Latina. Obra independente, 2011.

ALVIM, Eliana Tostes. **Políticas Públicas, sua relação com a riqueza social e cultura, e o direito à cidade**. VII Congresso Nacional de Excelência em Gestão. ago. 2011.

ANDREWS, S. Palestra e Oficina – PIB x FIB: Novos Indicadores de Sustentabilidade/ FIB Índice de Felicidade Interna Bruta. In: **6º Congresso Nacional de Excelência em Gestão**: Energia, Inovação, Tecnologia e Complexidade para a Gestão Sustentável. Rio de Janeiro, 5 ago. 2010.

ARAÚJO, T.M. et. al. Prática de atividades de lazer e morbidade psíquica em residentes de áreas urbanas. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 31, n. 2, pp.294-310, jul./dez. 2007.

ARRUDA, M. **As nove dimensões do FIB**. Monografia apresentada ao Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul e Visão Futuro. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.fb.es.org.br/biblioteca22/arruda_dimensoes_fib.doc>.

BATISTELA, G. C.; RODRIGUES, S. A.; LUIZ, A. O. Fatores importantes para a sensação de felicidade da população do estado de São Paulo. **Tékhne e Lógos**, Botucatu, SP, v.3, n.1, mar. 2012.

BOISIER, S. Decodificando el desarrollo del siglo XXI: subjetividad, complejidad, sinapsis, sinergia, recursividad, liderazgo, y anclaje territorial. **Semestre Económico**, Medellín, Colombia, v. 13, n. 27, pp. 11- 37, jul./dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Brasil 2011**: uma análise da situação de saúde e a vigilância da saúde da mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

CAIADO, A. S. C.; SANTOS, S. M. M. Fim da dicotomia rural-urbano? Um olhar sobre os processos socioespaciais. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v.17, n.3-4, jul./dez. 2003.

CANDIDO, Helena Hinke Dobrochinski. **Avaliação subjetiva da qualidade de vida como indicador de desenvolvimento regional**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional do Centro de Ciências Humanas e da Comunicação da Universidade Regional de Blumenau, 2010.

CARVALHO, J. et. al. Conselhos municipais: sua contribuição para o desenvolvimento local. **Anais: Encontros Nacionais da ANPUR**, v. 8, 2013.

CLEIMAN, A. **Férias – o que é bom dura pouco? Uma alternativa para o equilíbrio vida pessoal/trabalho**. Dissertação de Mestrado do Programa de Mestrado Executivo em Gestão Empresarial da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, 2010. 112 f.

CUNHA, J. C. L. **Ações de desenvolvimento socioambiental**: o programa de melhoria da qualidade ambiental urbana do Amapá GEA-BID nas áreas de ressaca da cidade de Macapá. Dissertação de Mestrado do Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano da Universidade da Amazônia, 2011.

CYROUS, S. Logoterapia, direitos humanos e sustentabilidade: repensando modelos. **Logos & Existência – Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, v. 1, n. 2, pp. 138-147, 2012.

CURY, A. **Ansiedade**: como enfrentar o mal do século – A Síndrome do Pensamento Acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos. São Paulo: Saraiva, 2014.

DAMÁSIO, B.; MAH, L. Das limitações do PIB enquanto indicador às necessidades de medição dos níveis de desenvolvimento. **Colecção Documentos de Trabalho**, n. 89. Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento. Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2011.

DA SILVA, R. B. C. Valores e Felicidade no Século XXI: um retrato sociológico dos Portugueses em comparação europeia. Dissertação de Doutorado do Programa de Doutorado em Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa, 2011. 333 p.

DERBLI, M. Qualidade de vida na medida (in)certa. **ComCiência**, Campinas, n. 119, 2010.

DOWBOR, L. **Democracia Económica**: um passeio pelas teorias. São Paulo, 2006.

DUARTE, E. C.; BARRETO, S. M. Transição demográfica e epidemiológica: a Epidemiologia e Serviços de Saúde revisita e atualiza o tema. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 21, n. 4, dez. 2012.

DURÃO, J. V. Como mensurar progresso levando em conta um modelo de desenvolvimento sustentável. **Plurimus Cultura e Desenvolvimento em Revista**, a. 1, e. II, jul./dez. 2012.

FAGUNDES, C.; FAGUNDES, C.; DUARTE, M. **Mapa urbano de Santana: Com Itinerário dos Barcos**. 20??.

FIGUEIREDO, N. M. A. de (Org.). **Ensinando a cuidar em Saúde Pública**. ed. Especial. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2007.

FRANKL, V. E. **Las raíces de la Logoterapia: Escritos Juveniles 1923-1942**. Buenos Aires: Fundación Argentina de Logoterapia "Viktor E. Frankl", 2005.

FREHSE, F. Potencialidades do método regressivo-passivo: pensar a cidade, pensar a história. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, pp. 169-184, nov. 2001.

GIANETTI, E. **Felicidade: Diálogos sobre o bem-estar na civilização**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ. **Perfil do estado: Folclore e Festas Populares**. Governo do Estado do Amapá, 20??. Disponível em: <<http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/perfil/folclore.jsp>>.

HAIR JR, J. F. et. al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=160060&idtema=1&search=amapa|santana|censo-demografico-2010:-sinopse->>>.

IBGE. Censo demográfico 2000: documentação dos microdados da amostra. Rio de Janeiro: 2002. CD-ROM.

KAGEYAMA, A. Desenvolvimento rural: conceito e medida. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.21, n.3, pp.379-408, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8702/4887>>.

LEWIS, J. **Identidade e a Região Peri-Urbana de Belém do Pará: Lições para o investimento de desenvolvimento municipal**. North Carolina State University. 2007. Disponível em: <http://www.ncsu.edu/project/amazonia/brazil_proj/Result/Identidade_Regiao_PeriUrbana_Lewis.pdf>.

LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 24, pp. 109-123, 2008.

LOUETTE, A. (Org.). **Indicadores de Nações: uma Contribuição ao Diálogo da Sustentabilidade**. Gestão do Conhecimento. São Paulo: WHH - Willis Harman House, 2009.

MARICATO, E. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v.14, n.4, out./dez. 2000.

MELO, LOPES, GUIMARÃES. **Conhecimento e uso de plantas medicinais no tratamento de doenças pelos moradores atendidos na Unidade Básica de Saúde da Ilha de Santana/AP**. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Madre Tereza, Santana/AP. 2015. 80 f.

MINGIONE, E.; PUGLIESE, E. A difícil delimitação do urbano e do rural: alguns exemplos e implicações teóricas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 22, abr. 1987.

MIRANDA, A. **Santana**. Portal São Francisco. 20??. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/amapa/amapa.php>>.

MOTA, L. A. Aflição e ajuda mútua em tempos de globalização. **Estudos de Sociologia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 1, n. 10, 2004.

NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v.19, ed. esp. 1, pp. 14-20, 2007.

NEWTON, K. Confiança Social. In: VIEGAS, J. M. L.; PINTO, A. C.; FARIA, S. (Orgs.). **Democracia, novos desafios e novos horizontes**. Lisboa: Celta, 2004. pp. 61-84.

OLIVEIRA, I. C. A. de. **Introdução à metodologia científica**. 2. ed. Pará de Minas: VirtualBooks, 2010.

OLIVEIRA, M.R.; ORSINI, M. Escalas de avaliação de qualidade de vida em pacientes brasileiros após acidente vascular encefálico. **Revista Neurociências**, v. 17, n.3, pp. 255-62, 2008.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Saúde nas Américas 2012: panorama da situação de saúde dos países das Américas**. Organização Pan-Americana da Saúde, 2012.

PENACHIONI, A. Calvert-Henderson: mais uma alternativa ao cálculo do PIB. **Revista Brasil sustentável**, v. 22, p. 46, dez./jan. 2009.

PENHA, Á. **Santana terá a maior quadra junina de todos os tempos**. Governo do Estado do Amapá. Agência Amapá de Notícias, 2013. Disponível em: <<http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/34306/>>.

PHILLIPS, D. W. K.; ANDREWS, G. Literature Review on Peri-Urban Natural Resource Conceptualization and Management Approaches. **DFID Natural Resources Systems Programme (NRSP)**. UK: University of Nottingham and University of Liverpool, 1999.

PUKELIENÉ, V.; STARKAUSKIENÉ, V. Quality of Life concepts, measurement and challenges. **Applied Economics: Systematic Research**, v. 3, n. 2, pp. 51-65, 2009.

RAMOS, E. M. L. S.; ALMEIDA, S. dos S. de; ARAÚJO, A. dos R. **Controle estatístico da qualidade**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: para alunos de graduação e pós graduação. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RANIERI, J. **A câmara escura**: Alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.

SCHMIDT, D. R. C.; DANTAS, R. A. S.; MARZIALE, M. H. P. Qualidade de vida no trabalho: avaliação da produção científica na enfermagem brasileira. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 21, n. 2, p. 330-337, 2008.

SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, pp. 29-41, 2007.

SILVA, Fabiana Santos da. **Felicidade Interna Bruta (FIB) em Serra Grande, Bahia**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável do Instituto de Pesquisas Ecológicas, Serra Grande, 2011.

SILVA et al. Frutíferas hospedeiras e parasitóides (hym., braconidae) de *Anastrepha* spp. (dip., tephritidae) na Ilha de Santana, estado do Amapá, Brasil. **Arq. Inst. Biol.**, São Paulo, v.74, n.2, p.153-156, abr./jun., 2007.

SOUZA, J. M. Saúde pública: Higiene bucal como qualidade de vida na Ilha de Santana, no município de Santana no estado do Amapá. **Webartigos**, 2011. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/saude-publica-higiene-bucal-como-qualidade-de-vida-na-ilha-de-santana-no-municipio-de-santana-no-estado-do-amapa/75211/#ixzz2dNJKuaDK>>.

SOUZA, M. D. C. de. **A Evolução Política, Demográfica e Sócio-Econômica do Amapá**. Trabalho de Conclusão do Curso de História, Universidade Federal do Amapá. Macapá/AP, 1995. 101 p.

SZTOMPKA, P. **A sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VIEIRA, S. **Introdução à Bioestatística**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

1) BEM-ESTAR PSICOLÓGICO						
	PERGUNTA	RESPOSTA				
01	Você costuma participar de atividades religiosas?	1	2	3	4	5
02	Você costuma realizar orações ou meditações?	1	2	3	4	5
03	Você costuma se sentir frustrado por algum motivo?	1	2	3	4	5
2) USO DO TEMPO						
04	Você costuma se sentir esgotado ao final do dia?	1	2	3	4	5
3) VITALIDADE COMUNITÁRIA						
05	Você costuma realizar atividades de socialização com seus amigos?	1	2	3	4	5
06	Você deseja ou já desejou não fazer parte da sua família?	1	2	3	4	5
07	Os membros de sua família costumam discordar entre si?	1	2	3	4	5
08	Você costuma se encontrar com parentes que não moram com você?	1	2	3	4	5
09	Você costuma se dedicar a trabalhos voluntários?	1	2	3	4	5
10	Você costuma realizar doações financeiras voluntariamente?	1	2	3	4	5
11	Você costuma participar de atividades comunitárias, como festividades culturais e sociais?	1	2	3	4	5
4) DIVERSIDADE CULTURAL						

12	Você costuma participar de eventos culturais típicos de seu município ou estado?	1	2	3	4	5
5) SAÚDE						
13	Você costuma consumir bebida alcoólica?	1	2	3	4	5
14	Você costuma fumar?	1	2	3	4	5
15	Você costuma consumir frutas, legumes, verduras, sucos naturais e similares?	1	2	3	4	5
16	Você costuma consumir alimentos como sanduíches, pizza, batata frita, refrigerante e similares?	1	2	3	4	5
6) EDUCAÇÃO						
17	Você costuma ou costumava contar histórias folclóricas ou populares às crianças da família ou comunidade?	1	2	3	4	5
18	Seus pais ou avós costumam ou costumavam contar histórias folclóricas ou populares?	1	2	3	4	5
7) DIVERSIDADE E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA						
19	Você costuma ter contato com rios ou lagos?	1	2	3	4	5
20	Você costuma reutilizar materiais como vidros, latas, plásticos de produtos adquiridos?	1	2	3	4	5
21	Você costuma plantar ou cultivar árvores em sua casa?	1	2	3	4	5
22	Você costuma jogar lixo em vias públicas ou rios?	1	2	3	4	5
8) PADRÃO DE VIDA						
23	Você ou sua família costumam utilizar roupas de segunda mão?	1	2	3	4	5
24	Você costuma contribuir financeiramente com as festividades de sua comunidade?	1	2	3	4	5

B) RESPOSTAS DO TIPO INTENSIDADE

OPÇÕES DE RESPOSTA:

- | | |
|---|---------------|
| 1 | Totalmente |
| 2 | Muito |
| 3 | Razoavelmente |
| 4 | Pouco |
| 5 | Nada |

1) BEM-ESTAR PSICOLÓGICO						
	PERGUNTA	RESPOSTA				
25	Você se considera uma pessoa individualista?	1	2	3	4	5
26	Você considera seus vizinhos individualistas?	1	2	3	4	5
27	Você se considera uma pessoa calma?	1	2	3	4	5
28	Você se considera uma pessoa generosa?	1	2	3	4	5
29	Você já pensou seriamente na possibilidade de se suicidar?	1	2	3	4	5
2) USO DO TEMPO						
30	Normalmente, em uma semana, quanto tempo você dedica a atividades que você realmente gosta?	1	2	3	4	5
31	Ao final do dia, você costuma se sentir satisfeito com as atividades que você realizou?	1	2	3	4	5
32	Você está satisfeito com seu(s) trabalho(s) atual(is)?	1	2	3	4	5
3) VITALIDADE COMUNITÁRIA						
33	Você confia em seus vizinhos?	1	2	3	4	5
34	Seus vizinhos costumam ajudar uns aos outros?	1	2	3	4	5
35	Você e seus vizinhos costumam interagir?	1	2	3	4	5
36	Você considera que os membros de sua família cuidam de verdade uns dos outros?	1	2	3	4	5
37	Você considera os membros de sua família compreensivos?	1	2	3	4	5
38	Você se sente seguro na sociedade em que vive?	1	2	3	4	5

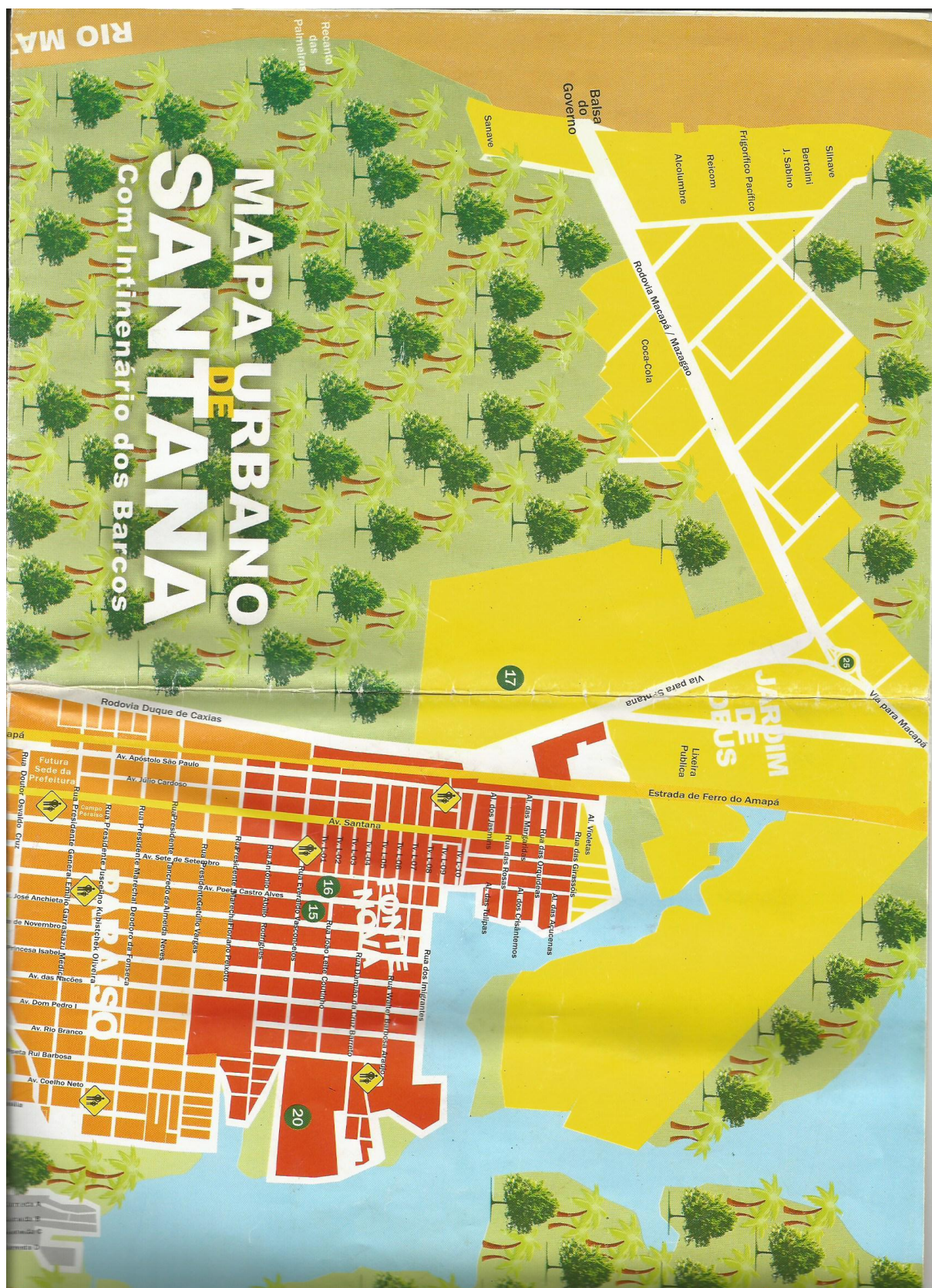
69	Como você imagina que está o seu índice de Felicidade no momento?	1	2	3	4	5
----	---	---	---	---	---	---

D) RESPOSTAS ABERTAS

2) USO DO TEMPO	
70	Quantas horas por dia você costuma trabalhar?
71	Quantas horas por dia você costuma dormir?
3) VITALIDADE COMUNITÁRIA	
72	Quantas vezes você já foi vítima de algum crime?
4) DIVERSIDADE CULTURAL	
73	Quais eventos culturais característicos do município de Santana você conhece?
5) SAÚDE	
74	Você enfrenta dificuldades para utilizar os serviços de saúde mais próximos de você? Quais?
6) EDUCAÇÃO	
75	Qual o nível mais alto de educação formal que você gostaria de concluir?
76	Cite, pelo menos, uma história popular ou lenda do município de Santana ou estado do Amapá.
7) DIVERSIDADE E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA	
77	Cite o nome de, pelo menos, duas plantas comuns no Amapá.
8) PADRÃO DE VIDA	
78	Qual é, em média, a renda familiar de sua casa?
	() Até 1 salário mínimo (R\$640) () 1 a 3 salários mínimos (R\$2mil) () 3 a 8 salários mínimos (R\$5mil) () Mais de 8 salários mínimos
79	Qual seu tipo de residência (própria, alugada, emprestada, outros)?
80	Quantos quartos sua casa possui?
OUTROS	
81	Se você tivesse chance, moraria em outro lugar? Se sim, onde?
	Informação adicional

Instrumento de Coleta de Dados produzido com base na Dissertação de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável do Instituto de Pesquisas Ecológicas de Serra Grande, produzido por Fabiana Santos da Silva (2011), intitulada **Felicidade Interna Bruta (FIB) em Serra Grande, Bahia.**

ANEXO 1 – MAPA DA ÁREA URBANA DE SANTANA/AP – PARTE 1





O Marco Zero também é Aqui

Linha do Equador

LEGENDA

01 Estádio de Santana	14 Sede do IEC
02 SEMEC	15 Igreja de São Pedro
03 Correios	16 Associação Nossa Família
04 Telemar	17 Eletronorte
05 Praça Francisco Nobre	18 Estação Ferroviária
06 Casa da Hospitalidade	19 Docas de Santana
07 Hospital de Santana	20 Rádio Santana
08 Centro do Menor	21 Prefeitura de Santana
09 Biblioteca Pública	22 Super Fácil
10 Teatro Municipal	23 Marinha do Brasil
11 Ginásio de Esportes	24 Corpo de Bombeiros
12 CAESA	25 SEFAZ
13 Cemitério	26 CEA

Intinerário dos Barcos de Santana

Dia da Semana	Barco/ Navio	Saída/ Hora	Escalas	Previsão de Viagem	Destino	Observações
DOMINGO	Coronel José Júlio	Porto do Grego 10:00h	Breves Curralinho Barcarena	24:00h	Belém	
	Barco São Francisco de Paula I	Porto do Grego	Almerim Prahia Monte Alegre	36:00h	Santarém	Saída Int 12:00h e Só para 5
SEGUNDA	João Quirino	Porto do Grego	Almerim Prahia Monte Alegre	36:00h	Santarém	Saída Int 12:00h e Só para 5
	Navio São Francisco de Paula	Porto do Grego 10:00h	Direto	24:00h	Belém	
TERÇA	Darcy Júnior	Porto Souza Mar	Gurupá Souzel	36:00h	Altamira	Saída Varil 15:00h e
	Comandante João Quirino	Porto do Grego 18:00h	Almerim Prahia Monte Alegre	36:00h	Santarém	
QUARTA	Oliveira Nobre	Porto do Grego 12:00h	Direto	18:00h	Breves	
	Comandante Santos	Porto Souza Mar	Gurupá Souzel	36:00h	Altamira	Saída Varil 15:00h e
QUARTA	Seamar	Porto do Grego 18:00h	Almerim Prahia Monte Alegre	36:00h	Santarém	
	Comandante José Júlio	Porto do Grego 14:00h	Breves Curralinho Barcarena	24:00h	Belém	
QUARTA	Darcy Júnior	Porto Souza Mar	Gurupá Souzel	36:00h	Altamira	Saída Varil 15:00h e



QUINTA	Navio Luan	Grego 18:00h	Praia Monte Alegre	36:00h	Santarém	Saída Va 15:00h
Nenê Abdon	Porto do Grego 18:00h	Breves Curralinho Barcarena	40:00h	Belém		
Benathar	Porto Souza Mar	Gurupá Souzel	36:00h	Altamira		
Souza	Porto Souza Mar 18:00h	Monte Dourado	15:00h	Laranjal do Jari		
Viageiro	Porto do Grego 18:00h	Almerim Praia Monte Alegre	36:00h	Santarém		
São Francisco de Paula	Porto do Grego 10:00h	Direto	24:00h	Belém		
Darcy Júnior	Porto do Grego 18:00h	Gurupá Souzel	36:00h	Altamira		
Bom Jesus Pararau	Porto Souza Mar 18:00h	Monte Dourado	15:00h	Laranjal do Jari		
Bom Jesus Pararau	Porto do Grego 18:00h	Breves Curralinho Bos Vista Barcarena	36:00h	Belém		
Coramar	Porto Souza Mar 18:00h	Monte Dourado	15:00h	Santarém		
Comandante Ramon	Porto do Grego 10:00h	Breves	40:00h	Belém		
Gallieu III	Porto Souza Mar	Gurupá Souzel	36:00h	Altamira		

OBSERVAÇÕES

CAPITANIA DOS PORTOS - FONE: (96) 3281-5480 - SANTANA / (91) 3242-7188 - BELÉM
DISQUEIRIA ANTAQ - (0800-6445001
DISQUE SEGURANÇA DA NAVEGAÇÃO - 0800-2807200
DISQUE CRIANÇA - 0800-2852581
INFORMAÇÕES: (96) 8119-8444 / 9125-7756 / 9962-5473 / (93) 3522-2870

CUIDADOS BÁSICOS QUE O PASSAGEIRO DEVE TOMAR:
► Comparar a passagem sempre numa agência, nunca na rua.
► Menores, só acompanhados dos pais ou parentes até terceiro grau
mundos dos documentos comprobatórios (0800-2852581)



SHKINGH
AUTO ESCOLA
SHKINGH

NOVIDADE
KIT APROVAÇÃO
CURSO TEÓRICO

Seja Aprovado

1. Simulação de 1000q
2. Manual e Detalhado
3. DVDs das Matérias
4. Cartilha de Dicas

Várias Promoções Periódicas - Frete Grátis
Parcelas em até 6 X Cartão
Temos Credito Próprio e F12

3222-1666

VISITE-NOS COMPRE & GANHE

Rua Tiradentes, 765 - Centro - Maracá - PA

APROVEITE AS VANTAGENS

ADQUIRE SEUS CHANCES NA PROVA DE APROVAÇÃO

ANEXO 5 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP UNIFAP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA DE ÁREAS URBANA E PERI-URBANA RIBEIRINHA DO MUNICÍPIO DE SANTANA/AP: RELAÇÃO ENTRE URBANIZAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA

Pesquisador: Aline Silva Ramos

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 18868814.6.0000.0003

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 811.554

Data da Relatoria: 29/09/2014

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa será do tipo documentação direta, com caráter descritivo e quanti-qualitativo, tendo como objetivo verificar a relação existente entre urbanização e nível de qualidade de vida de moradores de área urbana e peri-urbana ribeirinha do município de Santana/AP, a partir da mensuração do índice de Felicidade Interna Bruta dos indivíduos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário

- Verificar a relação existente entre urbanização e nível de qualidade de vida de moradores de área urbana e peri-urbana ribeirinha do município de Santana/AP, a partir da mensuração do índice de Felicidade Interna Bruta dos indivíduos.

Objetivo Secundário

- Mensurar a Qualidade de Vida de indivíduos residentes em áreas urbanas centrais e periféricas e em área peri-urbana ribeirinha do município de Santana/AP, através do índice de Felicidade Interna Bruta;
- Comparar os índices de Felicidade Interna Bruta encontrados entre os três grupos de indivíduos e suas relações com o local de moradia dos mesmos;
- Verificar quais as dimensões do índice de FIB com resultados mais divergentes entre as três

Endereço: Rodovia Juscelino Kubistcheck de Oliveira - Km.02

Bairro: Bairro Universidade

CEP: 68.902-280

UF: AP

Município: MACAPA

Telefone: (96)4009-2805

Fax: (96)4009-2804

E-mail: cep@unifap.br